

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

ANA ISABEL FREIRE MONTEIRO DOS SANTOS MARINHO

#TEAMREFUGEES

**A MUDIATIZAÇÃO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016:
Um estudo de caso sobre o “*Refugee Olympic Team*”**

TERESINA (PI)
2018

ANA ISABEL FREIRE MONTEIRO DOS SANTOS MARINHO

#TEAMREFUGEES

**A MEDIATEZACÃO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016:
Um estudo de caso sobre o “*Refugee Olympic Team*”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Linha de Pesquisa: Mídia e Produção de Subjetividades.

Orientadora: Prof^a. Dra. Monalisa Pontes Xavier.

TERESINA (PI)
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

M337t Marinho, Ana Isabel Freire Monteiro dos Santos.
 TEAMREFUGEES : a midiatização da questão dos
 refugiados nos jogos rio 2016 : um estudo de caso sobre o
 “*Refugee Olympic Team*” / Ana Isabel Freire Monteiro dos
 Santos Marinho. – 2018.
 129 f.

 Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade
 Federal do Piauí, Teresina, 2018.
 “Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monalisa Pontes Xavier”.

 1. Midiatização. 2. Refugiados. 3. Comunicação. I. Título.

CDD 700.105

ANA ISABEL FREIRE MONTEIRO DOS SANTOS MARINHO

**#TEAMREFUGEES – A MEDIATEZACÃO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS
NOS JOGOS RIO 2016: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O “REFUGEE
OLYMPIC TEAM”**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal do Piauí, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Comunicação**

Monalisa Pontes Xavier

PROFA. DRA. MONALISA PONTES XAVIER

Presidente

Antônio Fausto Neto

PROF. DR. ANTÔNIO FAUSTO NETO

Examinador

Gustavo Fortes Said

PROF. DR. GUSTAVO FORTES SAID

Examinador

Para

*José Francisco e Maria Francisca
Ana Verônica Freire*

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, José Francisco e Maria Francisca, por seu amor e apoio em todos os momentos.

À Ana Verônica, minha querida irmã, que me inspira e encoraja a ser uma pessoa melhor a cada dia.

À querida professora Dra. Monalisa Xavier, pela gentileza em me receber como sua orientanda, pelo cuidado com que conduziu nossas discussões ao longo desse período, pela atenção dispensada na leitura e construção deste texto e, certamente, por me apresentar o CISECO (Melhor evento!). Obrigada!

Aos amigos que me acompanharam durante esses dois anos, Nina Cunha e Alisson Dias Gomes, pelas conversas, orientações e, principalmente, apoio para que eu cumprisse essa etapa.

Aos colegas do PPGCOM com os quais tive a satisfação de estudar e dividir as alegrias e angústias desse processo, em especial: Cristal Sá, Daniel Cunha, Denise Freitas, Marina Farias e Victor Lages.

Às queridas amigas Shaianna Araújo e Giovanna Jael pela torcida de sempre.

Aos professores Dra. Juliana Teixeira, Dr. Gustavo Said, Dr. Antônio Fausto Neto e Dr. Pedro Russi, que não apenas me ajudaram a construir esta pesquisa com suas sugestões, mas me inspiraram com seu apoio e ensinamentos para além da sala de aula.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI pelo conhecimento compartilhado, em especial ao Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes e Dra. Ana Maria Rodrigues por suas importantes contribuições para o início desta pesquisa.

Aos professores Dr. Gustavo Said e Dr. Antônio Fausto Neto pela gentileza de aceitarem nosso convite, meu e da Prof^a. Monalisa, para compor a banca de defesa deste trabalho.

Ao Centro Universitário Santo Agostinho por me possibilitar tempo para o desempenho das atividades relacionadas ao Mestrado.

À Universidade Federal do Piauí.

Muito obrigada!

*“A humanidade está em crise –
e não existe outra saída para ela
senão a solidariedade dos seres humanos.”*

Zygmunt Bauman (2017)

RESUMO

FREIRE, Ana Isabel. **#TeamRefugees - A midiatização da questão dos refugiados nos Jogos Rio 2016: um estudo de caso sobre o “Refugee Olympic Team”**. 2018, 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

A partir da segunda metade do século XX, a sociedade tem acompanhado o aumento no fluxo de migrantes em diferentes regiões do planeta, especialmente daqueles nomeados refugiados, sujeitos que, em razão de perseguições, guerras ou violações aos direitos humanos, se veem obrigados a deixar seu país, encontrando na migração a única forma de garantir sua sobrevivência. A partir de operações de midiatização, que suscitam atravessamentos entre práticas de diferentes campos em processos que alteram as enunciações, tornando-as cada vez mais complexas, a questão dos refugiados passa a ser discutida em diferentes espaços, desde os noticiários na mídia tradicional, os debates em redes sociais ou mesmo em megaeventos, como no caso desta pesquisa, onde analisamos a midiatização dos refugiados nos Jogos Olímpicos Rio 2016, onde a questão é explorada através do Time Olímpico de Refugiados (TOR), primeira equipe formada exclusivamente por atletas em situação de refúgio a participar da competição. Este estudo se propõe a compreender o que os discursos acerca do Time Olímpico de Refugiados produzem em termos de construção de sentidos sobre a midiatização da questão dos refugiados. Para tanto, utilizamos como referente os discursos a respeito do time de refugiados engendrados através de publicações de duas organizações: o *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR) e o Comitê Olímpico Internacional (COI). Buscamos nesse processo, entender como os refugiados são midiatizados a partir de discursos sobre o time, utilizando a Análise de Discursos, a partir de estudos de referenciais de Verón (2004), Pinto (2002) e Fausto Neto (2012), como referente para análise do material empírico constituído por notícias publicadas em páginas específicas criadas para o time nos sites das duas organizações citadas. Em nossas discussões teóricas, nos apoiamos em estudos sobre midiatização de Braga (2012), Fausto Neto (2008; 2012; 2018), Gomes (2008) e Xavier (2014), sobre migrações a partir de Cogo (2006), Sassen (2016) e Wenden (2016) e acerca da questão dos refugiados recorreremos a Agier (2006; 2011) e Bauman (2017). Por meio da análise realizada, observamos como a midiatização da questão dos refugiados possibilita a produção de sentidos acerca desses sujeitos, bem como em relação ao contexto social no qual essas populações estão inseridas.

Palavras-chave: Midiatização; Refugiados; Time Olímpico de Refugiados.

ABSTRACT

FREIRE, Ana Isabel. **#TeamRefugees - A midiatização da questão dos refugiados nos Jogos Rio 2016**: um estudo de caso sobre o “*Refugee Olympic Team*”. 2018, 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

From the second half of the 20th century, society has accompanied the increase in the flow of migrants in different regions of the planet, especially of those named refugees, individuals who, because of persecution, war or human rights violations, are obliged to leave their country, finding in migration the only way to ensure their survival. From mediatization operations, that elicit cross-between practices of different fields in processes that alter the enunciations, making them more and more complex, the issue of refugees starts to be discussed in different spaces, from the news in traditional media, debates in social media or even megaevents, as in the case of this research, where we analyze the mediatization of refugees at the Rio 2016 Olympic Games, where the issue is explored through the Refugee Olympic Team (ROT), first team formed exclusively by athletes in refuge situation to participate in the competition. This study aims to understand what the discourses about the Refugee Olympic Team produce in terms of meaning-building about the mediatization of the refugee issue. To do so, we use as reference the discourses about the refugee team generated through the publications of two organizations: the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) and the International Olympic Committee (IOC). We seek in this process to understand how refugees are mediated from such discourses about the team, using Discourse Analysis, from Verón references studies (2004), Pinto (2002) and Fausto Neto (2012), as reference for analyzing the empirical material constituted by news published in specific pages created for the team in the sites of the two cited organizations. In our theoretical discussions, we rely on studies on mediatization of Braga (2012), Fausto Neto (2008, 2012, 2018), Gomes (2006) and Xavier (2014), on migration from Cogo (2006), Sassen (2016) and Wenden (2016) and on the issue of refugees we have recourse to Agier (2006, 2011) and Bauman (2017). Through the analysis carried out, we observed how the mediatization of refugee issues allows the production of meanings about these subjects, as well as the social context in which these populations are inserted.

Keywords: Mediatization; Refugees; Refugees Olympic Team.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

		p.
FIGURA 1	Esquema para análise da midiaticização.....	21
FIGURA 2	Mapa ilustrativo da distribuição da população de refugiados no mundo.....	24
FIGURA 3	Gráfico dos principais países de acolhida a refugiados.....	26
FIGURA 4	Atletas do Time Olímpico de Refugiados e o presidente do COI, Thomas Bach, durante a apresentação oficial da equipe em agosto de 2016.....	32
FIGURA 5	Notícias publicadas sobre o Time Olímpico de Refugiados em portais nacionais e internacionais. À direita, matéria publicada na página do time no site do UNHCR.....	33
FIGURA 6	Final do revezamento 4x100 masculino nos Jogos Rio 2016.....	34
FIGURA 7	Notícias publicadas nas páginas do UNHCR (à esquerda) e do COI (à direita).....	40
FIGURA 8	Notícias veiculadas na página <i>Rio 2016: Refugee Olympic Team</i> , no site do UNHCR.....	43
FIGURA 9	Tela principal da página <i>Rio 2016: Refugee Olympic Team</i> , no site do UNHCR.....	45
FIGURA 10	Abertura do vídeo “ <i>Germany: syrian refugee eyes Rio Olympics</i> ”.....	49
FIGURA 11	Mapa do deslocamento de Samia produzido por Kleist.....	50
FIGURA 12	Imagens do cotidiano de Ibrahim em Atenas.....	53
FIGURA 13	Imagem de apresentação dos atletas do Time Olímpico de Refugiados publicada na página <i>Rio 2016: Refugee Olympic Team</i> , no site do UNHCR.....	54
FIGURA 14	Imagem destacada na capa do vídeo sobre o nadador Rami Anis, no site do UNHCR.....	55
FIGURA 15	Yolande Mabika: “Eu comecei no judô para ter uma vida melhor, para mudar a minha vida, porque eu procuro pela minha família há muitos anos”.....	57
FIGURA 16	Yeich Pur Biel, refugiado sul-sudanês que integrou o Time Olímpico de Refugiados.....	59
FIGURA 17	Rose Lokonyen e o desejo de união do seu povo por meio do esporte.....	60
FIGURA 18	Anjelina Nadai e o desejo exclusivo de ajudar os pais.....	63

FIGURA 19	Manifestações de apoio do TOR no Twitter.....	65
FIGURA 20	Rose Nathike carregando a bandeira olímpica na abertura dos Jogos Rio 2016.....	72
FIGURA 21	Yiech Pur Biel e Yusra Mardini durante encontro com membros do COI no Rio de Janeiro.....	74
FIGURA 22	Refugiados congolezes comemorando da vitória de Popole nas Olimpíadas do Rio.....	76
FIGURA 23	Artistas de rua responsáveis pelo mural em homenagem aos atletas do Time Olímpico de Refugiados.....	80
FIGURA 24	Tela principal da página Refugee Olympic Team, no site do COI.....	85
FIGURA 25	Yusra Mardini, apresentada como candidata a uma vaga no Time Olímpico de Refugiados.....	88
FIGURA 26	James Nyang, sul-sudanês refugiado no Quênia.....	91
FIGURA 27	Cenas do cotidiano de Yonas Kinde, na Bélgica.....	93
FIGURA 28	Yusra Mardini juntamente com outros adolescentes alemães, numa imagem que sugere a boa integração na jovem síria no país onde está refugiada.....	95
FIGURA 29	Popole Misenga, refugiado congolês, no vestiário do Instituto Reação (RJ) onde treina.....	96
FIGURA 30	Antonia Romana, sul-sudanesa refugiada desde 1995 no campo de Kakuma, no Quênia.....	100
FIGURA 31	Telão montado no Campo de Kakuma para que os refugiados que lá residem acompanhassem as provas do Time Olímpico de Refugiados.....	103
FIGURA 32	Crianças refugiadas atentas à exibição dos Jogos no telão montado no Campo de Kakuma.....	103
FIGURA 33	Yusra Mardini durante discurso na Cúpula de Líderes sobre Refugiados, em Nova York.....	105
FIGURA 34	Jovens refugiadas durante atividades esportivas organizadas pelo Comitê Olímpico do Chipre.....	108
FIGURA 35	Yusra Mardini, atleta do Time Olímpico de Refugiados, Embaixadora da Boa vontade da ONU.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AD	Análise de Discursos
CISECO	Centro Internacional de Semiótica & Comunicação
COI	Comitê Olímpico Internacional
HDTV	<i>High-definition television</i>
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
ROT	<i>Refugee Olympic Team</i>
TIC	Tecnologia de informação e de comunicação
TOR	Time Olímpico de Refugiados
UE	União Europeia
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNHCR	<i>United Nations High Commissioner for Refugees</i>
UNRWA	<i>United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees</i>

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO.....	13
1 MADIATIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	17
1.1 Uma sociedade em vias de midiatização.....	17
1.2 A produção de sentidos e os dispositivos técnico-institucionais.....	20
2 OS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016.....	23
2.1 Os processos migratórios contemporâneos.....	23
2.2 Migrações e refugiados nos Jogos Olímpicos.....	30
2.3 O megaevento como espaço midiatizado.....	32
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	37
3.1 Estratégias metodológicas: uma questão de escolha.....	37
3.1.1 A abordagem da pesquisa.....	38
3.1.2 Caracterização da pesquisa.....	38
3.1.3 Seleção dos observáveis.....	39
3.1.4 Estratégias de observação.....	40
3.1.5 Procedimento de análise do material empírico.....	41
4 A MADIATIZAÇÃO DOS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016.....	44
4.1 Os refugiados nos Jogos Rio 2016 pelo UNHCR.....	44
4.1.1 O <i>United Nations High Commissioner for Refugees</i> (UNHCR).....	44
4.1.2 A produção de sentidos na página <i>Rio 2016: Refugee Olympic Team</i>	46
4.2 Os refugiados nos Jogos Rio 2016 pelo COI.....	84
4.2.1 O Comitê Olímpico Internacional (COI).....	84
4.2.2 A produção de sentidos na página <i>Refugee Olympic Team</i>	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111

REFERÊNCIAS.....	114
ANEXOS.....	121

INTRODUÇÃO

A migração é, sem dúvidas, um tema complexo e multifacetado que tem produzido inquietações em diferentes campos e contextos sociais ao longo dos anos. Atualmente, com a intensificação dos fluxos migratórios em todo o mundo e o aumento do número de deslocamentos, especialmente os denominados “deslocamentos forçados”, cresce também o interesse em discutir esse fato social.

Em nossa pesquisa, buscamos compreender o processo de midiaticização dos refugiados a partir do olhar lançado sobre o caso do Time Olímpico de Refugiados (TOR), equipe que competiu nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Intentamos analisar a questão a partir de um viés comunicacional, ou seja, nos propomos a construir um pensamento comunicacional sobre tal fato, partindo de uma perspectiva de sociedade em acelerado processo de midiaticização. Entendemos que todo processo migratório tem suas especificidades, principalmente os deslocamentos forçados, cujo movimento não resulta de uma simples escolha dos indivíduos. Em um contexto de transformações das configurações sociais que se refletem em mudanças nas formas de relacionamento entre os atores sociais e a mídia, acreditamos ser imprescindível refletir sobre a midiaticização de processos sociais contemporâneos e, para isso, nos ateremos à questão migratória.

A fim de analisar a midiaticização dos refugiados no contexto dos Jogos Rio 2016, nos atemos às construções discursivas acerca desses sujeitos que são midiaticizados a partir de notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados, publicadas em sites de duas grandes organizações: o *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR) e o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Em 2016, o COI promoveu na cidade do Rio de Janeiro, a primeira edição de Jogos na América Latina. Mais que disputas por medalhas e quebras de recordes, a edição Rio 2016 teve um componente de destaque: a presença de uma equipe formada por atletas refugiados, nomeada “Time Olímpico de Refugiados”.

O time foi criado num contexto que une o agravamento da crise migratória global e a realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016, tendo sido formado por dez atletas, sendo eles:

- Nome: Anjelina Nadai Lohalith, 21 anos; país de origem: Sudão do Sul / Refugiada no Campo de Kakuma (Quênia); Modalidade: Atletismo (1.500 metros).

- Nome: James Nyang Chiengjiek, 28 anos; país de origem: Sudão do Sul / Refugiado no Campo de Kakuma (Quênia); Modalidade: Atletismo (800 metros).

- Nome: Paulo Amotun Lokoro, 24 anos; país de origem: Sudão do Sul / Refugiado no Campo de Kakuma (Quênia); Modalidade: Atletismo (1.500 metros).

- Nome: Popole Misenga, 24 anos; país de origem: República Democrática do Congo / Refugiado no Brasil; Modalidade: Judô (peso médio).

- Nome: Rami Anis, 25 anos; país de origem: Síria / Refugiado na Turquia; Modalidade: Natação (100 metros borboleta).

- Nome: Rose Nathike Lokonyen, 23 anos; país de origem: Sudão do Sul / Refugiada no Campo de Kakuma (Quênia); Modalidade: Atletismo (800 metros).

- Nome: Yiech Pur Biel, 21 anos; país de origem: Sudão do Sul / Refugiado no Campo de Kakuma (Quênia); Modalidade: Atletismo (800 metros).

- Nome: Yolande Mabika, 28 anos; país de origem: República Democrática do Congo / Refugiada no Brasil; Modalidade: Judô (peso médio).

- Nome: Yonas Kinde, 36 anos; país de origem: Etiópia / Refugiado em Luxemburgo; Modalidade: Atletismo (maratona).

- Nome: Yusra Mardini, 18 anos; país de origem: Síria / Refugiada na Alemanha; Modalidade: Natação (200 metros de estilo livre).

O anúncio da criação da equipe se deu em um momento em que se tornavam cada vez mais frequentes as notícias sobre o aumento no número de deslocamentos forçados em decorrência de conflitos, guerras, fome e violações aos direitos humanos em diversos países, especialmente, na África, Oriente Médio e Sul da Ásia, midiaticizados através de relatos sobre milhares de refugiados arriscando a vida em travessias pelo deserto no continente africano ou tentando cruzar o Mar Mediterrâneo para chegar à Europa.

O TOR foi intensamente midiaticizado, principalmente por seu ineditismo associado ao momento histórico de agravamento da crise migratória global. Notícias sobre sua criação e histórias de vida dos atletas figuraram em órgãos de imprensa nacionais e internacionais, além de produções realizadas pelo COI e pelo *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR), que compõem o observável desta pesquisa.

A partir do tensionamento entre o processo de midiaticização em curso na sociedade e a construção discursiva da migração no contexto dos Jogos Olímpicos através do time de refugiados, apontamos o seguinte problema de pesquisa: O que os discursos acerca do Time Olímpico de Refugiados produzem em termos de construção de sentidos sobre a midiaticização da questão dos refugiados?

Nesse sentido, entendemos que a mídia passa a ser mais que instrumento para outros campos, dando ensejo à conformação de ambiência insurgente onde se constituem outros

regimes de discursividades, como nos apresenta Fausto Neto (2012). É nesse contexto social em vias de mediação que buscamos construir o objeto desta pesquisa.

Apontamos aqui duas hipóteses principais: 1- Por meio dos discursos mediados sobre o time de refugiados, tanto UNHCR quanto COI empreendem um trabalho de construção de um refugiado normativo, ou seja, um modelo ideal de refugiado; 2- Embora afirmem que a criação da equipe tenha como objetivo chamar atenção para a situação dos refugiados, o que tais discursos promovem é um silenciamento dos múltiplos aspectos dessa crise humanitária.

Temos como principal objetivo de nosso trabalho compreender o que os discursos acerca do Time Olímpico de Refugiados produzem em termos de construção de sentidos sobre a mediação da questão dos refugiados.

Para isso, por meio da Análise de Discursos (AD), observamos a mediação do time através das notícias publicadas nas páginas destinadas à equipe nos sites das duas organizações citadas anteriormente, sendo: a página *Refugee Olympic Team* (www.olympic.org/news/refugee-olympic-team), seção do site oficial do COI e a página *Rio 2016: Refugee Olympic Team* (www.unhcr.org/rio-2016-refugee-olympic-team.html), seção que integra o site oficial do UNHCR. Optamos pela Análise de Discursos em virtude da possibilidade de alcançar uma compreensão mais abrangente do processo que estudamos, tendo em vista não apenas elementos linguísticos, mas, sobretudo sociais, culturais e históricos, cujos traços são determinantes em sua constituição.

A decisão de trabalhar com tal equipe se deu em função tanto do ineditismo a ela associado, como da visibilidade alcançada antes, durante e após os Jogos, possibilitando a produção de novos sentidos, novas inteligibilidades a partir dos discursos em circulação nas páginas do UNHCR e do COI.

A fim de que possamos alcançar o objetivo principal aqui pretendido, apontamos alguns passos do processo de construção da pesquisa, são eles: 1- Compreender a mediação de processos sociais contemporâneos; 2- Analisar dos possíveis sentidos construídos sobre o time de refugiados a partir dos discursos das organizações e; 3- Entender como tais discursos produzem sentidos acerca das populações de refugiados.

Além desta introdução, nosso trabalho é composto ainda por outros quatro capítulos. No capítulo um, temos a apresentação do atual contexto social marcado por um acelerado processo de mediação que, conforme Verón (2004, p. 85) nos conduz a “funcionamentos significantes cada vez mais complexos”. Nele são apresentadas características da sociedade

em vias de midiaticização, cujo funcionamento desencadeia novas enunciações, complexificando, segundo Fausto Neto (2009), a noção de processos midiáticos.

No capítulo dois, discorremos acerca dos processos migratórios na contemporaneidade, temática que tem gerado debates e pesquisas em diferentes campos sociais. Entendemos, conforme Wenden (2016) e Sassen (2016), que esses processos nos oferecem um interessante lugar para pensarmos as dinâmicas sociais. Por ser uma questão importante para diversos campos sociais, o aumento do fluxo de deslocamentos de pessoas e do número de indivíduos em situação de refúgio incide diretamente nos discursos que são produzidos e postos em circulação a respeito das migrações.

No capítulo três abordamos as questões metodológicas que dão sustentação ao nosso trabalho analítico. Realizamos aqui uma pesquisa empírica, de caráter qualitativo, utilizando como estratégia de observação o estudo de caso (Yin, 2015). O procedimento de análise do material empírico sustenta-se na Análise de Discursos, em um esforço para alcançar, na superfície discursiva, os efeitos possíveis da midiaticização das migrações e refugiados no contexto dos Jogos Olímpicos; para tal, utilizamos referenciais de Verón (2004), Pinto (2002) e Fausto Neto (2012).

No capítulo quatro estão as análises do nosso corpus, divididas em dois momentos: as análises das notícias produzidas pelo UNHCR e, em seguida, as análises das notícias produzidas pelo COI. Neste capítulo, discutimos a midiaticização da questão e a construção midiaticizada dos refugiados a partir dos discursos em circulação nas duas páginas, apresentando os perfis de refugiados e os silenciamentos que ocorrem em relação às particularidades dos processos migratórios desses sujeitos.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, nas quais constam nossas impressões sobre todo o processo analítico desenvolvido ao longo desta pesquisa, que nos levou a compreender como a midiaticização dos refugiados através dos discursos produzidos sobre o TOR no contexto dos Jogos Olímpicos opera sentidos sobre essas populações específicas de migrantes.

Com a finalidade de não gerarmos muitas notas de rodapé o que, entendemos, poderia resultar em prejuízos para o ritmo de leitura do texto, reunimos em anexo as notas de trechos e citações traduzidos ao longo deste trabalho, lá apresentados em seus idiomas originais.

1 MUDIATIZACÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

1.1 Uma sociedade em vias de midiatização

De acordo com Fausto Neto (2012, p. 298), “os acontecimentos são tecidos hoje no contexto da midiatização no qual as mediações, enquanto práticas sociais, são afetadas por uma nova arquitetura comunicacional” e é nesse contexto que situamos nossa pesquisa.

O aumento do fluxo de migrantes e refugiados na contemporaneidade é um acontecimento que atravessa e afeta diferentes campos em virtude de suas dimensões histórica, política, econômica, cultural, subjetiva e também midiática, sendo que a produção de sentidos sobre tal fato social está fundada no contexto da midiatização em curso.

A midiatização se processa em ambiência distinta daquela das mediações. Nessa nova ambiência, tanto a percepção de si quanto da realidade social passam a se constituir a partir das relações que os sujeitos e as instituições estabelecem com o campo midiático, que se apresenta como um lugar de compreensão da sociedade. Vejamos o entendimento de Gomes (2006, p. 121) sobre o processo de midiatização em curso:

A midiatização é a reconfiguração de uma ecologia comunicacional (ou um bios midiático). Torna-se (ousamos dizer, com tudo o que isso implica) um princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social. Noutras palavras, a midiatização é a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade. Nesse sentido, a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais.

As transformações que se processam nessa ambiência da midiatização podem ser percebidas, conforme Fausto Neto (2008, p. 92), nas instâncias de produção, circulação e consumo de discursos, de modo que “a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denomina a ‘cultura da mídia’”.

Assim, as lógicas dessa cultura da mídia, se tornam uma “referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais”, como argumenta Fausto Neto (2008, p. 93), deixando de ocupar uma posição auxiliar no contexto social, possibilitando ainda a instituição de diferentes operações de sentido que são cotidianamente construídas, apontando para um novo “feixe de relações”.

Devemos salientar que, quando nos referimos ao processo de midiatização, não podemos nos restringir às mudanças apenas no âmbito da técnica, e não pretendemos aqui diminuir sua importância. A evolução dos dispositivos tecnológicos, aliada às mudanças na

forma como os sujeitos passam a se relacionar com a mídia, incidem em um novo regime de visibilidade (SODRÉ, 2009), que introduz variáveis técnicas, econômicas e políticas.

É evidente que os avanços na área de tecnologias da informação têm grande importância no processo de midiaticização contemporâneo, no entanto, seu impacto pode ser percebido, como argumenta Fausto Neto (2008), especialmente no âmbito das práticas sociais, na medida em que tais operações afetam tanto o campo midiático, como os demais campos sociais, impactando os processos produção de sentido.

O referido autor sinaliza que, diferente do que se processa na sociedade dos meios, onde as mídias possuíam uma autonomia relativa frente a outros campos sociais, no cenário atual temos a midiaticização como fenômeno que “transcende aos meios e mediações”. Assim, ela viabiliza o surgimento de diferentes enunciações, pois:

[...] desloca a problemática dos meios do âmbito dos campos sociais, e dos próprios meios em si, para a dos processos, complexificando a própria noção de processos midiáticos na medida em que estes passam a ser vistos como geradores de novas estruturas enunciativas, segundo novos elementos de caráter tecno-discursivo. (FAUSTO NETO, 2009, p. 9).

Segundo Xavier (2014, p. 44), o processo de midiaticização provoca uma redefinição do desenho social dos campos quando, a partir de uma dinâmica de atravessamentos, os espaços antes bem definidos, se reconfiguram. Nas palavras da autora: “[...] a medida que a mídia vai povoando os espaços fronteiros, passa a se expandir, extrapolando limites até então bem estabelecidos e criando outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados”.

No que tange ao nosso objeto e fazendo um paralelo com o pensamento de Braga (2012), percebemos os atravessamentos que se processam, a partir de uma dinâmica da midiaticização, onde campos originalmente “não-midiáticos” passam a produzir sentidos segundo lógicas e operações do campo das mídias, como é o caso das duas organizações que analisamos aqui: UNHCR e COI.

Campos diversos da sociedade – seja por iniciativa de atores plenamente autorizados nas práticas do próprio campo; seja por vozes marginais, tentando ocupar espaços dentro deste – passam a ampliar/qualificar/reforçar/modificar processos internos ou de interação com o extracampo, através de tecnologias midiaticizadas. (BRAGA, 2015, p. 25).

Braga afirma que a midiaticização acaba se constituindo em processo interacional de referência no contemporâneo, na perspectiva da própria organização da sociedade e não se

restringindo apenas às preferências por determinadas formas de interação: “Entendemos que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores na construção da realidade social” (BRAGA, 2006, p. 11).

No caso aqui analisado, observamos duas organizações de campos “não-midiáticos”, o UNHCR e o COI que, diante do contexto social marcado pelo aumento do número de migrantes e a situação de crise humanitária que se desenha no mundo, especialmente no período próximo à realização dos Jogos Olímpicos de 2016, se apropriam das ferramentas e lógicas da mídia, passando a produzir discursos e sentidos sobre os refugiados.

Em nosso entendimento, dada sua importância no contexto social contemporâneo, tais organizações assumem o lugar de “dispositivos técnico-institucionais” que, na perspectiva de Fausto Neto (2012, p. 308) se constitui no dispositivo que:

[...] produz e dissemina discursos, concomitantemente para as mídias (velhas e novas) e para os receptores do seu site, criando, através de plataformas de circulação, três zonas de contatos: com as mídias, com os receptores de velhas e novas mídias; e com os receptores que interagem diretamente com o site; [...].

Ainda de acordo com o autor, é a partir desse lugar que organizações como as que estudamos aqui, elegem acontecimentos, organizando as operações que possibilitarão a conformação de inteligibilidades distintas daquelas que seriam construídas a partir do discurso midiático, num processo que discutiremos nas seções seguintes.

Uma característica do processo de mediação em curso é justamente o atravessamento entre os diversos campos sociais, de modo que, para compreendermos esse contexto, devemos nos ater às relações estabelecidas entre tais campos, onde as lógicas de funcionamento ou modos de operação e de percepção de si e da realidade social são em parte reconfiguradas a partir dos atravessamentos e interações específicos da mediação.

Ao falar sobre o conceito de campo, Bourdieu (2004, p. 20) nos apresenta a ideia de um mundo social com leis sociais mais ou menos específicas, quando afirma que: “A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas”.

No entanto, no contexto da mediação, a ideia de autonomia entre os campos se diluiu, conforme defende Xavier (2014), de modo que compreender as interações decorrentes dos atravessamentos entre os demais campos sociais e a mídia torna-se mais relevante do que estabelecer as fronteiras entre eles. Devemos entender as particularidades que se apresentam

em decorrências dos atravessamentos ou agenciamentos entre eles, que resultam em outras formas de interação entre os campos e o ambiente externo, como argumenta a autora no trecho a seguir:

A partir da formação de agenciamentos, temos que não é só a mídia que é reinventada socialmente ou ainda responsável pela midiaticização da sociedade, mas, na emergente lógica interacional, também os campos e processos sociais se reconstróem constantemente e igualmente respondem pela midiaticização, cada um com sua incidência específica. (XAVIER, 2014, p. 46)

Assim, quando organizações como o UNHCR e o COI se apropriam de lógicas e regras do campo midiático para construir narrativas a respeito das migrações ou das populações de refugiados através do Time Olímpico de Refugiados, dão ensejo a uma complexa operação de construção de sentidos (FAUSTO NETO, 2012) a respeito dos migrantes.

1.2 A produção de sentidos e os dispositivos técnico-institucionais

Quando nos propusemos a analisar a midiaticização da questão dos refugiados a partir das notícias veiculadas sobre o TOR nos sites do UNHCR e do COI, lançamos um olhar investigativo sobre a produção de sentidos a partir de discursos que circulam fora dos limites da mídia tradicional.

No atual contexto social, em que as práticas se apresentam fortemente permeadas pelas lógicas midiáticas, nos apoiamos nas ideias de Fausto Neto (2012) para buscar elucidar o espaço em que nosso objeto é construído. De acordo com o autor, é importante observarmos que, na ambiência da midiaticização, o campo profissional da mídia perde a exclusividade de mediação do acontecimento, uma vez que tanto produtores como receptores de discursos passam a agir em contextos diferentes.

Para melhor compreendermos a ideia do autor, trazemos o esquema de Verón (1997), no qual temos a midiaticização e suas processualidades através da apresentação das relações entre a mídia, as instituições e os atores/indivíduos:

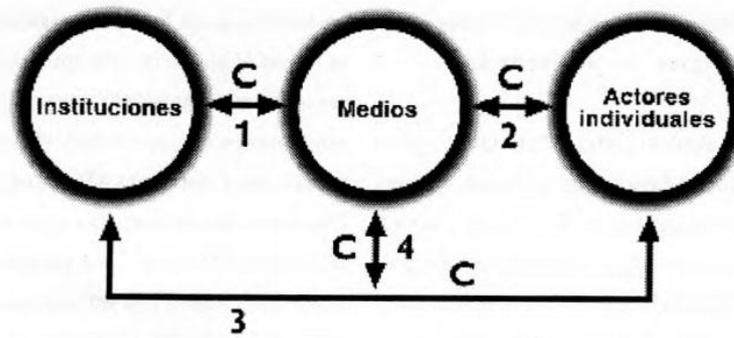


Figura 1: Esquema para análise da midiatização
Fonte: VERÓN, 1997

No esquema proposto pelo autor, nos deparamos com as diferentes zonas de afetação propiciadas pelo processo de midiatização. Nele são sinalizadas as relações através de flechas duplas que evidenciam um processo de trocas e influências que se estabelecem em dois sentidos: temos, na primeira flecha, a relação entre os meios e as instituições (C1), a segunda apontando a relação entre os meios e os atores ou indivíduos (C2), a relação entre as instituições e os atores na terceira (C3) e a afetação produzida pelos meios na relação entre as instituições e os atores representada pela quarta flecha (C4).

Como nos apresenta Fausto Neto (2006), a midiatização se constitui como um fenômeno que se manifesta no interior das processualidades sociais. Nesse sentido, o diagrama proposto por Verón nos é particularmente interessante, pois demonstra de modo esquemático, algumas transformações que falam diretamente ao contexto no qual desenvolvemos nossa pesquisa. A partir do esquema, percebemos, como aponta Fausto Neto (2006, p. 11), os modos como a midiatização afeta as práticas institucionais, uma vez que as instituições passam a se apropriar das lógicas dos meios a fim de produzirem “as possibilidades de suas novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos”.

Compreendemos que este quadro se relaciona com nosso objeto na medida em que temos duas organizações – UNHCR e COI –, dispensando parcialmente o papel mediador dos meios, se colocando como produtoras de discursos, abrindo a possibilidade de conversa direta com o receptor por meio de seus sites. Dizemos que elas dispensam apenas parcialmente o papel mediador dos meios por entendermos que o material produzido tem como público também as mídias tradicionais. Segundo Fausto Neto (2012, p. 302), isso atesta a singularidade e especificidade do processo de midiatização:

Este novo quadro faz com que processos interacionais, orquestrados por “mediadores institucionais”, se vejam atravessados por novas formas de “articulação de contatos” que enfraquecem as possibilidades do “poder dizer” unilateral de estruturas enunciativas centradas nas lógicas “fala intermediária”.

Ainda em conformidade com Fausto Neto (2017, s.p.), devemos entender que, no contexto de uma sociedade em midiatização, os processos e fluxos se transformam de modo a termos um modelo de interação social distinto, o que se refletirá, inclusive, na constituição dos objetos comunicacionais, como evidenciado no trecho a seguir:

Todos os nossos encontros com os meios se dão numa processualidade, num ambiente de fluxo intenso, onde nós nos instalamos também. É nesse ambiente que se estabelece o novo modelo de interação social. O objeto comunicacional, portanto, não está mais retido em fronteiras específicas de campos, ele não está mais retido na fronteira física ou técnica de uma estação televisiva, de um jornal, de uma rádio, o objeto comunicacional espalha-se por toda arquitetura da midiatização, espalha-se sobre todas as práticas sociais, gerando novas interações, novas relações socio-técnicas e um novo funcionamento dos significantes da linguagem.

No caso do nosso objeto temos que, ao produzirem notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados, UNHCR e COI se apropriam de lógicas do campo midiático, não simplesmente produzindo conteúdos sobre a equipe, mas principalmente, produzindo inteligibilidades, sentidos próprios sobre o refugiado. Isso nos parece em acordo com o que afirma Fausto Neto (2012, p. 300):

Uma vez que, todas as práticas – institucionais e individuais – estão atravessadas por efeitos das configurações desta nova ambiência, significa dizer que o acontecimento depende cada vez menos de uma “decisão soberana” de um campo e de sua respectiva atividade de mediação [...] O acontecimento resulta menos de uma decisão soberana do ambiente jornalístico porque é permeado por transações que envolvem o deslocamento das instituições e dos atores sociais na medida em que estes passam a ser “produtores” e gestores de um novo tipo de trabalho de produção de sentidos.

Compreendemos assim que, a partir das ideias do referido autor, esse quadro sinaliza para o surgimento de um “novo tipo de matriz de discursividades” (FAUSTO NETO, 2012, p. 310), através da qual os dispositivos não estão irremediavelmente vinculados às instituições midiáticas como único canal de mediação entre eles e os receptores, mas são afetados por suas lógicas e processos de articulação, produzindo eles próprios sentidos sobre os acontecimentos nos quais estão inseridos.

2 AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E OS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016

2.1 Os processos migratórios contemporâneos

A migração se tornou, nas últimas décadas, um tema que tem instigado pesquisadores de diferentes áreas, dado sua grande incidência em diferentes campos sociais. É possível perceber as mudanças em curso na contemporaneidade quando nos referimos ao contexto dos deslocamentos populacionais, que resultam em processos migratórios distintos daqueles ocorridos anteriormente.

As migrações em curso desde a segunda metade do século XX apresentam características que as diferenciam sensivelmente dos processos ocorridos antes desse período, como evidenciam diversos estudos da área. É sabido que os processos migratórios são inerentes às sociedades humanas desde épocas remotas e que, com o passar do tempo, se modificam as razões que motivam tais deslocamentos.

Com pesquisas que analisam os fluxos migratórios, políticas migratórias e cidadania, especialmente na Europa, Catherine Wenden (2016), aponta para as complexas mudanças ocorridas nas migrações internacionais desde o início do século XXI. De acordo com a pesquisadora, ao contrário do que foi registrado em décadas passadas, quando os deslocamentos foram marcados pela emigração européia para outras partes do mundo, o que se percebe atualmente é uma grande movimentação, especialmente no Sul, sendo que a tendência é que tais fluxos se intensifiquem, como afirma no trecho a seguir:

Esse processo tende a continuar, pois os fatores da mobilidade estão longe de desaparecer; eles são estruturais: defasagens entre os níveis de desenvolvimento humano (que combinam a expectativa de vida, o nível de educação e o nível de bem-estar) ao longo das grandes linhas de fratura do mundo; crises políticas e ambientais que são “produtoras” de refugiados e deslocados; redução do custo dos transportes; generalização da emissão de passaportes, inclusive nos países de onde outrora era difícil partir; falta de esperança nos países pobres e mal governados; papel das mídias; tomada de consciência de que é possível mudar o curso da própria vida pela migração internacional; e, enfim, as mudanças climáticas. (WENDEN, 2016, p. 18).

Também estudiosa da temática, a socióloga Saskia Sassen (2016) aponta que as migrações em curso na atualidade, embora menores que as anteriores, nos oferecem um interessante lugar de compreensão das dinâmicas sociais, daquilo que impele os indivíduos a se deslocarem, já que, para ela, o migrante é como um “indicador de uma história em construção” (SASSEN, 2016, p. 30).

Wenden (2016) nos apresenta duas categorias de migrantes que, em acordo com suas pesquisas, merecem especial atenção: os migrantes irregulares e os refugiados, sendo esse último o grupo foco de nosso estudo. No que diz respeito à categoria de refugiados, a pesquisadora destaca sua ampliação desde a década de 1980 até os dias atuais como resultado de grandes crises contemporâneas, como por exemplo, os conflitos na América Latina, Oriente Médio, países africanos dos Grandes Lagos, regiões curdas, Eritreia, Somália e, recentemente, Síria.

Uma estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), apresentada no relatório “*Global Trends: Forced displacement in 2016*”, aponta que passam de 65 milhões o número de pessoas em deslocamento forçado no mundo. Produzido pelo *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR), o documento sinaliza que esse número abrange 22,5 milhões de refugiados, sendo 17,2 milhões sob mandato do UNHCR e 5,3 milhões de palestinos registrados no *United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees* (UNRWA), agência estabelecida pela Assembleia Geral da ONU em 8 de dezembro de 1949 e que, desde 1950, presta serviços assistenciais a refugiados da Palestina. Os números do relatório incluem ainda 40,3 milhões de pessoas deslocadas internamente, ou seja, que saíram de suas casas, mas permanecem no país de origem, e 2,8 milhões de requerentes de asilo. Do total de refugiados, estima-se que 55% sejam provenientes da Síria, Afeganistão e Sudão do Sul, sendo que mais da metade dos 22,5 milhões de refugiados são menores de 18 anos (51%).

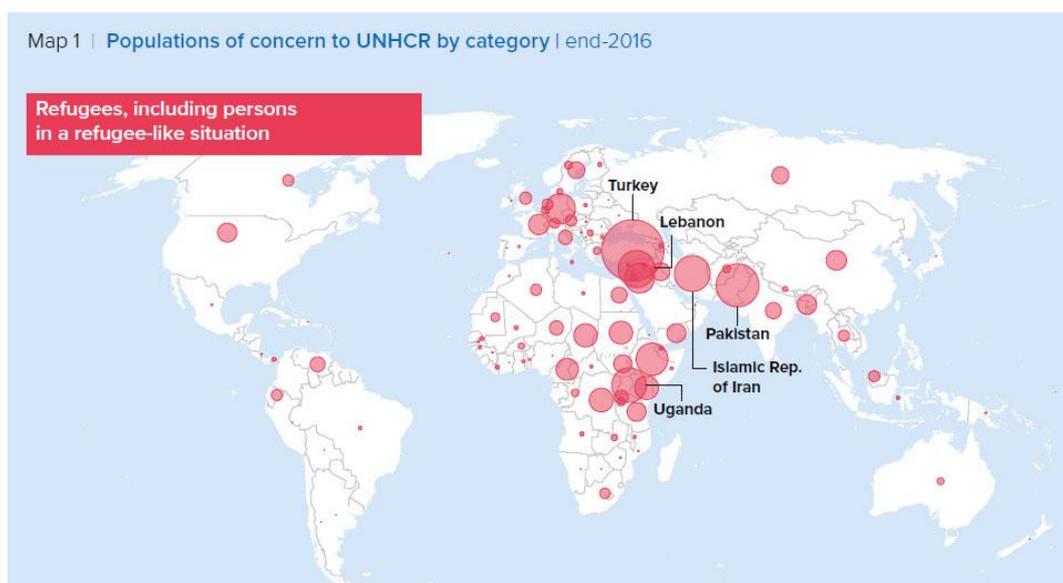


Figura 2: Mapa ilustrativo da distribuição da população de refugiados no mundo
Fonte: UNHCR, 2017.

Para a ONU, são consideradas situações de deslocamento forçado os casos em que, por motivos de perseguições, conflitos, violência generalizada ou violações aos direitos humanos, os sujeitos se vêem obrigados a abandonar sua casa e migrar em busca de segurança, dentro ou fora de seu país de origem. Assim, os números do relatório divulgado em 2017 incluem pessoas refugiadas, deslocados internos e requerentes de asilo; não estão contabilizadas aí as chamadas migrações econômicas e nem tampouco os deslocados ambientais.

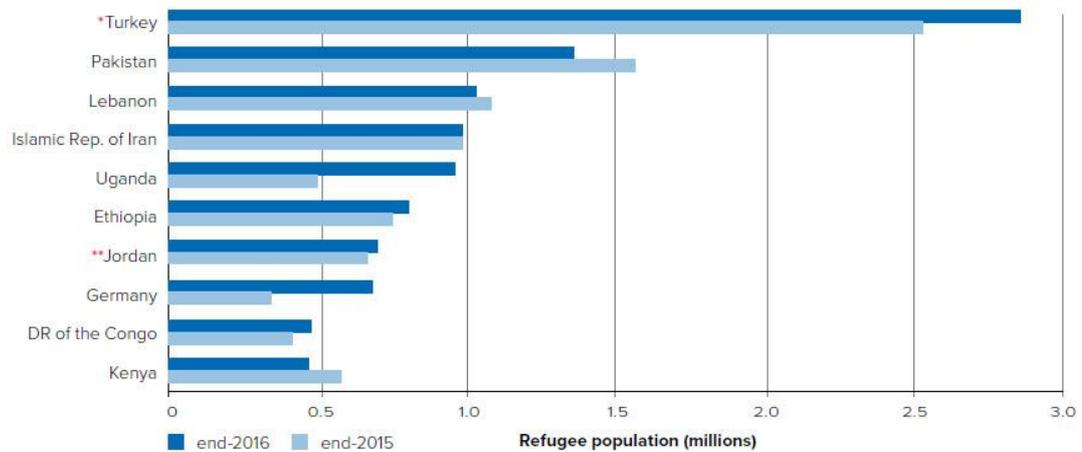
Desde 2014, observamos um aumento do fluxo de deslocamentos de pessoas pelo mundo, especialmente migrantes refugiados, o que contribui para a configuração de um quadro de crise humanitária que, embora tenha se espalhado por diversos continentes, tem na Europa e África os principais focos de atenção. Tais movimentos são acompanhados através de uma intensa cobertura midiática que dá conta dos deslocamentos e/ou chegadas de migrantes ao continente europeu, oriundos, em sua maioria, de países da África, Oriente Médio e sul da Ásia.

Sassen (2016) aponta a Europa como destino preferencial para a maioria dos refugiados nos fluxos contemporâneos, especialmente para aqueles que se deslocam via Mar Mediterrâneo. Vejamos o que diz a autora:

Atualmente, o Mediterrâneo, especialmente sua porção oriental, é o local onde os refugiados, contrabandistas e a União Europeia (UE) implementam cada qual suas próprias lógicas específicas e conjuntamente produziram uma enorme crise multifacetada. Um aspecto desta crise foi o repentino aumento do número de refugiados no final de 2014, uma conjuntura não prevista pelas autoridades competentes da UE, dado que as guerras das quais essas pessoas estavam fugindo vinham acontecendo há vários anos. (SASSEN, 2016, p. 36).

O aumento do fluxo de deslocamentos pelo mundo acabou por contribuir para a configuração de um quadro de crise humanitária. Em meados de 2015, essa crise teve seu alcance potencializado a partir da cobertura midiática sobre os deslocamentos e, principalmente, chegada de grupos diversos ao continente europeu. O intenso fluxo de pessoas tentando chegar à Europa e também aos Estados Unidos aparece de modo mais evidente nas coberturas midiáticas, por atingir diretamente grandes centros econômicos e políticos do ocidente. Com o agravamento da crise econômica em países da União Europeia, (o primeiro pacote de ajuda financeira para a Grécia foi aprovado em 2010 pela UE e o Fundo Monetário Internacional), suas populações começaram a experimentar períodos de instabilidade, que minaram suas expectativas sociais.

Figure 4 | Major refugee-hosting countries



* Refugee figure for Syrians in Turkey was a Government estimate.

** Includes 33,100 Iraqi refugees registered with UNHCR in Jordan. The Government estimated the number of Iraqis at 400,000 individuals at the end of March 2015. This includes refugees and other categories of Iraqis.

Figura 3: Gráfico dos principais países de acolhida a refugiados.

Fonte: UNHCR, 2017

Conforme nos diz Cogo (2006, p. 14), os fluxos migratórios em curso a partir da segunda metade do século XX apresentam configurações distintas dos ocorridos anteriormente, de modo que “a inversão das viagens concorre para recompor as relações entre os chamados países centrais e periféricos”, processo esse favorecido pela facilidade de contato propiciada pela globalização.

Ao nos atermos especificamente sobre a questão dos deslocamentos de refugiados, nos deparamos com um quadro ainda mais delicado dentro do panorama das migrações. Ao considerarmos a complexidade do processo migratório e, especificamente das migrações de refugiados, temos um contexto onde diversos campos se entrecruzam, produzindo disputas que irão se refletir no modo como tais migrações são discursivamente construídas, principalmente através de produções midiáticas.

Importante lembrar que a distinção entre o migrante refugiado e os demais não está circunscrita apenas a uma questão taxonômica, já que existem inclusive dispositivos legais que corroboram para sua diferenciação frente aos demais contextos de mobilidade, tais como a Convenção sobre o Estatuto de Refugiados de 1951, o Protocolo de Nova York de 1967 e a Declaração de Cartagena de 1984, por exemplo. O UNHCR considera que:

“Os refugiados são pessoas que fogem de conflitos ou perseguições. Eles são definidos e protegidos em direito internacional, e não devem ser expulsos ou retornados a situações em que sua vida e liberdade estão em risco” (UNHCR, 2017, s. p.).

Segundo relatório divulgado em 2016 pela Anistia Internacional, aproximadamente 0,3% da população mundial é composta por pessoas refugiadas. O relatório “*Atajar la crisis global de refugiados*”, que apresenta um mapa da crise, discute a postura dos países da União Européia frente à mesma e propõe o compartilhamento da responsabilidade pela vida dos refugiados, como ilustra o trecho a seguir:

[...] muitos dos Estados mais ricos do mundo são os que menos acolhem refugiados, tanto em números absolutos como em relação com seu tamanho e riqueza. Por exemplo, o Reino Unido admitiu 8.000 sírios desde 2011, enquanto que a Jordânia - com uma população quase 10 vezes menor que a do Reino Unido e apenas 1,2% do seu PIB - acolheu cerca de 656.000 refugiados da Síria. Até o final de 2015, a população total de pessoas refugiadas e solicitantes de asilo na rica Austrália era de 58.000, contra as 740.000 da Etiópia. Esta situação é intrinsecamente injusta e prejudica os direitos humanos das pessoas refugiadas. (ANISTIA INTERNACIONAL, 2016, p. 3, tradução nossa)¹.

Sassen (2016) nos lembra que o rápido crescimento do número de refugiados é resultado das extremas condições nas áreas das quais são originários, tais como as zonas de guerra na Síria e Iraque, além das precárias situações de economias locais em diversos outros países. E é nesse contexto que a Europa surge como principal destino dos novos fluxos. Historicamente, países como Grécia e Turquia, dada sua posição geográfica, são canais de acesso à Europa para migrantes que buscam chegar ao continente pelo Mar Mediterrâneo, vindos especialmente do norte da África e do Oriente Médio.

[...] todos estamos familiarizados com as condições no terreno na Síria, no Iraque, no Afeganistão, na Somália, na Eritreia e em outros países. Na realidade, a surpresa deveria ter sido que o surto de refugiados não acontecera antes. O ACNUR, entre outros, vinha registrando os números crescentes de deslocados internos e refugiados. Os conflitos no Iraque, no Afeganistão e na Síria não acabariam tão cedo. Tampouco aqueles na Somália ou no Sudão do Sul, cada um com seu caráter específico. A brutalidade destes conflitos, com o completo desrespeito pelo direito internacional humanitário, mostrou que mais cedo ou mais tarde as pessoas começariam a fugir da violência. (SASSEN, 2016, p. 36).

Somente no início de 2016, estima-se que a Grécia recebeu mais de um milhão de pedidos de refúgio e, nesse contexto, a chegada de migrantes torna-se, inevitavelmente, uma ameaça, já que, simbolicamente, esses estranhos representam o que há de diferente, inesperado, com o qual as populações locais não sabem lidar e que, por isso, devem ser evitados (BAUMAN, 2017).

Wenden (2016) nos oferece uma interessante interpretação desse contexto. Para a autora, os países de acolhida tendem a tornarem-se mais reticentes diante do novo quadro migratório. Diferente dos perfis estabelecidos pela Convenção de Genebra, não são mais migrantes individuais que buscam acolhida e proteção contra as ameaças de seus Estados; os refugiados contemporâneos apresentam-se como grupos, coletivos ameaçados pela sociedade civil, como por exemplo, no caso do terrorismo: “Assim, o reconhecimento do direito dos refugiados por vezes seguiu uma dupla tendência, humanitária e securitária, o que produziu índices de reconhecimento cada vez mais restritos” (WENDEN, 2016, p. 21).

Estigmatizados, apresentados como vítimas de guerras, fome, violência e abusos aos direitos humanos, os migrantes refugiados são sujeitos vistos com estranheza, considerados invasores e também alvos fáceis para criminosos. Bauman (2017) aponta para uma animosidade em relação aos migrantes que estimula a violência e o uso/abuso de sua condição de vulnerabilidade.

Esse pensamento do autor se traduz de modo recorrente, tanto por meio da mídia tradicional, quanto em produções de organizações como o UNHCR, a Anistia Internacional ou a Organização Médicos sem Fronteiras, organizações que integram os dispositivos humanitários e atuam diretamente em contato com os migrantes.

Não sendo uma organização única ou uma instituição homogênea nos planos social e espacial, o humanitário opera como um dispositivo cuja descrição é provisória, sempre sujeita a mudanças: suas formas reticulares levam a numerosos espaços dispersos pelo planeta com maior ou menor concentração, dependendo do continente – assim, a África, o Oriente Médio e a Ásia são hoje as regiões mais investidas por esse dispositivo. Por mais global que seja, ele só existe de fato localmente, sob a forma de experiências locais que podem ser percorridas, descritas e analisadas, ainda que todos esses espaços formem entre si uma rede. Além disso, esse dispositivo não abrange apenas as ONGs que operam no domínio humanitário, mas também a todos os agentes públicos e privados, governamentais, intergovernamentais, não-governamentais e das Nações Unidas, que mobilizam a categoria humanitária como forma de obter reconhecimento, distinção e legitimidade para suas ações nesses locais. A colaboração, voluntária ou não, entre todas essas entidades nessa mesma parcela do espaço mundial evidencia o quanto esse dispositivo, como um todo, atua tanto para o controle como para a assistência. (AGIER, 2012, p. 17).

Em abril de 2017, por exemplo, a ONU, por meio da Organização Internacional para as Migrações (OIM), divulgou informações sobre o resgate de um migrante senegalês que havia sido sequestrado e vendido em um “mercado de escravos” na Líbia. Segundo a OIM, esse foi apenas um dos inúmeros casos de abusos aos direitos humanos aos quais estão expostos aqueles que se vêem forçados a abandonar suas casas e tentam chegar ao continente europeu:

“Migrantes que vão para a Líbia tentando chegar à Europa não têm ideia do arquipélago de tortura que os aguarda bem do outro lado da fronteira”, alertou o porta-voz máximo da OIM em Genebra, Leonard Doyle. “Lá, eles se tornam mercadorias a serem compradas, vendidas e descartadas quando não têm mais valor.” (ONU BRASIL, 2017, s.p.).

Na Europa, países como Finlândia, Eslováquia e Hungria destacam-se pela resistência em acolher refugiados. As notícias reportam a ataques a ônibus que transportam refugiados para centros de acolhimento no sul da Finlândia e pressões políticas para forçar a abertura das fronteiras húngaras, cuja população vê “com horror a possibilidade de abrigar muçulmanos. Por muito favor, admitem acolher alguns refugiados cristãos” (CARTA CAPITAL, 2015, s.p.).

Aqui, associada à crise migratória, temos ainda a questão das diferenças colocadas em conflito. A chegada dos migrantes representa o confronto inadiável com concepções religiosas, políticas e culturais distintas, num contato que abre caminho para manifestações de ódio e intolerância agora midiaticizadas.

A migração contemporânea ganha contornos mais complexos em virtude dos múltiplos aspectos que a compõem. Com a midiaticização e crescente diversificação dos modos de interação em sociedade (BRAGA, 2012), podemos perceber constantes atravessamentos entre diversos campos sociais, e a questão dos refugiados não escapa desse contexto. As consequências da crise humanitária produzem implicações em diferentes campos: social, político, econômico, cultural e religioso.

Na perspectiva cultural e religiosa, por exemplo, as migrações reascenderam as discussões sobre xenofobia, racismo e intolerância (BAUMAN, 2017), agora midiaticamente difundidos através das redes sociais virtuais. No Brasil, segundo levantamento da Secretaria Especial de Direitos Humanos, em 2015, foram registradas 330 denúncias de xenofobia através do Disque 100 (canal do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos); esse número representa um aumento de 633% em relação ao ano de 2014.

Eles nos tornam conscientes e nos lembram daquilo que preferiríamos esquecer ou, melhor ainda, fazer de conta que não existe: forças globais, distantes, ocasionalmente mencionadas, mas em geral despercebidas, intangíveis, obscuras, misteriosas e difíceis de imaginar, poderosas o suficiente para interferir também em nossas vidas, enquanto desconsideram e ignoram nossas próprias preferências. As “vítimas colaterais” dessas forças tendem a ser percebidas, por uma lógica viciada, como suas tropas de vanguarda, que agora estabelecem guarnições em nosso meio. Esses nômades – não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel – nos

lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado. (BAUMAN, 2017, p. 21).

A questão migratória impacta também o campo midiático muito em função das relações estabelecidas entre ele e outros campos, principalmente político e econômico. Desse modo, entendemos que por ser uma questão importante para diversos campos sociais, o aumento do fluxo de deslocamentos de pessoas e do número de indivíduos em situação de refúgio incide diretamente nos discursos que são produzidos no campo midiático a respeito das migrações.

2.2 Migrações e refugiados nos Jogos Olímpicos

Dentre os casos recentes através dos quais a questão das migrações de refugiados teve grande visibilidade, temos a criação e midiaticização do Time Olímpico de Refugiados (TOR), equipe formada exclusivamente por atletas em situação de refúgio que participaram dos Jogos Olímpicos Rio 2016, realizados na cidade do Rio de Janeiro. De modo inédito, o Comitê Olímpico Internacional (COI) anunciou a criação da equipe, numa ação realizada com o apoio do UNHCR e que, de acordo com as organizações, teve como um de seus principais objetivos transmitir uma mensagem de esperança e encorajamento aos milhares de refugiados em todo o mundo, como fica evidente nas palavras do Alto Comissário da ONU para refugiados, Filippo Grandi: "Sua participação nas Olimpíadas é um tributo à coragem e à perseverança de todos os refugiados na superação da adversidade e na construção de um futuro melhor para si e suas famílias" (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)².

O agravamento da crise humanitária coincidiu com o período de realização da 31ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, evento promovido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e realizado na cidade do Rio de Janeiro, primeira da América Latina a receber as competições, que contaram com a participação de 207 delegações nacionais e 11.237 atletas.

Ao considerar o panorama mundial no que diz respeito à situação dos migrantes globais, especialmente das pessoas refugiadas ou em busca de refúgio, associado à iminência de realização da Olimpíada, o COI anunciou, em setembro de 2015, a criação da equipe e de um fundo emergencial de assistência a pessoas em situação de deslocamento forçado global. Além do auxílio aos refugiados, o planejamento do Comitê previa ainda a descoberta de atletas refugiados com potencial para participar dos jogos Rio 2016, como evidenciado no trecho a seguir:

TIME DE ATLETAS OLÍMPICOS REFUGIADOS É CRIADO PELO COI

O Conselho Executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI) criou hoje um time de Atletas Olímpicos Refugiados para os Jogos Olímpicos Rio 2016. O time será tratado nos Jogos Olímpicos como todos os outros times dos 206 Comitês Olímpicos Nacionais. [...]

Como parte da promessa do COI de ajudar potenciais atletas de elite afetados pela crise mundial de refugiados, os Comitês Nacionais foram convidados a identificar qualquer atleta refugiado com potencial para se qualificar para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Esses candidatos poderão então receber financiamento da Solidariedade Olímpica para ajudar com seus preparativos e esforços de qualificação. (COI, 2016, s.p., tradução nossa)³.

Por meio de um investimento no valor de dois milhões de dólares, proveniente do COI e do Fundo Solidariedade Olímpica, os comitês nacionais receberam recursos para “garimpar” atletas de alto nível que tivessem sido afetados pela crise migratória e que, naquele momento, se encontravam em situação de refúgio. Segundo informações divulgadas pelo comitê em março de 2016, 43 atletas com potencial para competir no Rio de Janeiro participaram do processo de seleção para os jogos:

Quarenta e três promissores candidatos foram identificados, os quais o COI está ajudando agora. Tendo em vista a complexidade do processo e para permitir tempo suficiente para finalizar e consolidar todas as informações necessárias sobre esses candidatos, o Conselho Executivo decidiu hoje encerrar a convocação de novas candidaturas. Somente sob excepcional circunstâncias que exigem a aprovação do presidente do COI serão considerados novos candidatos. (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴.

Ao final do processo, 10 atletas foram escolhidos pelo Comitê Executivo do COI para integrarem a primeira equipe formada exclusivamente por esportistas refugiados, um marco na história da competição. De acordo com informações divulgadas pelo COI em seu site e na página destinada à equipe, no processo de nomeação dos atletas que comporiam o time foram considerados: “o nível desportivo, o estatuto oficial de refugiado verificado pelas Nações Unidas e a situação pessoal e os antecedentes” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵.



Figura 4: Atletas do Time Olímpico de Refugiados e o presidente do COI, Thomas Bach, durante a apresentação oficial da equipe em agosto de 2016
Fonte: COI, 2016.

A criação da equipe de refugiados denominada Time Olímpico de Refugiados (*Refugee Olympic Team*) foi intensamente midiaticizada, não apenas pela presença de atletas refugiados nos jogos, algo que já havia acontecido nas Olimpíadas de Londres, em 2012, mas pelo ineditismo da formação de uma equipe num momento de agravamento da crise migratória global. Notícias anunciando a criação do time e as histórias de vida dos atletas figuraram em órgãos de imprensa nacionais e internacionais, além de produções realizadas pelo próprio COI e pelo UNHCR, que compõem o observável desta pesquisa.

2.3 O megaevento como espaço midiaticizado

Percebemos que são frequentes as situações em que as discussões esportivas saem da esfera do lúdico ou da competição e se aproximam de questões sociais. Em diversas produções midiáticas, nos deparamos com histórias sobre os benefícios do esporte ou sobre como, através dele, determinadas mudanças sociais são possíveis. Exemplo disso são os relatos sobre trajetórias de grandes atletas que superam inúmeras dificuldades até alcançarem o sucesso, ou mesmo casos em que a prática esportiva é inserida em determinadas comunidades como forma de promover o bem-estar social.



Figura 5: Notícias publicadas sobre o Time Olímpico de Refugiados em portais nacionais e internacionais. À direita, matéria publicada na página do time no site do UNHCR
 Fonte: Estadão; The Guardian; El País e UNHCR, 2016

Ao refletirmos sobre o espaço que o esporte ocupa em nossa sociedade, podemos afirmar que, em seus variados tipos e formas de manifestação, ele se apresenta como uma importante ferramenta de sociabilidade, de tal modo que, em 2015, as Nações Unidas reconheceram o esporte como um importante facilitador do desenvolvimento sustentável, tendo sido incluído na Agenda 2030 da ONU (COI, 2015).

O esporte é também um importante facilitador do desenvolvimento sustentável. Reconhecemos a crescente contribuição do esporte para a realização do desenvolvimento e da paz ao promover a tolerância e o respeito e as contribuições que fazem para o empoderamento das mulheres e dos jovens, indivíduos e comunidades, bem como aos objetivos da saúde, educação e inclusão social. (ONU, 2015, s.p.).

As práticas que, na antiguidade, possuíam caráter lúdico ou de mero divertimento, se profissionalizaram ao longo dos anos, provocando transformações em diversos aspectos que envolvem o ambiente esportivo, desde a preparação de atletas, passando por questões políticas referentes ao surgimento de organizações com vistas à coordenação de modalidades, campeonatos e equipes, passando ainda pelo aspecto econômico, cultural e midiático.

Pensar o esporte e as dimensões por meio das quais ele está presente na sociedade contemporânea faz com que, cedo ou tarde, nos deparemos com sua relação com o campo midiático. Através do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, diversas modalidades esportivas tiveram potencializada sua propagação em escala mundial. Algumas, como é o caso do futebol, têm sua história de tal modo entrelaçada com a mídia que chega a

ser quase impossível falar de um sem mencionar o outro. Como nos lembra Gastaldo (2005, p. 114), o esporte moderno e os meios de comunicação de massa surgem de modo quase simultâneo, em finais do século XIX:

[...] a primeira Olimpíada da era Moderna (1896) foi realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895); a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV). Esporte e mídia: dois filhos diletos da Modernidade.

De acordo com o exposto pelo autor, podemos observar ainda que os avanços mencionados no campo comunicacional se deram não apenas a partir da relação entre mídia e esporte, mas, de modo mais evidente, pela relação da mídia com eventos esportivos de grande repercussão mundial, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, dois dos maiores megaeventos da contemporaneidade.

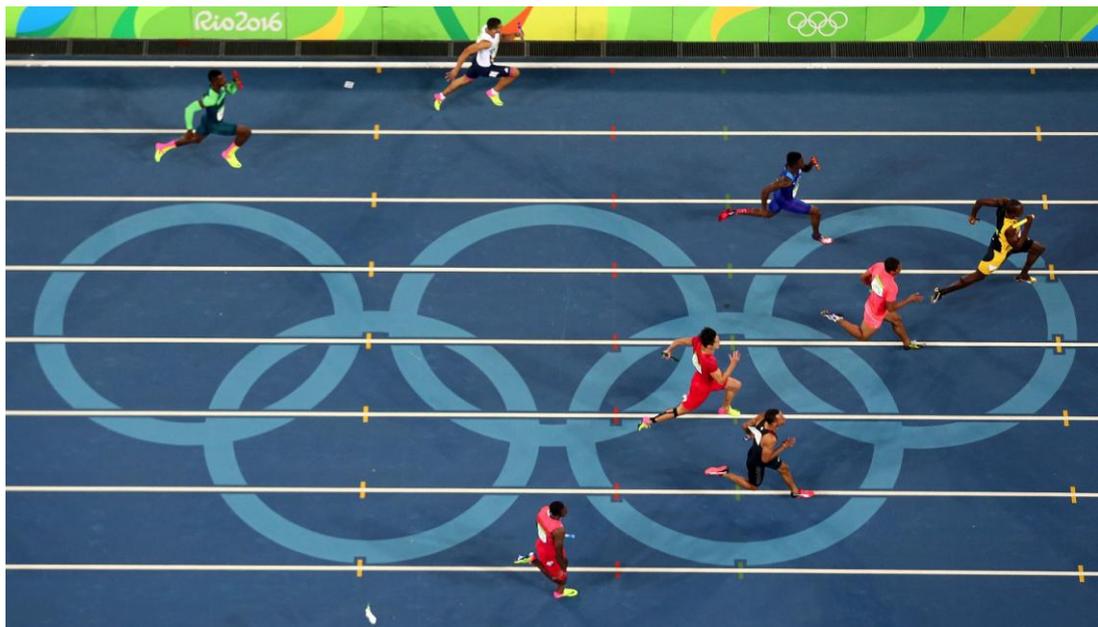


Figura 6: Final do revezamento 4x100 masculino nos Jogos Rio 2016
Fonte: COI; GETTY IMAGES, 2016

Como um possível lugar de compreensão da sociedade, o campo do esporte acaba se constituindo com um espaço de manifestação de múltiplas temáticas sociais, que são a ele incorporadas, como aponta Gurgel (2012, p. 249):

Os megaeventos esportivos – como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo de Futebol, entre outros – adquirem papel estratégico, pois eles representam o ápice desse processo de construção de imagens esportivas

espetaculares, que são midiaticizadas de forma massiva. E dentro desse contexto, podemos inferir que isso ocorre porque, há muito tempo, as práticas tornaram-se um dos nichos de negócios mais rentáveis dentro da ascendente economia do entretenimento, e espetacularização [...].

Como nos apresenta Gurgel (2014, p. 141), a realização de megaeventos esportivos pressupõe necessariamente a existência de tecnologias de informação e comunicação, uma vez que, nas palavras dele: “Tanto do ponto de vista infraestrutural quanto do conteúdo veiculado, os megaeventos são midiáticos já na sua constituição e as TICs são fundamentais para que eles ocorram”.

Ao analisarmos o contexto atual vivenciado pela sociedade, percebemos transformações na configuração do espaço público e das relações sociais, que se tornam evidentes a partir da emergência de uma série de temáticas sociais, políticas, econômicas e culturais, integrando o cotidiano de discussões e debates, estando presentes inclusive no espaço dos megaeventos esportivos.

De acordo com Roche (2000), os megaeventos se constituem como interessantes espaços nos quais podemos verificar também expressões de ideais universalistas. Vejamos o que diz o autor sobre os megaeventos:

Eles também contribuem para compreensões e experiências de "um mundo" através da sua capacidade de levar significados e ideais universalistas. Estes incluem os associados aos benefícios do intercâmbio cultural pacífico entre nações, comunidades étnicas e ideológicas (exposições e Olimpíadas), progresso científico e tecnológico (exposições), progresso humano e valor da conquista e reconhecimento pessoal e nacional através de competições governadas por regras (Olimpíadas e esporte). (ROCHE, 2000, p. 26, tradução nossa)⁶.

Embora a definição de megaevento não seja consenso entre pesquisadores da temática, compartilhamos aqui das elucidações de Freitas, Lins e Santos (2016) quando afirmam que o megaevento contemporâneo tem como principal característica a grande importância ou impacto da mídia em sua realização, que inicia bem antes e se estende até depois de sua conclusão.

Segundo apontam os autores, “a reverberação midiática, as construções, as interferências na cidade, o envolvimento do poder público e a possibilidade de bons negócios, portanto, são alguns dos elementos que marcam os megaeventos contemporâneos” (FREITAS et. al., 2016, p. 29). Além dessas características, reforçam a questão do impacto midiático dos

megaeventos quando apontam que as reverberações midiáticas em eventos como os Jogos Olímpicos darão forma a afetos tanto nos espaços esportivos como fora deles,

por meio da celebração dos atletas, equipes e propostas de discussão de outras temáticas, como a corrupção, por exemplo (Ibid.)

Conforme Bourdieu (1997), quando falamos em Jogos Olímpicos nos referimos a referenciais “reais” e ocultos, estando este último diretamente relacionado ao espetáculo produzido pelos meios de comunicação. Vejamos o que diz o autor:

O que entendemos exatamente quando falamos dos Jogos Olímpicos? O referencial aparente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas e um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões [...] (BOURDIEU, 1997, p. 123).

Em Freitas (2016), temos ainda que as reverberações midiáticas sobre um megaevento são potencialmente interessantes no sentido de contribuir para a construção de afetos que se manifestam antes, durante e após o megaevento.

Como as primeiras Exposições Universais, a natureza dos megaeventos é que eles atuem como mídia. Poderosos veículos de comunicação, estas gigantescas vitrines, no tempo e no espaço, convertem-se em retratos de suas épocas, possibilitando que no futuro possa-se compreender o contexto social e tecnológico em que foram realizadas, como acontece com as expos do passado. Percebemos que os megaeventos, preservando sua gênese midiática, atuam também como laço social (WOLTON *apud* FREITAS, 2016, p. 34-35).

Como eventos midiáticos, os megaeventos promovem uma midiatização do esporte, levando-o para espaços que fogem àqueles compreendidos tradicionalmente como ambientes de disputas esportivas (GURGEL, 2014), como entendemos aqui ser o caso do UNHCR e do próprio COI que, enquanto organizações, têm atuações mais enfáticas no entrecruzamento dos campos político, social e econômico e não nos espaços de disputas esportivas.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 Estratégias metodológicas: uma questão de escolha

Definir as estratégias metodológicas de observação em um trabalho de pesquisa é, talvez, um dos passos mais complexos e, sem dúvidas, importantes do processo investigativo; são escolhas, estratégias de enfrentamento da pesquisa, caminhos que conduzirão à construção do objeto e à produção de conhecimentos que devem fazer com que o campo da Comunicação avance.

Sabemos que o campo comunicacional se constituiu, historicamente, a partir de contribuições de diversas áreas, cada uma delas produzindo saberes baseados em observações e análises de fenômenos comunicacionais a partir do seu olhar particular, uma vez que o lugar de onde parte o pesquisador se reflete no saber por ele produzido. Para dar aos estudos da Comunicação uma identidade que os especifique frente aos demais estudos das Ciências Humanas e Sociais, não basta apenas definir temas, objetos ou métodos exclusivos, uma vez que tais definições seriam difíceis de serem alcançadas, em virtude da estreita relação da Comunicação com outras áreas de estudos sociais. Como nos diz Braga (2011, p. 72):

Desentranhar o comunicacional não corresponde a definir um “território” à parte, nem temas, objetos ou métodos que nos sejam exclusivos, mas sim desenvolver perguntas e hipóteses para além das que já são feitas pelas demais CHS – que não as farão, porque isso ultrapassaria seu âmbito de interesse e as lógicas de seu campo de conhecimento.

Para evitar a dispersão e, conseqüentemente, questionamentos acerca da validade da pesquisa, é fundamental o cuidado com as questões metodológicas, as linhas que delimitarão o desenvolvimento do estudo, uma vez que é o rigor metodológico que garante qualidade a uma pesquisa. Braga (2011) nos lembra que o entendimento da metodologia como mera formalidade certamente conduzirá o pesquisador a uma abordagem menos rigorosa do seu objeto:

[...] a metodologia é uma sabedoria na tomada de decisões em que o pesquisador se vê constantemente envolvido. No campo de estudos em Comunicação, tais cuidados são particularmente relevantes, uma vez que importamos teorias, conceitos e metodologias de múltiplos horizontes – que pedem transferências e harmonizações complexas para funcionarem juntos. (BRAGA, 2011, p. 8)

Nesse sentido, apresentamos a seguir o caminho percorrido para construção das estratégias metodológicas desta pesquisa, as escolhas feitas e decisões tomadas a fim de que

possamos nos aproximar do nosso objeto, uma vez que o objetivo deste estudo é compreender de que modos os discursos sobre o Time Olímpico de Refugiados, engendrados pelos sites do Comitê Olímpico Internacional (COI) e do *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR), produzem sentidos sobre a midiaticização das populações de refugiados.

3.1.1 A abordagem da pesquisa

A pesquisa aqui apresentada possui caráter qualitativo, uma vez que nos atemos a analisar a midiaticização dos processos migratórios contemporâneos. Entendemos ser essa a abordagem mais adequada, pois nos propomos a compreender fatos sociais dificilmente mensurados. Acreditamos ainda que, ao analisar qualitativamente o problema posto, poderemos alcançar a complexidade dos múltiplos aspectos que constituem o processo de midiaticização da sociedade a partir do olhar sobre a atual questão dos refugiados, por meio do Time Olímpico de Refugiados, equipe que participou dos Jogos Olímpicos Rio 2016, realizados no Rio de Janeiro.

3.1.2 Caracterização da pesquisa

Nosso trabalho de pesquisa tem caráter empírico, ou seja, realizamos uma investigação acerca de um “ângulo da realidade”, como afirma Braga (2011). De acordo com o entendimento do autor, podemos afirmar que, ao optarmos pela pesquisa empírica, assumimos o desafio de compreender acontecimentos do campo comunicacional a partir do tensionamento com a teoria.

Muito além de uma simples escolha, o caráter empírico desta pesquisa é definido ainda pelas exigências do nosso objeto, uma vez que para pensar a midiaticização da questão migratória de refugiados, precisamos nos debruçar sobre os acontecimentos, direcionando, para isso, nosso olhar aos discursos que são produzidos pelo UNHCR e pelo COI, divulgados em páginas criadas com a finalidade de reunir informações sobre o time em seus sites, como detalharemos a seguir.

Longe de pretender alcançar toda a complexidade da questão dos refugiados, um processo que produz grandes impactos na sociedade contemporânea, nos dispomos a lançar nosso olhar, questionamentos e contribuições para o entendimento dessa questão, como explica Braga (2011, p. 6):

Não é preciso que as descobertas realizadas nas pesquisas empíricas se caracterizem como a vanguarda do conhecimento na área – nossas descobertas raramente o são. Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da

realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida, agora encontra um esclarecimento produzido por nosso trabalho investigativo, de observação sistemática, de questionamentos, de articulação adequada entre os fundamentos teóricos acionados e as dúvidas postas pela construção do objeto.

Tão logo decidimos pela pesquisa empírica, iniciamos o trabalho de seleção dos observáveis. Falar sobre a midiaticização da questão dos refugiados é, sem dúvidas, falar sobre um processo bastante complexo e amplo no que tange às possibilidades de observação. Por esse motivo, escolhemos refletir sobre a temática a partir da midiaticização do Time Olímpico de Refugiados (TOR).

Esta foi a primeira equipe integralmente formada por atletas refugiados a competir em uma edição de Jogos Olímpicos. Criada pelo Comitê Olímpico Internacional, foi composta por dez esportistas, sendo dois nadadores da Síria, um maratonista da Etiópia, dois judocas da República Democrática do Congo e cinco corredores de média distância do Sudão do Sul.

A decisão de trabalhar com tal equipe se deu em função do ineditismo a ela associado, da grande visibilidade alcançada antes, durante e após os Jogos e da possibilidade de análise da produção de sentidos e inteligibilidades a partir dos discursos em circulação nas páginas do UNHCR e do COI, ou seja, lugares distintos da mídia tradicional.

3.1.3 Seleção dos observáveis

A partir do quadro descrito até aqui, elegemos como observáveis para nossa pesquisa as notícias publicadas nas seguintes páginas: 1- página *Refugee Olympic Team* (www.olympic.org/news/refugee-olympic-team), seção do site oficial do Comitê Olímpico Internacional que reúne informações sobre o Time Olímpico de Refugiados; e 2- página *Rio 2016: Refugee Olympic Team* (www.unhcr.org/rio-2016-refugee-olympic-team.html), seção que integra o site oficial do *United Nations High Commissioner for Refugees*, órgão das Nações Unidas criado na década de 1950 cuja tarefa consiste em prestar auxílio humanitário a pessoas em situação de deslocamento forçado.

Escolhemos os dois sites citados por sua representatividade no campo social, uma vez que são canais de comunicação de duas importantes organizações que estão diretamente relacionadas à pesquisa que empreendemos: o UNHCR e o COI. Ambas são páginas globais, com conteúdos disponíveis em inglês, francês e árabe (UNHCR) e inglês e francês (COI); nelas estão reunidas publicações sobre a equipe de refugiados desde antes, durante e após o encerramento dos jogos do Rio de Janeiro.

As matérias são compostas por textos, fotos e/ou vídeos sobre a equipe, os atletas e suas histórias de vida antes dos jogos, bem como a participação deles nas Olimpíadas e sua atuação após as competições, elevados à categoria de símbolos da luta de milhões de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade como refugiados.

Desse modo, a fim de alcançar os objetivos aqui pretendidos, procedemos à análise das notícias publicadas nas páginas citadas, no período de outubro de 2015 e abril de 2017. Decidimos por um recorte temporal que nos permitisse o contato com informações publicadas antes, durante e depois dos Jogos Olímpicos Rio 2016, obtendo assim, 24 notícias no site do Comitê Olímpico Internacional e 14 no site do *United Nations High Commissioner for Refugees*. As referidas notícias apresentam, entre outros temas, a equipe, seus atletas, as autoridades responsáveis pelas organizações, além de ações do COI, do UNHCR e desdobramentos da participação do time nas Olimpíadas do Rio de Janeiro.



Figura 7: Notícias publicadas nas páginas do UNHCR (à esquerda) e do COI (à direita)
Fonte: UNHCR, 2016; COI, 2017.

3.1.4 Estratégias de observação

Diante do exposto até aqui, como estratégia de observação do material empírico, optamos por realizar um estudo de caso, método de investigação empírica que, como define Yin (2015, p. 17), nos possibilita compreender um “fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes.”. Optamos pelo estudo de caso tendo em vista a questão central desta pesquisa onde buscamos compreender o que os

discursos acerca do Time Olímpico de Refugiados produzem em termos de construção de sentidos sobre a midiaticização da questão dos refugiados.

Nesse sentido, o estudo de caso se mostra a estratégia de observação mais adequada ao nosso objeto, tendo em mente os caminhos a serem percorridos para sua construção: 1- Compreender a midiaticização de processos sociais contemporâneos; 2- Analisar dos possíveis sentidos construídos sobre o time de refugiados a partir dos discursos das organizações e; 3- Entender como tais discursos produzem sentidos acerca das populações de refugiados.

3.1.5 Procedimento de análise do material empírico

A escolha do procedimento de análise do material empírico foi realizada a partir da retomada do objetivo principal da pesquisa. Deste modo, utilizaremos a Análise de Discursos (AD) a fim de que possamos compreender a midiaticização da questão dos refugiados no contexto dos Jogos Olímpicos.

Optamos por utilizar a Análise de Discursos em virtude da possibilidade de alcançar uma compreensão mais abrangente do processo que estudamos, tendo em vista não apenas elementos linguísticos, mas, sobretudo sociais, culturais e históricos, cujos traços são determinantes em sua constituição. Como aponta Silva (2013, p. 236-237): “[...] o discurso é exatamente o ato de linguagem em que locutores e interlocutores constroem os sentidos dos enunciados nas condições oferecidas pelo complexo cenário das relações que se estabelecem entre elementos linguísticos, sociais, históricos e culturais.”.

Verón (2004), afirma que o trabalho do analista de discursos não é senão o de fazer “leituras dos mesmos”, ou seja, assumindo a postura de observador, buscará construir uma gramática de reconhecimento dos discursos que analisa, como evidencia no trecho destacado a seguir:

A leitura do analista é mediada pelo seu método e pelos instrumentos que ele aplica às superfícies discursivas. Essa mediação afeta o discurso analisado no *poder* do mesmo: há um fenômeno de poder-crença que é próprio do “consumo” e que é destruído pela análise. Sendo assim, quando o analista se propõe a construir uma gramática de reconhecimento de um discurso ou de um tipo de discurso, sua leitura, mesmo não coincidindo com a leitura do “consumidor”, tem como objetivo reconstituir esta última. (VERÓN, 2004, p. 70, destaques no original).

Devemos salientar que, ainda de acordo com mesmo autor, nenhum discurso conseguirá produzir, jamais, um efeito único, cabendo assim, ao analista o trabalho de buscar, na superfície discursiva, os “efeitos possíveis”.

Quando nos propomos a analisar discursos, nos debruçamos sobre relações que são históricas, concretas e que se materializam nesses discursos (FISCHER, 2013). Ao analisarmos a mediação dos refugiados no contexto dos Jogos Rio 2016, nos deparamos, de modo incontestável, com relações de poder e tensionamentos que estão para além do aspecto linguístico em seu sentido gramatical ou lexical, por exemplo.

Decidimos pela Análise de Discursos, pois esta nos possibilitará não apenas descrever nosso objeto, mas também avaliar de maneira crítica os processos a ele relacionados e os sentidos produzidos a partir destes, como evidencia Pinto (2002). Para o autor, é necessário que se dê atenção à “textura” dos textos, observando tanto o uso da linguagem verbal, quanto de outras semióticas, como explica: “É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar” (PINTO, 2002, p. 26).

Uma vez que entende ser o analista de discursos um “detetive sociocultural”, Pinto (2002) propõe que, no processo de análise, seja realizada a contextualização do caso comunicacional considerando os contextos situacional imediato, institucional e sociocultural amplo. Assim, o analista buscará compreender não o que está dito no texto, mas como e por que algo foi dito ou mostrado de determinada maneira.

Milton José Pinto define ainda os discursos como práticas sociais que se constituem em determinados contextos sócio-históricos, não estando imunes às pressões sociais, como apresenta a seguir:

Definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar “dar a última palavra”, isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso. (PINTO, 2002, p. 28).

Como nos lembra Fausto Neto (2012), uma mensagem não é o simples registro de um acontecimento, mas ao contrário, algo que compreende uma operação muito mais complexa, especialmente no atual contexto de uma sociedade em acelerado processo de mediação. Ainda de acordo com o pensamento do autor, é preciso refletir sobre a atual ambiência comunicacional, onde “tecnologias se convertem em meios, afetando não só a organização social, mas práticas dos diferentes campos” (FAUSTO NETO, 2012, p. 300).

Assim sendo, cabe-nos lembrar que o acontecimento, no caso aqui estudado, a midiaticização dos refugiados, é resultado do olhar das duas organizações sobre este fato social, dos sentidos que produzem a partir de seus discursos, tornando esse fato inteligível para a sociedade. Ademais, é preciso considerar ainda que, como duas importantes organizações sociais, UNHCR e COI acabam se constituindo em fontes para o campo midiático; assim sendo, seus discursos tornam-se matéria-prima para a propagação de notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados.

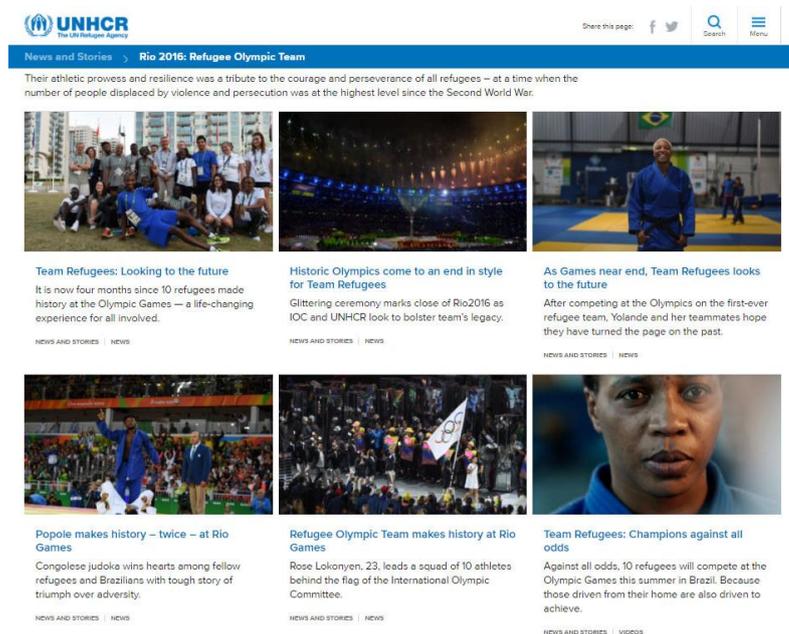


Figura 8: Notícias veiculadas na página *Rio 2016: Refugee Olympic Team*, no site do UNHCR
Fonte: UNHCR, 2017.

4 A MUDIATIZAÇÃO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS NOS JOGOS RIO 2016

A partir da dinâmica de atravessamentos, onde diferentes campos sociais afetam e são afetados por dinâmicas e operações do campo da mídia, percebemos como os processos sociais passam a ser, cotidianamente, discutidos em variados espaços, como é o caso das migrações e da situação das populações de refugiados.

Deste modo, organizações de outros campos sociais, como é o caso do UNHCR e do COI tem a possibilidade de, apropriando de lógicas próprias do campo da mídia, produzir discursos e sentidos acerca da questão dos refugiados, sendo que cada uma delas abordará tal questão em acordo com as particularidades que seus lugares sociais permitem.

Os discursos produzidos pelo UNHCR trazem as marcas do seu lugar enquanto organização do campo humanitário, que há mais de meio século atua na assistência e gerenciamento das populações de refugiados em todo o mundo. O COI, por sua vez, traz em seus discursos as referências do Movimento Olímpico, cujas bases sustentam ideais como solidariedade, fraternidade, inclusão e promoção da paz através do esporte.

Cada uma delas, ao mediatizar a questão dos refugiados produz sentidos particulares acerca da questão, assim como também nós, enquanto academia, uma vez por meio deste trabalho, falamos de um terceiro lugar de produção de sentidos sobre os refugiados, um lugar cujos referentes estão atrelados à construção de saberes através de articulações teóricas.

Assim, apresentamos a seguir, as análises das notícias publicadas sobre o Time Olímpico de Refugiados nas páginas do UNHCR e do COI, sendo cada seção antecedida por uma breve apresentação das referidas organizações.

4.1 Os refugiados nos Jogos Rio 2016 pelo UNHCR

4.1.1 O *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR)

Criado em 1950, após a Segunda Guerra Mundial, o UNHCR tinha como missão, no período de três anos, prestar auxílio a europeus que fugiram ou perderam suas casas em decorrência do conflito. No entanto, a organização não apenas não foi dissolvida após três anos, como teve ampliada sua importância no contexto global, sendo duas vezes ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, desenvolvendo atividades em todos os continentes do planeta (UNHCR, 2017).

Seu site reúne informações sobre o que é o Alto Comissariado, as ações desenvolvidas pela organização, além de documentos e relatos sobre a situação de países ou regiões no que

tange a questão das migrações, particularmente em relação aos refugiados. Constituído por menus e submenus que direcionam o usuário a áreas e temas relacionados às suas atividades, o site apresenta notícias, reportagens e estatísticas sobre as migrações pelo mundo, além de arrecadar fundos para auxílio aos refugiados.

Através do site do UNHCR, encontramos histórias de famílias de refugiados que foram ajudadas por meio de programas desenvolvidos pelo Alto Comissariado, refugiados que conseguiram regressar a seus países de origem, bem como informações gerais sobre locais de atuação da organização que possui bases de operação em 130 países, em todos os continentes. Entre os serviços disponíveis na página estão orientações sobre atuações nas áreas jurídica, política, econômica, educacional, ambiental, de saúde pública e moradia, asilos, proteção e informações para a imprensa.

A página que analisamos é intitulada *Rio 2016: Refugee Olympic Team* e está vinculada ao menu *News and stories* (Notícias e histórias) - *Special Features*, do site do UNHCR. Inicialmente, o usuário é informado, por meio de um breve relato, sobre o que é o Time Olímpico de Refugiados; em seguida, são apresentadas notícias sobre a equipe e seus atletas, sobre a iniciativa de criação da equipe atribuída ao Comitê Olímpico Internacional e campanhas de apoio a pessoas refugiadas; as notícias são compostas por texto, fotos e/ou vídeos produzidos pela equipe de mídia do órgão.

The screenshot shows the UNHCR website's main page for the 'Rio 2016: Refugee Olympic Team'. At the top, there is a navigation bar with the UNHCR logo and various links like 'Media centre', 'Refworld', 'Statistics', 'Suppliers', 'DONATE', 'Careers', 'Search', and 'Global (EN)'. Below this is a secondary navigation bar with categories: 'ABOUT US', 'EMERGENCIES', 'WHAT WE DO', 'NEWS AND STORIES', 'GOVERNMENTS AND PARTNERS', and 'GET INVOLVED'. The main content area has a blue header with the title 'Rio 2016: Refugee Olympic Team'. Below the header is a large photograph of the team at the Rio 2016 Summer Games, holding the Olympic flag. To the right of the photo is a section titled 'Team Refugees' with the following text: 'Ten young men and women who fled their countries in search of protection. Ten talented athletes who never gave up. In August 2016, the first-ever Refugee Olympic Team competed at the 2016 Summer Games in Rio de Janeiro. Their participation was a tribute to the courage and perseverance of all refugees.' Below the photo and text is a detailed article with the following text: 'Since the modern Olympics began in 1896, over 200 national teams have vied for glory at the Summer and Winter Games. In 2016, for the first time, a team of refugees competed as well. At the 2016 Summer Games in Rio de Janeiro, 10 refugee athletes from four countries competed together as the Refugee Olympic Team. Among them were two swimmers, two judokas, a marathoner and five medium-distance runners. Their athletic prowess and resilience was a tribute to the courage and perseverance of all refugees – at a time when the number of people displaced by violence and persecution was at the highest level since the Second World War.'

Figura 9: Tela principal da página *Rio 2016: Refugee Olympic Team*, no site do UNHCR
Fonte: UNHCR, 2017.

4.1.2 A produção de sentidos na página *Rio 2016: Refugee Olympic Team*

Matéria 01: Syrian refugee eyes Rio Olympics (18 de março de 2016)

Publicada antes do início dos Jogos Olímpicos e antes da divulgação dos nomes dos atletas que mais tarde formariam o Time Olímpico de Refugiados, a matéria é composta por texto, fotos e vídeo por meio dos quais conta a história da travessia da nadadora síria Yusra Mardini que, aos 17 anos, deixou seu país juntamente com a irmã mais velha, Sarah, e outros 20 deslocados pela guerra civil.

Por meio de uma narrativa que podemos considerar romanceada, onde o enunciador apresenta detalhes que, como afirma Verón (2004), dão ao leitor a impressão de está participando do acontecimento “de dentro”, temos logo no início informações sobre a migração da atleta que deixou a Síria de barco, em travessia pelo Mar Mediterrâneo em direção à Europa. O enunciador descreve como a jovem “viu o terror nos olhos de seus companheiros” na medida em que a água começava a invadir o barco, sobre como ela e sua irmã “escorregaram para a água escura” enquanto empurravam a embarcação e apuravam os ouvidos “em busca de sinais de vida do motor morto. O que nunca veio” (UNHCR, 2016, s.p.). Segundo relatado no texto, um problema no motor da embarcação fez com o grupo ficasse à deriva na costa da Turquia e, como a maioria dos passageiros não sabia nadar, Yusra, a irmã e outros dois passageiros não identificados no texto, saltam na água e começam a empurrar a embarcação em direção à ilha de Lesbos, na costa da Grécia, como descrito a seguir:

Três horas e meia depois, as irmãs e outros dois passageiros, que haviam se juntado à elas na água e copiado suas ações, ainda estavam nadando, empurrando lentamente o bote em direção à costa da Europa. Eles estavam congelando e exaustos, mas retiravam forças da sua determinação de não deixar ninguém morrer. (UNHCR, 2016, s. p., tradução nossa)⁷.

Da narração da travessia que quase teve um final trágico, o enunciador avança nove meses e apresenta Yusra na Alemanha, país onde mora e no qual conseguiu o estatuto de refugiada. Sem fazer qualquer menção aos outros migrantes que estavam com a jovem no bote, o texto tem como foco Yusra, agora nadando na piscina do Estádio Olímpico de Berlim, de onde relembra o ocorrido, apontando as razões que a fizeram pular nas águas do Mediterrâneo:

Seus olhos brilham quando ela relembra o ato heróico realizado por ela e a irmã.

‘Teria sido vergonhoso se as pessoas do bote tivessem se afogado’, ela conta para o UNHCR, a Agência da ONU. ‘Ali estavam pessoas que não sabiam nadar. Eu não iria ficar sentada ali e reclamar que iria me afogar. Se eu me afogasse, pelo menos me afogaria orgulhosa por mim e minha irmã’. (UNHCR, 2016, s. p., tradução nossa)⁸.

A sobrevivência de todos os passageiros é descrita como milagrosa. Até este momento, a referência à migração ou à situação dos refugiados se resume ao caso particular vivenciado pela jovem síria e seus companheiros de travessia. Ao destacar algumas características da atleta, tais como determinação, altruísmo e talento, a abordagem concentra-se no sonho e expectativa de estar no Rio de Janeiro compondo o Time Olímpico de Refugiados, equipe que estaria, como destaca o enunciador, “representando milhões de refugiados que fogem de guerras e perseguições por todo o mundo” (UNHCR, 2016, s. p.).

Ao exaltar características heróicas de uma refugiada específica e silenciar as histórias de todo um conjunto maior e diverso de outros refugiados, o enunciador empreende um trabalho de construção de um refugiado universal, homogeneizando por meio do discurso um grupo que é, sem dúvidas, plural. Anular suas especificidades e priorizar um discurso que se baseia na ideia de mérito individual é anular também as vozes e vivências de todos aqueles cujas histórias não são contadas.

Ao citar de modo pontual a fuga de refugiados em todo o mundo, o enunciador parte do entendimento de que os conflitos na Síria e as migrações deles decorrentes são de conhecimento do público, cuja familiarização com tais acontecimentos torna a explicação do contexto e desdobramentos acerca do conflito dispensáveis, sendo a simples menção suficiente para a composição do quadro apresentado. Deste modo, ao ocultar o contexto e as especificidades do conflito o enunciador lança mão de uma estratégia de controle sobre a narrativa apresentada, uma vez que ao silenciar as particularidades do conflito e das mazelas dele decorrentes ele acaba por fortalecer essa iniciativa de criação de uma categoria geral de refugiados, que é mostrado como um sujeito universal, responsável pelo seu destino, capaz de resolver suas questões e de superar dificuldades sem auxílios ou, quando muito, recebendo o mínimo para sobreviver nos dispositivos humanitários.

Os acontecimentos ocorridos entre a chegada da nadadora à Grécia e a conquista do estatuto de refugiada na Alemanha não são descritos no texto, que se limita a apresentar brevemente o treinador Sven Spannekrebs como responsável por ajudar Yusra e a irmã a organizarem a “papelada alemã de que precisavam para obter o *status* oficial de refugiadas” (UNHCR, 2016. s. p.), não fazendo qualquer menção à situação dos demais migrantes que

estavam no barco com as jovens, sendo suas existências completamente anuladas pela narrativa, talvez porque não desperte interesse lançar visibilidade para refugiados que retratam mazelas sociais, relações de exclusão, marginalização, ou seja, questões políticas, econômicas, sociais, que demandam amplo debate e inclusão para além de vagas em Jogos Olímpicos.

Faz-se importante apresentar ainda o esforço do enunciador em destacar a figura do atleta refugiado como um símbolo de esperança, inspiração e resiliência, mensagens que atravessam as falas da nadadora e também do presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, citado no texto e transcritas a seguir:

‘Eu vou fazer com que tenham orgulho’, disse Yusra. ‘Eu quero representar todos os refugiados porque quero mostrar a todos que depois da dor, depois da tempestade, virão dias calmos. Eu quero inspirá-los a fazerem algo bom em suas vidas’.

‘Eu quero que cada um deles não desista dos seus sonhos e que façam o que sentem em seus corações’, ela acrescenta. ‘Mesmo que pareça impossível, mesmo que eles não tenham condições ideais, você nunca sabe quando ela pode aparecer, então, continue tentando. Talvez você consiga uma chance como eu consegui. Ou talvez você faça a sua própria chance’. [...]

O presidente do COI, Thomas Bach disse na Assembleia Geral da ONU em outubro: ‘Nós ajudaremos (atletas refugiados de alto nível) a concretizar o sonho de serem esportistas de excelência, mesmo quando eles tenham que fugir da violência e da fome...’.

Ele complementa: ‘Este será um símbolo de esperança para todos os refugiados em nosso mundo, e fará com que o mundo conheça melhor a magnitude dessa crise’ (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)⁹.

O enunciador dá ainda pistas sobre a relação do refugiado com seu país de origem, quando apresenta a seguinte fala de Yusra: “Claro que sinto falta da Síria. [...] Eu penso que, depois que a guerra acabar, vou voltar com todas as experiências e ensinar a todos o que aprendi aqui na Alemanha” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁰.

Além do texto, um vídeo de pouco mais de 1 minuto, gravado em Berlim, onde Yusra treina, apresenta brevemente a atleta, destacando os momentos da travessia pelo Mar Mediterrâneo e o desejo de fazer parte do TOR; as falas presentes no vídeo são as mesmas reproduzidas no texto.



Figura 10: Abertura do vídeo “Germany: syrian refugee eyes Rio Olympics”
Fonte: UNHCR, 2016

Matéria 02: An Olympic dream, shattered (11 de abril de 2016)

Após apresentar Yusra Mardini, o UNHCR relata a história de uma atleta que poderia estar entre os candidatos a uma vaga nos jogos do Rio. Samia Yusuf Omar, 17 anos, proveniente da Somália, era corredora, já havia participado de uma edição de Jogos Olímpicos em 2008, em Pequim; ela sonhava competir em Londres, 2012, quando desapareceu durante a travessia entre a Líbia e a costa da Europa, onde buscava conseguir o estatuto de refugiada.

A história da atleta é recuperada através do livro “*Um sonho olímpico*”, do artista gráfico alemão Reinhard Kleist que apresenta, através dos quadrinhos, os últimos anos da vida da jovem. O enunciador afirma ser esta a história de alguém que se “recusou a aceitar que a pobreza, a repressão, as ameaças e a violência não pudessem ser superados” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹¹, ou seja, constrói discursivamente a ideia de uma heroína.

No texto temos a primeira referência detalhada sobre o contexto migratório contemporâneo, uma vez que o enunciador afirma ser a história de Samia semelhante à de milhões de deslocados pelas guerra e pela fome, que totalizaram, ao final de 2014, 59.5 milhões de pessoas que se viram obrigadas a seguirem rotas perigosas em busca de uma vida melhor e mais segura (UNHCR, 2016). Nesse ponto, o enunciador apresenta de modo breve, ações desenvolvidas pela Agência da ONU no sentido de dar assistência aos migrantes que buscam por refúgio na Europa; as ações incluem a admissão em programas humanitários para evitar que os refugiados tenham que recorrer a contrabandistas e atravessadores, cujas práticas são comuns no contexto migratório.

Embora reconheça que a história de Samia não é incomum no contexto das migrações, percebemos que o que o discurso construído e midiático pela organização faz é silenciar esse contexto e seus múltiplos aspectos ao direcionar o leitor para o reconhecimento do estereótipo de um refugiado heróico que, mesmo não sendo falso é, certamente, incompleto diante dos diferentes tipos de migrações e deslocados que elas produzem.

O enunciador destaca a instabilidade política e social da Somália como um dos motivos para a migração de Samia, que também enfrentava resistência pelo gênero, uma vez que os *shorts* de treinos eram considerados, pelos rebeldes mais radicais, como inapropriados para mulheres:

Somália não era um lugar para uma jovem pobre com ambições esportivas. Destruída pela luta entre as forças governamentais, chefes de clãs e os rebeldes islâmicos, o país não dispunha de instalações esportivas adequadas. O estádio principal da capital estava em ruínas e Samia sofreu assédio dos militantes. [...]

‘Sua família foi alvo por seu papel de atleta. A seleção nacional foi vista como ligada ao governo’. Os rebeldes radicais se opõem às mulheres que usam *shorts*, o que eles consideram obsceno. (UNHCR, 2016, s.p tradução nossa)¹².



Samia took a well-trodden but dangerous path through Sudan, the Sahara and Libya. © Reinhard Kleist

Figura 11: Mapa do deslocamento de Samia produzido por Kleist
Fonte: UNHCR, 2016

Em decorrência de tais dificuldades, a atleta deixa o país em direção à Europa, acompanhada pela tia, numa viagem na qual atravessa a Etiópia, o Sudão e a Líbia, onde foi sequestrada. A partir de então, não se tem mais informações detalhadas sobre o que ocorreu com Samia até o anúncio de sua morte feito pelo atleta somali Abdi Bile, após os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Baseado em informações extraídas do perfil da jovem no Facebook e de entrevistas com outros refugiados somalis, Kleist, o autor do livro, apresenta uma versão do que pode ter ocorrido:

‘Às vezes, os refugiados estão nesta viagem há anos. Não é como se fossem ônibus e saltassem na praia. Não, são histórias horríveis, indo e voltando, sendo enviados de volta, sequestrados’. [...]

‘Eu tentei estar o mais próximo possível do que poderia ter acontecido. Eu preenchi as lacunas, mas não queria apenas inventá-las, então usei a experiência de outros refugiados para torná-la mais verdadeira’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹³.

Na matéria sobre a história de Samia, temos os relatos mais detalhados e, até certo ponto críticos, sobre as migrações e os deslocamentos de refugiados. Mesmo não tendo sido declarados diretamente pelo enunciador, eles estão presentes através de falas dos personagens evocados no texto como, por exemplo, Reinhard Kleist. Ao afirmar ter sido necessário utilizar a experiência de outros refugiados para recompor a história da atleta, o texto sinaliza não apenas para uma situação particular, mas para o fato do desconhecimento global sobre a real situação dos migrantes e refugiados, cujos deslocamentos e suas causas permanecem como que encobertos por um véu que não permite a ampla visualização e compreensão de seu contexto.

Matéria 03: Bearing the Olympic torch (22 de abril de 2016)

A terceira matéria produzida pelo UNHCR apresenta a história de Ibrahim Al-Hussein, nadador de origem síria cuja carreira foi interrompida em decorrência da guerra civil em seu país. Ibrahim deixou a Síria em 2013, após um bombardeio que resultou na perda de parte da perna direita. Mesmo não podendo se candidatar a uma das vagas no Time Olímpico de Refugiados, que não previa a participação de atletas paralímpicos, o enunciador destaca a participação do sírio refugiado na Grécia como um símbolo de solidariedade aos refugiados em todo o mundo; Ibrahim carregou a tocha olímpica durante a cerimônia de abertura do *tour* mundial da chama que se encerraria no Rio de Janeiro.

No vídeo que acompanha a matéria, o enunciador apresenta Ibrahim como um potencial atleta olímpico, sorridente, conversando com outros nadadores na piscina de um clube e, em

seguida, enfatiza a frustração do atleta de 27 anos cujos sonhos foram interrompidos pelo conflito na Síria, mostrando a imagem da prótese que usa na perna direita.

O país de refúgio, a Grécia, é apresentado por Ibrahim como “a nova casa”, lugar onde pode reconstruir não apenas a vida, mas a identidade como atleta. Temos em sua fala a idealização de seu acolhimento no novo país, que ele espera seja o lugar a partir do qual poderá recomeçar. Ao pensarmos sobre o acolhimento dado aos migrantes refugiados, imediatamente vem-nos à mente os discursos sobre as dificuldades e resistências encontradas por esses sujeitos em diversos países; no entanto, acreditamos ser importante considerar que, assim como as experiências migratórias são plurais, as vivências de cada refugiado em relação às acolhidas também serão múltiplas, o que significa dizer que nem todo refugiado encontrará resistências, assim como nem todo refugiado será bem acolhido.

Assim, é preciso observar as especificidades de cada caso para que não silenciemos as diversas experiências decorrentes desses processos. Deste modo, tendo em vista o contexto da midiaticização e a possibilidade de tornar a questão migratória e a situação das populações refugiadas amplamente acessível, vemos, em discursos como esses postos em circulação pelo UNHCR, o risco de se construir apenas a uma perspectiva possível de refugiados, inviabilizando a existência de outras experiências distintas.

O esporte é utilizado pelo enunciador como o elo que liga o atleta às memórias em relação ao país natal. Ao ser chamado a lembrar da vida na Síria, ele recorda dos treinos de natação no rio Eufrates, cuja ponte era utilizada como plataforma de mergulho, e que foi destruída por um bombardeio em 2011, no início da guerra civil, fato utilizado pelo enunciador como o marco para a interrupção dos “sonhos do atleta”. Após o bombardeio que resultou na perda da perna, o atleta viveu por alguns meses na Turquia onde reaprendeu a caminhar usando a prótese e, desde que passou a morar em Atenas, prefere não comentar sobre a vida na Síria, como descrito no trecho a seguir:

Falar sobre a guerra, seu acidente e recuperação é difícil. Em seu pequeno apartamento no centro de Atenas, que ele aluga sozinho, Ibrahim não guarda fotos nem lembranças da Síria. As memórias são muito dolorosas. Também não fala dos membros da família que ficaram em casa; ele perdeu o contato com muitos deles.

‘Meus olhos apenas olham para frente’, diz Ibrahim. ‘Não consigo pensar no passado. Se eu me lembro de todas aquelas coisas que ficaram para trás, isso irá me retardar’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁴.

Com destaque para a ajuda legal e social dada pela agência da ONU para os migrantes que chegam à Grécia, o texto apresenta dados sobre as migrações para continente europeu em

2015, enfatizando que o país localizado ao sul do continente dificilmente é o destino final dos deslocados, principalmente após a crise econômica que resultou na escassez da oferta de empregos. A matéria não detalha a situação de Ibrahim em sua chegada ao novo país, a obtenção do estatuto de refugiado ou como se dá a integração à comunidade, ocultando alguns aspectos centrais da questão migratória, como a vulnerabilidade dos refugiados e as dificuldades que enfrentam nesse processo, como situação de rua, fome, insegurança, etc.

Ibrahim é então considerado o primeiro representante dos refugiados nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Mesmo não podendo competir, o atleta é o primeiro porta-voz, o sujeito que carregará a tocha “por si, pelos sírios, pelos refugiados em toda a parte, pela Grécia, pelo esporte, por seus times de natação e basquete” (UNHCHR, 2016). O atleta é, para o enunciador, o sujeito que reconstrói a vida no novo país, onde vive de forma modesta e inofensiva, ou seja, a midiaticização de uma imagem normatizada de um sujeito refugiado que é dócil e socialmente útil à comunidade que o acolhe, como que fica evidenciado nas imagens que compõem a matéria e que retratam cenas do seu cotidiano:



Figura 12: Imagens do cotidiano de Ibrahim em Atenas
Fonte: UNHCR, 2016

Matéria 04: These 10 refugees will compete at the 2016 Olympics in Rio (3 de junho de 2016)

Inicialmente, o enunciador destaca um aspecto que se mostra marcante ao longo de toda a produção midiática sobre o Time Olímpico de Refugiados: o ineditismo. É ressaltada de modo recorrente, a formação de um conjunto atípico de atletas que, embora tenham diferentes

origens, possuem como elo o fato de terem sido obrigados a emigrar de seus países. A referida reportagem é a mais extensa dentre as produções publicadas na página destinada à equipe; apresentando em destaque uma montagem com fotos dos dez atletas selecionados e, ao centro, a hashtag¹ #TeamRefugees, termo chave utilizado para indexar o conteúdo relacionado ao time nas redes sociais, a matéria introduz os atletas, um a um, por meio de texto e vídeo onde os mesmos relatam suas histórias como refugiados, bem como a expectativa acerca dos Jogos Olímpicos.



Figura 13: Imagem de apresentação dos atletas do Time Olímpico de Refugiados publicada na página *Rio 2016: Refugee Olympic Team*, no site do UNHCR
Fonte: UNHCR, 2016.

A iniciativa é classificada pelo alto comissário da ONU Filippo Grandi como “um tributo à coragem e perseverança de todos os refugiados”, sendo para tal, justificada por meio de dados sobre as migrações em curso, conforme podemos verificar a seguir:

A iniciativa vem em um momento em que mais pessoas do que nunca - 59,5 milhões na última contagem - estão sendo forçados a fugir de suas casas para escapar de conflitos e perseguições. A equipe que os representa no Rio espera dar ao mundo um vislumbre de sua capacidade de resistência e talento inexplorado. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁵.

¹ Hashtags são palavras-chaves antecedidas pelo símbolo # que se popularizaram nas redes sociais, como Twitter, Facebook, Instagram e que servem para identificar o conteúdo já que, depois de criadas, as mesmas se tornam hiperlinks que irão direcionar a pesquisa para todos os usuários que também utilizarem aquela hashtag específica (MARKETING DE CONTEÚDO, 2017).

De modo a familiarizar o público com os atletas escolhidos para formar o TOR, os esportistas são apresentados um a um através de vídeos cujas imagens de abertura os trazem em poses e expressões que variam desde o olhar distante, caracterizando esperança, posturas de desafio e determinação a expressões que denunciam cansaço e sofrimento; além das imagens, também seguem breves fichas introdutórias contendo o nome, país de nascimento, local onde se encontra refugiado e modalidade pela qual competirá. A seguir, apresentaremos cada um dos perfis:

- Rami Anis, 25 anos, nascido na Síria e refugiado na Bélgica (Natação)

A apresentação de Rami inicia com o relato de sua relação com a família e com o esporte. O atleta, que treinava desde os 14 anos em Aleppo, afirma que a natação é sua vida. Com o aumento da frequência de bombardeios à sua cidade natal, foi enviado, de avião, pelos pais à Istambul (Turquia), onde o irmão mais velho já residia e estudava. A estadia que deveria durar apenas alguns meses acabou se estendendo por anos na medida em que o conflito em território sírio se intensificava.

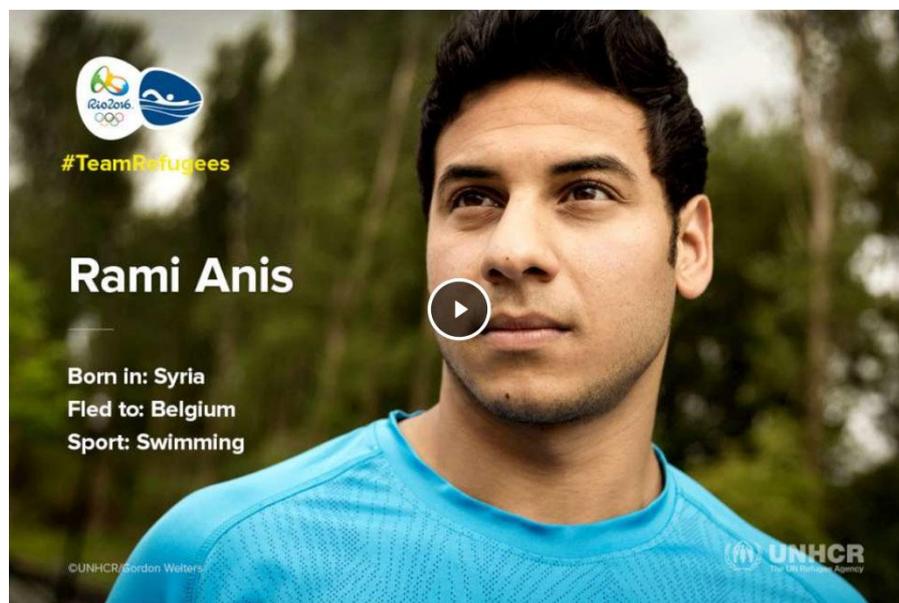


Figura 14: Imagem destacada na capa do vídeo sobre o nadador Rami Anis, no site do UNHCR
Fonte: UNHCR, 2016.

Por não ter nacionalidade turca, o atleta estava impedido de participar oficialmente de competições, motivo pelo qual partiu para o segundo deslocamento, desta vez utilizando um bote inflável a fim de chegar à ilha grega de Samos e, eventualmente à cidade belga de Ghent,

onde treina com a ex-nadadora olímpica Carine Verbauwen. O vídeo que acompanha o perfil apresenta o atleta na piscina, durante treinamentos; no tocante à migração ou a situação de refugiado, as referências se resumem a caracteres indicando que aquele é um refugiado sírio e a uma fala de Rami, quando diz guardar memórias da infância, da família, dos amigos e do esporte em Aleppo.

- Yolande Mabika, 28 anos, nascida na República Democrática do Congo e refugiada no Brasil (Judô)

A apresentação de Yolande inicia trazendo informações sobre seu processo de migração. Violentos conflitos na região oriental de seu país, o Congo, fizeram com que a atleta fosse separada da família quando ainda era criança. De acordo com o enunciador, as poucas lembranças que ela guarda da época são de estar correndo sozinha até ser resgatada por um helicóptero e levada para a capital Kinshasa, onde passou a viver num centro para crianças deslocadas, local onde teve o primeiro contato com o esporte: “‘O judô nunca me deu dinheiro, mas me deu um coração forte’, diz ela. ‘Eu me separei da minha família e costumava chorar muito. Comecei no judô para tenha uma vida melhor’”. (MABIKA, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁶.

Conforme explica Agier (2006, p. 200), um migrante pode ser classificado de diferentes modos, recebendo diferentes rótulos durante seu processo de deslocamento, ou seja, “‘Refugiado’, ‘deslocado’, ‘indeferido’ representam assim três identidades categoriais históricas que a mesma pessoa pode também assumir, em alguns anos ou em alguns meses, em sua história de deslocamentos”.

No caso de Yolande, o estatuto de refugiada somente seria requisitado no Brasil, em 2013, e pouco tem relação com o conflito em seu país de origem, uma vez que após sua fuga de casa ela passou a viver como deslocada interna no próprio Congo. Durante uma participação no Campeonato Mundial de Judô, realizado no Rio de Janeiro, Yolande teve o passaporte confiscado pelo então treinador, além de acesso restrito a alimentação; os abusos que aconteciam de modo recorrente há anos chegaram a incluir ser trancada em uma jaula como punição por ter perdido um torneio, uma violência que resulta em grande medida de uma ideia de dominação do corpo vulnerável, já que como refugiada ela não era considerada uma cidadã com pleno acesso a direitos básicos e fundamentais. Diante de tais circunstâncias, a atleta fugiu do hotel onde estava hospedada, buscou ajuda e, mais tarde, solicitou asilo no Brasil, onde reside desde então como refugiada.

Em sua fala, Yolande ressalta algumas das razões que a impulsionaram a querer fazer parte do TOR, dentre elas, o desejo de reencontrar a família com a qual não tem contato desde a fuga na infância; tal ideia também está presente no vídeo, onde ela aparece treinando com outros judocas no Instituto Reação, no Rio de Janeiro:



Figura 15: Yolande Mabika: “Eu comecei no judô para ter uma vida melhor, para mudar a minha vida, porque eu procuro pela minha família há muitos anos”

Fonte: UNHCR, 2016.

- Paulo Amotum Lokoro, 24 anos, nascido no Sudão do Sul e refugiado no Quênia (Atletismo)

O cotidiano como pastor de gado e a vida em família no território onde atualmente está o Sudão do Sul foram interrompidos pelos conflitos civis no país. Paulo relata que, até ser obrigado a deixar sua casa, “não sabia nada sobre mundo”, exceto sobre seu próprio país, cujas lembranças são preenchidas quase que completamente por imagens da guerra.

Obrigado a migrar para o vizinho Quênia, onde vive como refugiado no Campo de Kakuma, um dos maiores do mundo, Paulo conheceu o atletismo durante competições escolares realizadas no próprio campo, tendo sido, posteriormente levado para Nairobi, a fim de receber treinamentos da ex-corredora queniana Tegla Loroupe.

A fala do atleta a respeito da oportunidade de integrar o time de refugiados mistura entusiasmo e desejo de ser visto e reconhecido pelos seus pares sul-sudaneses, algo maior que as relações estabelecidas no campo de refugiados, assim como a ideia de ajuda particular à sua família e ao seu povo, ressaltando assim um sentimento de pertença que remete ao país de origem:

‘Estou tão feliz’, diz ele. ‘Eu sei que estou correndo em nome dos refugiados. Eu era um desses refugiados lá no campo, e agora cheguei a algum lugar especial. Conheço tantas pessoas. O meu povo me verá na televisão, no Facebook.’. Ainda assim, seu objetivo é simples: ‘Se eu me apresentar bem, usarei isso para ajudar a minha família e meu povo’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁷.

- Yusra Mardini, 18 anos, nascida na Síria e refugiada na Alemanha (Natação)

O relato sobre Yusra retoma a história apresentada na primeira matéria produzida pelo UNHCR: a travessia de bote no Mar Mediterrâneo em direção à Turquia, o quase naufrágio e a ação heróica da jovem, que juntamente com a irmã pulam na água e empurram a embarcação até a costa da Grécia. Os trechos da primeira matéria se repetem, inclusive o vídeo utilizado é o mesmo, com uma alteração no texto: os dois passageiros anônimos que ajudaram as irmãs a salvar os migrantes no barco, neste relato, são invisibilizados.

- Yiech Pur Biel, 21 anos, nascido no Sudão do Sul e refugiado no Quênia (Atletismo)

A apresentação de Biel inicia afirmando algo que o jovem sul-sudanês teria aprendido muito cedo: se você deseja algo em sua vida, terá que fazer por conta própria. Aqui temos evidenciada uma ideologia que responsabiliza o sujeito pelas mazelas sociais às quais se encontra atrelado. Essa construção discursiva é especialmente problemática por reproduzir uma ideia de meritocracia, de um sujeito que, se quiser e tiver força de vontade, é capaz de superar, sozinho, as adversidades do processo migratório, quando a migração envolve questões que estão para muito além do domínio do sujeito, funcionando tal abordagem, de modo a reduzir a questão a um aspecto pontual.

Como nos explica Verón (2004, p. 57) ao falar sobre o conceito de ideológico, todo discurso em nossa sociedade reflete a determinação das condições sociais, políticas, econômicas e institucionais que marcam o contexto de sua produção. Assim, temos nos discursos midiáticos pelo UNHCR narrativas que romantizam a questão migratória e os próprios refugiados ao ignorar os diversos aspectos que levaram a essas migrações e, conseqüentemente, demonstram não ter a intenção de problematizar a questão, esvaziando assim a discussão acerca dos processos migratórios, agrupando todos os refugiados em uma categoria universal, homogênea, que é apresentada não através das falas dos migrantes refugiados, mas de discursos mediados por organizações e autoridades que falam por eles. A fala pouco é transferida para os sujeitos “de quem se fala”, no caso, os imigrantes.

Forçado a deixar seu país em 2005 em decorrência de conflitos armados, Pur Biel está desde então refugiado no Campo de Kakuma, ao norte do Quênia. No campo, seu primeiro

contato com o esporte foi através do futebol, modalidade com a qual afirma ter se frustrado, uma vez que o sucesso no jogo depende da confiança e colaboração entre os colegas de time, fato que fez com que abandonasse este esporte e partisse para as pistas de corrida, como destaca o enunciador: “Correndo ele sente que tem controle sobre seu próprio destino” (UNHCR, 2016, s.p.).



Figura 16: Yeich Pur Biel, refugiado sul-sudanês que integrou o Time Olímpico de Refugiados
Fonte: UNHCR, 2016.

A frase destacada nos parece bastante significativa considerando o contexto de deslocamento no qual o atleta está inserido. O desejo por ter controle sobre algum aspecto de sua vida contrasta diretamente com a situação de refúgio, especialmente tendo em vista o local onde reside: um campo de concentração de refugiados, espaços onde, segundo Agier (2008), as populações indesejáveis apenas sobrevivem, onde suas identidades estão encarceradas, separadas por muros da sociedade do outro lado das fronteiras dos campos, em lugares de espera, cujo único imperativo é manter-se viva.

A motivação de Pur Biel está centrada no país de origem e na família. Como embaixador para os refugiados em todo o mundo, o atleta afirma que buscará mostrar que é possível ter esperanças e que as mudanças necessárias devem ser conquistadas através da educação e do esporte:

‘Eu me concentrei no meu país, o Sudão do Sul, porque nós, jovens, somos pessoas que podemos mudar isso’, diz ele. ‘E em segundo lugar, eu me concentrei em meus pais. Preciso mudar a vida que estão vivendo’.

[...] ‘Posso mostrar aos meus colegas refugiados que eles têm uma chance e uma esperança na vida. Através da educação, mas também na corrida, você pode mudar o mundo’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁸.

- Rose Nathike Lokonyen, 23 anos, nascida no Sudão do Sul e refugiada no Quênia (Atletismo)

Rose é mais um caso de deslocamento forçado de crianças, segundo relatado na matéria do UNHCR. Em decorrência da guerra no Sudão do Sul, ela teve de deixar o país aos 10 anos. Nunca tendo competido antes dos Jogos do Rio, nem mesmo como amadora, o vídeo apresenta uma jovem tímida, que revela o desejo de representar o seu povo no Rio de Janeiro e, com sorte, promover a paz em seu país através do esporte:



Figura 17: Rose Lokonyen e o desejo de união do seu povo por meio do esporte
Fonte: UNHCR, 2016.

- Popole Misenga, 24 anos, nascido na República Democrática do Congo e refugiado no Brasil (Judô)

Separado da família aos nove anos, Popole é também um dos milhares de casos de crianças deslocadas. Em virtude de conflitos na região de Kisangani, onde vivia, o jovem fugiu, tendo sido resgatado após oito dias vagando na floresta e levado para um centro para crianças deslocadas, na capital Kinshasa.

Em sua fala, Popole relata algumas consequências da guerra no Congo: “‘Em meu país, eu não tinha um lar, uma família ou filhos. A guerra causou muitas mortes e confusão e eu pensei que poderia permanecer no Brasil para melhorar minha vida’” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)¹⁹.

Em situação semelhante à de Yolande, Popole também sofreu abusos do treinador, tendo fugido do hotel em que estava hospedado durante o Campeonato Mundial de Judô de

2013, quando pediu asilo no Brasil. O sentimento em relação ao TOR difere dos atletas apresentados anteriormente: Popole fala em representar todos os refugiados, levar esperança, ajudar a diminuir suas tristezas, enfim, mostrar a eles que podem fazer coisas importantes. Usar a visibilidade da equipe para tentar reestabelecer o contato com os familiares congolezes também aparece em seu discurso, não sendo seu principal objetivo. No vídeo, além de representar a população de refugiados, ele ressalta que uma eventual medalha poderia ser também a chance de mudança de vida para sua família.

- Yonas Kinde, 36 anos, nascido na Etiópia e refugiado em Luxemburgo (Atletismo)

A história de Yonas começa a ser contada a partir da perspectiva esportiva. Ao ressaltar os atributos do atleta, em detrimento do refugiado, o enunciador enfatiza sua capacidade e potencial desportivos. Há cinco anos refugiado em Luxemburgo, Kinde estuda francês e trabalha como taxista; no tocante ao currículo esportivo, ele já havia participado de diversas maratonas na Alemanha, Bélgica e França.

Quando instado a falar sobre a vida na Etiópia, o desconforto é evidente, segundo o próprio atleta afirma: “É muito perigoso para a minha vida, então eu deixei meu país” (KINDE, 2016 s.p.). No entanto, o ponto que mais chama atenção na fala de Yonas é sua declaração sobre o que o TOR representaria para os refugiados em todo o mundo, um símbolo que mostraria que os jovens atletas podem fazer seu melhor: “Claro que temos problemas – somos refugiados – mas nós podemos fazer tudo nos campos de refugiados, então isso ajudará os atletas refugiados” (KINDE, 2016, s.p. tradução nossa).

Essa fala chama atenção em razão da afirmação de que é possível realizar tudo o que se deseja num campo de refugiados, o que, em realidade não ocorre. Os campos estão, conforme explica Michel Agier, fixados geralmente “nas margens do mundo”, distantes dos grandes centros urbanos e cujo controle é partilhado por diferentes organizações de ajuda humanitária, como podemos verificar no trecho a seguir:

O segundo componente do humanitário hoje é o conteúdo da própria intervenção, na medida em que esta acompanha de perto as guerras e as violências, e representa seu tratamento legítimo. Ao encarregar-se das vítimas, ela instaura ao mesmo tempo o controle e os cuidados: o princípio do *care, cure and control* aplica-se idealmente nos campos de refugiados, que são dispositivos policiais, alimentares e sanitários eficazes para o tratamento das massas vulneráveis. Se ali as vítimas são mantidas num mínimo de vida, isto é, segundo normas nutricionais de simples sobrevivência, elas também estão sob controle. A atenção constante dada pelos agentes do ACNUR ao registro e à identificação dos refugiados, os tráficos diversos que existem em torno da atribuição das carteiras (as do

governo de acolhida, do ACNUR ou do PAM), a vontade de muitos governos dos países de acolhida de agrupá-los em campos em vez de deixá-los disseminados no seio da população, todas essas práticas denotam uma mesma obsessão de controle. Sob esse aspecto, os campos representam uma das múltiplas ramificações da “sociedade de controle”. (AGIER, 2006, p. 198-199)².

Tanto no texto, quanto no vídeo não constam informações sobre o processo de migração de Yonas, quais motivos o levaram a deixar a Etiópia e como o fez.

- Anjelina Nadai Lohalith, 21 anos, nascida no Sudão do Sul e refugiada no Quênia (Atletismo)

Angelina é também um dos casos de migrações de crianças. A última vez que a jovem viu e falou com os pais aconteceu quando ela tinha apenas seis anos de idade, pouco antes de a guerra chegar ao seu vilarejo e ela ter sido forçada a fugir. Além dos conflitos, a escassez de alimentos torna a sobrevivência quase impossível em seu país.

Após ver tudo o que possuía destruído em decorrência dos conflitos, Angelina tem na ajuda aos pais sua principal motivação para participar dos Jogos Olímpicos em 2016 e, em sua fala, não é possível identificar menção às ideias de esperança e inspiração para os demais refugiados em todo o mundo:

Agora ela quer correr bem no Rio de Janeiro, e depois alcançar boas colocações nas principais corridas internacionais com prêmios significativos. ‘Se você tem dinheiro, sua vida pode mudar e você não permanecerá como você esteve’, diz Anjelina. A primeira coisa que faria com uma grande vitória? ‘Construir uma casa melhor para o meu pai’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁰.

² PAM: Programa Alimentar das Nações Unidas responsável pelas rações alimentares aos refugiados.



Figura 18: Anjelina Nadai e o desejo exclusivo de ajudar os pais
Fonte: UNHCR, 2016.

- James Nyang Chiengjiek, 28 anos, nascido no Sudão do Sul e refugiado no Quênia (Atletismo)

A história de James inicia com informações sobre sua emigração do Sudão do Sul, de onde fugiu aos 13 anos, a fim de evitar ser sequestrado por rebeldes que recrutavam crianças e jovens como soldados. Refugiado no Quênia, James começou a correr, vendo no esporte uma oportunidade de melhorar a vida.

Sua fala é pautada pela ideia de inspiração e motivação às pessoas refugiadas, especialmente os atletas: “Correndo bem, estou fazendo algo bom para ajudar as pessoas – especialmente os refugiados”, diz o atleta que qualifica os demais refugiados como irmãos e irmãs que, segundo ele, também devem ter acesso às mesmas oportunidades que ele teve.

Matéria 05: Refugee athletes set out for Rio Olympics, and history (28 de julho de 2016)

Após a escolha e apresentação do Time Olímpico de Refugiados, a quinta matéria produzida pelo UNHCR traz a rotina de preparação dos esportistas sul-sudaneses para os Jogos do Rio. Refugiados no campo de concentração de Kakuma, localizado “no inóspito norte do Quênia”, os cinco atletas aparecem na primeira imagem correndo numa estrada de terra, vestidos com uniformes de uma das marcas patrocinadoras dos jogos.

O foco da notícia é a partida dos cinco corredores para os jogos, numa despedida marcada por lágrimas de alegria, abraços e músicas de encorajamento, modos como os companheiros refugiados em Kakuma encontraram para desejar boa sorte aos representantes.

Com falas de Rose Nathike, Yiech Pur Biel e do alto comissário Filippo Grandi, o texto reforça os ideais de representatividade e inspiração para as populações refugiadas, bem como do time como meio para atrair a atenção mundial para a causa das migrações. O texto descreve a situação dos atletas, cuja maioria deixou o Sudão do Sul há mais de dez anos, fugindo da guerra civil no país, embora não sejam dados detalhes sobre o conflito. A viagem para o Rio de Janeiro marcou a primeira saída dos refugiados do campo de Kakuma, que está sob mandato do UNHCR.

Com um breve relato acerca da migração de Pur Biel, o enunciador destaca a separação do atleta de sua família que, durante o conflito em seu país, fugiu em direção oposta à do jovem: ele para o Quênia e os familiares para a Etiópia e desde este fato, ocorrido quando tinha 11 anos, Biel não mais teve contato com os seus.

Aqui temos ainda uma referência às expectativas dos esportistas refugiados para além dos jogos, com destaque para o desejo de retornar ao país de origem e representá-lo quando não mais forem refugiados como demonstrado na fala de Pur Biel: “‘Isso me dá esperança de continuar a treinar e trabalhar duro e então ser um campeão um dia e representar o meu país, porque eu não serei um refugiado para sempre e eu sei disso’” (UNHCR, 2016, s. p., tradução nossa)²¹.

O enquadramento na condição de refugiado implica o rompimento, pelo menos temporário, de um vínculo do sujeito com um território que não é apenas político, mas algo que produz sentidos e noção de pertencimento. Nas palavras de Hall (2015, p. 30): “As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica [...]”. Essa comunidade simbólica e a ideia de cultura nacional de que fala o autor, se constituem a partir de discursos, ou seja, produzem sentidos que influenciam a concepção que o sujeito tem sobre si. Embora refugiados, esses sujeitos permanecem com o sentimento de pertencimento em relação a suas nações, sentimento esse que, em muitos casos, se sobrepõe à ideia de família, como ilustrado pelas falas dos atletas do TOR.

Matéria 06: Refugee team takes centre stage ahead of Opening Ceremony (02 de agosto de 2016)

A referida publicação apresenta a midiaticização dos refugiados para além da página do UNHCR, mas destaca-os como assunto principal nas discussões em redes sociais, em meio ao apoio de autoridades e celebridades em diversas plataformas que elogiavam a iniciativa de criação da equipe e os próprios atletas.

O enunciador ressalta que, desde sua chegada ao Brasil, os atletas conquistaram a afetividade do público mundial com suas “histórias da vida real”, ganhando assim amigos e admiradores, num contraste com a ideia de isolamento e dificuldade geralmente associada aos deslocados. A primeira fotografia da matéria mostra Rami, seguido de Yusra, desfilando sorridente com uma postura confiante e, ao fundo, o slogan dos jogos, “Um mundo novo”, que complementa o sentido que os organizadores argumentam ser a mensagem que pretendem transmitir por meio da equipe.

A matéria é construída por imagens e vídeos extraídos do Twitter, com mensagens de apoio publicadas pela atriz Mia Farrow, a rainha da Jordânia, Rania Al Abdullah e da diplomata irlandesa, Samantha Power, ex-embaixadora dos Estados Unidos na ONU. Tais mensagens são utilizadas com o fim de comprovar a afirmação de que milhares de pessoas, em todo o mundo, estavam ao lado dos refugiados, apoiando suas causas.



Figura 19: Manifestações de apoio do TOR no Twitter
Fonte: UNHCR, 2016.

O time é, mais uma vez, utilizado como meio para dar visibilidade à crise migratória, classificada pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional como “a pior crise de refugiados da história da humanidade”. A publicação apresenta ainda informações sobre a primeira coletiva de imprensa dos atletas do TOR, marcada, segundo o enunciador, por relatos emocionados sobre as jornadas de cada competidor, desde a saída de seus países até a chegada ao Rio de Janeiro.

O texto retoma as histórias de Yusra, Popole e Pur Biel, sendo que este último afirma que sua família sequer sabia que ele iria participar das Olimpíadas, uma vez que desde sua fuga do Sudão do Sul, aos 11 anos, ele não mais manteve contato com seus familiares. Uma ideia que percebemos recorrente ao longo das publicações da organização é a da constante necessidade que os refugiados têm de reivindicar um lugar como ser humano, uma vez que os

discursos sobre a migração os tornam invisíveis e os destituem dessa ideia de humanidade em virtude de seu deslocamento. Desse modo, observamos como anterior ao reconhecimento como cidadão de uma nação, ele quer ter o direito mais básico de existência, o que ilustra o desrespeito ao princípio fundante dos direitos humanos, que é a dignidade humana independente de estar ou não em seu país, como fica evidente da fala de Pur Biel reproduzida a seguir: “Nós vamos mostrar que, apesar de refugiados, nós ainda somos seres humanos” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²². Nesse trecho temos uma associação ao duplo deslocamento vivenciado pelo refugiado: um territorial, decorrente da própria migração e outro simbólico, uma vez que os discursos sobre o refúgio, por vezes, deslocam o sujeito para um contexto de desumanização, reduzindo-o a números e estatísticas, por exemplo.

Marinucci (2007), ao apresentar um panorama dos processos migratórios no período pós Segunda Guerra, ressalta os desafios de se trabalhar com a temática dos deslocamentos populacionais, desafios estes que não se restringem à compreensão de dados estatísticos como mencionamos anteriormente, uma vez que, como diz:

[...] ao tratarmos de migrações, estamos focando um âmbito especificamente interdisciplinar, que abrange questões de cunho político, legislativo, jurídico, econômico, demográfico, sociológico, antropológico, psicológico, sanitário, cultural, étnico, religioso, pastoral etc. Esses âmbitos, com frequência, se entrelaçam, condicionando de forma diferenciada e peculiar as situações específicas de cada contexto e de cada migrante. (MARINUCCI, 2007, p. 1).

Matéria 07: Team Refugees: champions against all odds (4 de agosto de 2016)

A matéria publicada na véspera da cerimônia de abertura dos jogos ressalta a capacidade de superação dos atletas que formam o time de refugiados. Em um vídeo eles são alçados à condição de heróis, numa narrativa que apresenta em *flashes* imagens de conflitos, fugas, guerras e pessoas desesperadas, intercaladas por momentos dos atletas em treinamento, preparando-se para os jogos, em posturas desafiadoras, determinadas, confiantes.

Esta representação que finda por naturalizar a condição enfrentada para sobreviver, ao fazer um paralelo com os treinamentos como esse momento de dor, de sofrimento, de abnegação em prol da conquista de uma vaga para os Jogos Olímpicos, como se a superação dos conflitos, guerras, crises econômicas, políticas e sociais dependessem de disciplina, dedicação, garra e investimento por parte do sujeito, como ocorre no esporte. Mais uma vez, temos um discurso que endossa a perspectiva do sujeito como senhor do seu destino, o que

concorre para sustentar discursos de resignação dos sujeitos frente a uma série de questões como a pobreza e a marginalidade, por exemplo.

Com duração de 1 minuto e 33 segundos, o vídeo apresenta os atletas Popole Misenga, Rami Anis, Yolande Mabika e Yonas Kinde em ações que ora completam, ora são completadas por outros refugiados, todos anônimos. O filme inicia com a corrida de Yonas numa pista de treinos que logo se transforma num campo com vegetação seca em meio ao qual um homem foge de algo/alguém. A seguir, o mergulho de Rami numa piscina é interrompido pela explosão de uma bomba e pelo choro de uma criança desesperada em meio a escombros, poeira e caos; na tela com fundo preto, os caracteres brancos destacam a frase “AGAINST ALL ODDS” (Contra todas as probabilidades).

O vídeo segue mostrando uma onda que chega à praia trazendo um bote lotado de migrantes desesperados, em contraste com o leve movimento da água na borda de uma piscina. Surgem novamente os caracteres na tela intercalados por imagens de migrantes e dos atletas: “*10 refugees will compete in Brazil not for personal glory, for the millions fleeing conflict*” (10 refugiados competirão no Brasil não pela glória pessoal, pelos milhões que fogem do conflito), frase que é seguida por imagens de centenas de pessoas tentando atravessar uma fronteira e um helicóptero sobrevoando uma zona de trânsito enquanto um militar armado observa tudo em solo.

A partir desse ponto do vídeo, ouvimos, na voz dos atletas, o seguinte texto, também reproduzido na legenda: “*We may not have a nation. But we will represent millions of refugees. United by the same purpose. We need to show the world who we really are*”. (“Nós podemos não ter uma nação, mas vamos representar milhões de refugiados. Unidos pelos mesmos propósitos: mostrar ao mundo quem realmente somos”). Surge o título “Team Refugees” e um tiro de fuzil dá o sinal de largada para Rami pular na piscina, enquanto dezenas de pessoas aparecem saltando de botes no oceano; Yonas corre numa pista, outros migrantes caminham pelo deserto.

Ao fundo, ouve-se a narradora, com entonação semelhante à de apresentadores de telejornais, dizer que o número de deslocados globais ultrapassou os 65 milhões enquanto na tela surgem *flashes* de barcos lotados de migrantes, bombas explodindo, pessoas fugindo e outras sendo resgatadas do mar por barcos de socorro. A frase de fechamento do filme surge novamente na tela preta: “*Instead of running from something, now there’s something to run towards*” (Em lugar de correr de algo, agora há algo pelo que correr), ou seja, eles não mais correm pela sobrevivência, pela vida, mas correm pela glória; a frase é seguida do convite

para que o público esteja ao lado dos refugiados, manifestando seu apoio à causa por meio da *hashtag* “#WithRefugees”, finalizando com o endereço do site da organização.

Nessa peça, que consideramos uma das mais significativas dentre as produzidas pelo UNHCR, percebemos como, por meio de lógicas e operações midiáticas, a organização engendra sentidos acerca tanto da migração, quanto dos sujeitos refugiados. No filme, identificamos a migração sendo apresentada como um grande conjunto de imagens impactantes, que provocam inquietação, comoção; no entanto, as mesmas imagens se misturam e se confundem umas com as outras, sendo difícil para o público diferenciar as situações e conflitos retratados: Onde estouraram aquelas bombas? Quem são aqueles sujeitos que fogem? Por que fogem e para onde? Essas são apenas algumas perguntas que surgem a partir da observação das imagens.

Por outro lado, os atletas aparecem no vídeo em situações que inspiram esperança e encorajamento. Suas ações e expressões em muito se distanciam daquelas vistas nos demais migrantes. Confiantes, eles figuram como símbolos de heroísmo; são sujeitos que, mesmo tendo deixado sua nação, perdido seu lar, são resilientes e lutarão para mostrar ao mundo quem são os refugiados e do que são capazes. E aqui temos outros questionamentos: Entre o retrato do desespero e o da confiança, entre as mazelas que findam por deslocar os sujeitos em movimentos migratórios e a imagem do atleta com “sangue nos olhos”, como se constrói perspectiva normativa em torno do refugiado? Como se institui um modelo de refugiado distinto daquele que incomoda por tudo que traz consigo, como a fome, o desabrigo, o não lugar, que se convertem em questões sociais para os países onde eles buscam refúgio?

Temos ainda nesse vídeo o sentido produzido pelo enunciador acerca do ideal de apoio. Ao observarmos os enunciados produzidos pela organização e apresentados anteriormente, onde se afirmou que o objeto da criação da equipe era dar visibilidade à crise migratória, sensibilizando o mundo para “a magnitude do problema” e a necessidade urgente de se encontrar soluções para o mesmo, temos através da *hashtag* #WithRefugees o indicativo de uma construção midiática de uma adesão da sociedade, tentativa de construção de um elemento de identidade, mas que não se dá pelo enfrentamento de questão referentes à história, à cultura ou a outros elementos constitutivos de uma identidade nacional e/ou cultural, mas uma identidade forjada pelo mercado como estratégia midiática.

.Em uma sociedade em acelerado processo de midiaticização, onde vigoram inteligibilidades construídas a partir de operações atravessadas pela mídia, são cada vez mais frequentes manifestações de solidariedade, indignação, protesto que se estruturam principalmente em ambientes virtuais.

Se considerarmos a mensagem transmitida através das imagens e frases do vídeo no que diz respeito ao detalhamento de informações sobre os processos migratórios e a crise de refugiados, é possível compreender que o público não teria subsídios suficientes para empreender outros tipos de ações mais críticas, reflexivas, restringindo-se então ao apoio expresso via #WithRefugees. Essa é uma característica da midiatização: a fragmentação de informações. A compreensão se dá exatamente de forma fragmentada, parcial e isso é o que possibilita a ascensão de múltiplas vozes, cada uma delas assumindo um lugar distinto de verdade, verdades parciais, fragmentadas, que adquirem perícia não mais no saber canônico, rigidamente instituído. A perícia, na sociedade em midiatização, se dá por diferentes vias, inclusive a perícia do senso comum.

Matéria 08: Rogee praises young refugees, hail Sport (5 de agosto de 2016)

A primeira das três histórias publicadas na data de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 traz a voz de um único personagem e ele não é um refugiado, mas Jacques Rogge, presidente honorário do Comitê Olímpico Internacional e Secretário Geral da ONU para o desenvolvimento da juventude, refugiados e esporte. Com a foto que apresenta-o sorridente, inspirando simpatia e cordialidade, o texto destaca, por meio da fala de Rogge, o potencial que o esporte teria para modificar a vida das pessoas refugiadas, especialmente dos jovens.

Aqui temos novamente a problemática migratória apresentada de modo fragmentado, uma vez que o enunciador midiatiza-a retirando-a de seu referente de realidade. Alguns questionamentos possíveis nesse contexto são: O esporte consegue ser praticado nos países de origem desses sujeitos? No cenário dos conflitos e guerras? Do modo como está exposto, para que haja esse potencial afirmado de mudança de vida via esporte, a pessoa precisaria, antes, passar pela situação de deslocamento, pois somente nos lugares que não demandam deslocamento é possível ofertar o esporte.

O relato inicia com a afirmação de Rogge de que os jovens refugiados têm “o direito de serem considerados cidadãos normais”, o que remete ao entrelaçamento da fala do enunciador com outros discursos presentes em diversos outros espaços midiáticos ou não, inseridos na lógica da midiatização como processo social ou, como afirma Braga (2012), processo interacional de referência. Tais discursos tendem a desumanizar esses sujeitos e podemos assim considerar, pois sua afirmação indica a existência de discursos construídos em sentido contrário ao expresso por Rogge, ou seja, de que os refugiados não são considerados “cidadãos normais” ou, como afirma Agier (2012), são “o outro”, o estrangeiro indesejável e sem cidadania cuja vida é percebida como uma situação de exceção. Tais operações

discursivas buscam prioritariamente produzir normatizações, ou seja, encaixar a população de refugiados em uma categoria de “sujeitos normais”.

O texto apresenta ainda, com grande destaque, o papel do esporte na vida dos refugiados que, em campos de concentração administrados pelo UNHCR, têm acesso a algumas práticas coordenadas pelo COI, o que contribuiria para a criação de uma “atmosfera de paz e respeito mútuo”, como evidenciado no trecho a seguir:

‘Os esportes não podem fazer tudo no mundo. Mas podem, definitivamente, criar uma atmosfera de paz e respeito mútuos’, ele [Rogge] disse. “Assim, pessoas de diferentes grupos étnicos, diferentes regiões, linguagens e culturas vivem pacífica e amigavelmente juntas”. [...]
 ‘Com o UNHCR’, Rogge disse, ‘Eu vou continuar visitando os campos e fazendo avaliações das possibilidades em termos de esportes e junto com o UNHCR garantir que façamos os investimentos necessários em esportes... Existe um relacionamento forte entre o COI e o UNHCR’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²³.

A partir deste trecho percebemos vestígios de como o esporte é utilizado nos campos de refugiados não apenas como um meio de socialização, mas principalmente como um instrumento de controle dos sujeitos que ali vivem, em espaços de segregação. Em artigo publicado em 2012, Agier argumenta como os dispositivos humanitários e os agentes lá presentes atuam no gerenciamento de tais espaços, como destacamos a seguir:

O governo humanitário que ganha forma atualmente é um dispositivo eficiente e globalizado, constituído por peritos e estrangeiros que assumem a tarefa de gerir o caos, controlar e confinar os efeitos “catastróficos” da divisão do mundo entre zonas de prosperidade e o “resto” (AGIER, 2012, p. 16).

Como o próprio presidente honorário do COI lembra, os campos de refugiados como o de Kakuma, de onde veio metade dos refugiados do time olímpico, contam com mais de 200 mil deslocados de diferentes países africanos; esses espaços abrigam indivíduos de diferentes regiões, etnias, culturas e linguagens, tornando seu gerenciamento um desafio e, neste contexto, o esporte figura como um meio para tornar administráveis os conflitos advindos da convivência conjunta desses sujeitos.

Matéria 09: Countdown to Rio 2016: Refugee Olympic Team prepares for historic debut (5 de agosto de 2016)

A matéria que antecedeu a cerimônia de abertura inicia exaltando, novamente, o ineditismo da criação do time de refugiados, apresentando em retrospectiva, os principais

acontecimentos, desde a chegada dos atletas ao Rio de Janeiro, em julho até a entrada da equipe no Maracanã, em 5 de agosto.

O texto, em muitos momentos, recupera trechos e falas já publicadas em matérias anteriores. No tocante à participação da equipe na cerimônia de abertura, o enunciador destaca: 1) a recepção do público no estádio; 2) as mensagens de apoio ao time enviadas, primeiro pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e depois pelo Papa Francisco; 3) a fala do alto comissário do UNHCR, Felippo Grandi; 4) principais momentos do show de abertura; 5) publicações sobre a abertura e sobre o time de refugiados em perfis no Twitter; 6) a fala de Rose Nathike, porta-bandeira do time.

De acordo com o texto, os atletas foram ovacionados e recebidos de pé pelo “entusiasmado” público presente no Maracanã. Duas fotos ilustram esse trecho da matéria: a primeira, mais aberta, mostra a comitiva formada pelos atletas, técnicos e delegados entrando no estádio enquanto são observados e aplaudidos por voluntários e também filmados e fotografados por esportistas de outras delegações; a segunda imagem apresenta Rose à frente da equipe, conduzindo a bandeira do Comitê Olímpico Internacional. Interessante notar que, mesmo na imagem que à princípio destacaria a porta-bandeira, temos a atleta “perdida” em meio à quantidade de elementos presentes, o que faz com a atenção do receptor fique dividida entre o público que está ao seu redor, aplaudindo (no centro), registrando o momento (na parte inferior), além de Rose levando a bandeira olímpica, como podemos observar na imagem a seguir:



Figura 20: Rose Nathike carregando a bandeira olímpica na abertura dos Jogos Rio 2016
Fonte: UNHCR, 2016.

Logo em seguida, o enunciador destaca a mensagem de apoio enviada aos atletas pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama antes da entrada do time no estádio. A mensagem dizia: “Esta noite, o primeiro #TeamRefugees vai estar diante do mundo e provar que você pode ter sucesso, não importa de onde você é” (UNHCR, 2016, s.p.). O trecho destaca o discurso de uma autoridade que produz o sentido de aprovação da ação empreendida (criação da equipe), mas também reforça a ideia de mérito individual do atleta, ignorando todos os demais aspectos que corroboram para a situação crítica em que milhões de refugiados se encontram atualmente, transferindo ainda para o leitor a responsabilidade exclusiva por seu sucesso ou insucesso em qualquer âmbito da vida.

Após a mensagem de Obama, temos a fala de outra autoridade, que já havia aparecido em outras matérias da organização: Filippo Grandi, alto comissário das Nações Unidas para Refugiados. O enunciador destaca a emoção do comissário diante da receptividade do público no estádio:

‘Eu estava tão nervoso, esperando por eles, eu estava realmente, como posso dizer, cheio de expectativa sobre como a torcida, a enorme torcida do estádio do Maracanã, reagiria e, devo dizer, não fiquei desapontado porque quando a equipe de refugiados foi anunciada pelo narrador, em três idiomas, todos se levantaram e aplaudiram. Isso diz muito sobre a força da solidariedade não apenas neste país, mas em todo o mundo’, disse ele. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁴.

Observemos que a fala emocionada não é a do refugiado, mas a da autoridade que coordena o dispositivo humanitário, ou seja, temos aqui um discurso que silencia a voz do migrante dando o direito de fala para as instituições e seus agentes que estão autorizados a falar por eles, uma operação que, à semelhança das operações de mercado, produz discursos sobre um terceiro, discursos estes que precisam ser amplamente midiaticizados para serem amplamente aceitos.

Em seguida, o texto parte das imagens e referências a detalhes do show de abertura, para trazer a fala de uma refugiada, a corredora Rose Nathike. Através da fala da migrante, identificamos a manifestação de outras vozes, vozes estas que proferem um discurso que ressalta a resiliência de um refugiado supostamente ideal, uma construção normativa que produz deslocamentos nas representações em torno dos refugiados. Embora ações como essas possam ser vistas como estratégias de inclusão desses sujeitos, elas os desvinculam do contexto que produziu sua exclusão, não adentrando nos elementos que atravessam a exclusão como realidade. No caso apresentado, temos uma construção que utiliza os atletas do time como modelos, exemplos do comportamento admissível para os deslocados que, além de se adaptarem às situações adversas que enfrentam, devem ainda ser gratos pela ajuda recebida dos dispositivos humanitários, os quais, de fato, são o centro da fala de Rose, como evidenciado a seguir:

Rose, que, desde os oito anos de idade, cresceu no campo de refugiados de Kakuma, no inóspito extremo norte do Quênia, diz que a vida tem sido dura. Mas, com a ajuda de outras pessoas, ela superou muitos desafios e se tornou um exemplo para outros refugiados em todo o mundo do que pode ser alcançado.

‘Apesar de estarmos enfrentando desafios, realmente estamos felizes porque o ACNUR é quem nos oferece instalações, necessidades básicas, abrigo, alimentação. Estamos muito felizes. Mesmo a educação, eles fornecem isso para os refugiados’, disse ela. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁵.

O mesmo ocorre com Yusra e Pur Biel que falaram durante um encontro com membros do Comitê Olímpico Internacional, realizado no dia 2 de agosto, no Rio de Janeiro. Vejamos o que disseram os refugiados:

Yusra, que no ano passado nadou por sua vida quando o bote inflável em que ela embarcou para atravessar da Turquia para a Grécia começou a afundar, disse: ‘Obrigada (COI) por estar aqui hoje, pela decisão que você tomou... Estar aqui neste evento de paz que são as Olimpíadas. Obrigada a todos que nos deram a chance de estar aqui para seguir nossos sonhos novamente’.

[...]

Pur Biel, um corredor do Sudão do Sul que tem sido refugiado durante metade de sua vida, disse que considera o COI e o UNHCR como os pais que ele mal conheceu.

‘As pessoas acham que não fazemos nada em um campo de refugiados, mas fazemos. Nunca podemos esquecer o que o COI e o UNHCR fizeram por nós, sendo como uma mãe e um pai. Nós nos sentimos pertencentes à comunidade, como seres humanos. Este é o começo da vida e mudará a nossa vida para sempre. Obrigado a todos e que Deus os abençoe’. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁶.

Nesse trecho, destacamos da fala de Pur Biel não apenas o agradecimento às organizações como fizeram Rose e Yusra, mas a identificação do sentimento de pertencimento à comunidade global e o reposicionamento das organizações que deixam de ser apenas agentes humanitários para ocupar o lugar de família e não qualquer lugar, mas o de mãe e pai, ou seja, daqueles que têm a capacidade de dar vida e contribuir para o desenvolvimento do indivíduo.



Figura 21: Yiech Pur Biel e Yusra Mardini durante encontro com membros do COI no Rio de Janeiro
Fonte: UNHCR, 2016.

Além da mensagem de Barack Obama citada anteriormente, também são destacadas mensagens de boas sorte e exaltação da importância histórica do time, enviadas por outras autoridades, como o Papa Francisco e o Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon.

Outros refugiados também aparecem na referida matéria, desta vez como condutores da tocha olímpica durante o *tour* realizado no Brasil. No entanto, todos os migrantes refugiados são mostrados apenas em fotos, não têm nome, indicação de seu país de origem, condições em que ocorreu a migração e a obtenção do estatuto de refugiado. Ou seja, o discurso midiática

corpos de sujeitos invisíveis, sem história, silenciando ao mesmo tempo em que mostra, corroborando assim para a desqualificação de suas experiências e sua consequente desumanização.

Ao retomar os acontecimentos do dia 1 de agosto, durante a coletiva de imprensa na qual os atletas foram apresentados, temos, por meio de vídeo publicado no Twitter e introduzido na matéria, a fala do judoca Popole Misenga que, emocionado destaca a importância de sua participação nos Jogos quando diz: “Estou aqui no Brasil e graças às Olimpíadas eles [os familiares que ficaram no Congo] podem me ver na televisão e saber que o irmão dele está aqui no Brasil”. A fala é entrecortada por lágrimas e, quando não mais consegue segurar a emoção, o atleta é aplaudido pelos jornalistas presentes. Quando retoma a palavra, Popole aponta o que considera ser seu objetivo naquele momento: “Estou lutando para conseguir, um dia, pagar a passagem dele [o irmão] para que ele possa chegar e ficar aqui, junto comigo”. Nesse ponto temos o desejo de reencontro e pertencimento à família evidentes no discurso do refugiado, que mesmo passados 18 anos de separação, mantém a intenção e esperança de estar junto dos familiares novamente.

Matéria 10: Refugee Olympic Team makes history at Rio Games (5 de agosto de 2016)

O texto inicia retomando grande parte do conteúdo da matéria anterior quando falava da cerimônia de abertura das Olimpíadas. As mudanças surgem a partir da introdução de outros refugiados na narrativa, os familiares da sul-sudanesa Rose Nathike, refugiados em Kakuma. O enunciador apresenta a reação da família da jovem através da fala de seu irmão mais novo, Tom Namilo, que expressa orgulho ao saber que ela seria a porta-bandeira da equipe de refugiados.

Embora traga uma fala da família de Rose, não é a fala dela que surge logo a seguir na matéria, pois o enunciador muda de personagem e parte para a apresentação da ideia de unidade pretendida pelo time e demonstrada na fala de Yusra Mardini quando diz:

‘Nós não falamos a mesma língua (e) somos de países diferentes, mas a bandeira olímpica une todos nós juntos e agora estamos representando cerca de 60 milhões de pessoas em todo o mundo. Estamos muito felizes juntos, como uma equipe. Queremos fazer o nosso melhor para mostrar a todos que podemos fazer tudo para sermos bons atletas e boas pessoas’, disse ela ao UNHCR em uma entrevista recente. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁷.

A fala da atleta evidencia, mais uma vez, o ideal de normatização do refugiado que está feliz diante dos auxílios que recebe e que fará todo o possível para ser uma “boa pessoa”. O

que percebemos a partir de tais falas é a ideia de união dos diferentes, remetendo a uma pretensa homogeneização de grupos em tudo heterogêneos, ideia essa que se aproxima do que Agier (2012, p. 15) comenta sobre a narrativa atual dos dispositivos humanitários em que temos a “narrativa humanitária como uma das grandes narrativas da globalização, no sentido de que sua atuação é uma das que elaboram e formam o mundo enquanto ‘mundo’, único, partilhado ou até homogêneo”.

Matéria 11: Popole makes history – twice – at Rio Games (12 de agosto de 2016)

A matéria traz o relato da participação de Popole nas Olimpíadas e, a partir dele, introduz outros migrantes congolese refugiados no Brasil, que acompanharam as lutas do judoca, torcendo por ele.

Em uma comunidade não identificada da periferia do Rio de Janeiro, um lugar marginal o qual o enunciatador não se preocupa em nomear, um grupo de refugiados assistiu e torceu por Popole em sua estréia nos jogos. Com gritos de “Go Popole, go Popole”, o enunciatador descreve que o público parecia mal acreditar no que era mostrado no telão instalado no centro comunitário. Segundo o texto, o judoca lutaria por todos os refugiados ali reunidos. Em sua primeira luta, Popole enfrentou o indiano Avtar Singh, mais experiente que ele em torneios internacionais e, mesmo assim, conseguiu a derrotá-lo; o resultado provocou no público a seguinte reação: “O público foi à loucura. Crianças dançaram, mulheres choraram e gritaram, homens bateram tambores e se abraçaram” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁸.



Figura 22: Refugiados congolese comemorando da vitória de Popole nas Olimpíadas do Rio
Fonte: UNHCR, 2016

Uma galeria com imagens do público reunido para assistir às lutas mostra mulheres com olhares ora apreensivos, ora admirados, crianças atentas, outras dançando e comemorando a vitória de Popole; em seguida, um vídeo apresenta as reações de tristeza do público pela derrota de Yolande e a euforia pela vitória de Popole; uma mulher identificada como Christine Kamba, refugiada há 10 anos no Brasil exibe orgulhosa a bandeira da República Democrática do Congo, falando em tom entusiasmado e convicto que os atletas lutariam “como congoleses”, eles mantêm uma identidade de nação construída a partir de elementos históricos e culturais e, diante disso, recusam a identidade de refugiados, que paira como um não lugar, pois, para ela, Popole e seus companheiros do centro comunitário continuam a ser congoleses, embora não mais habitem o território de origem. Todos os demais refugiados que aparecem no vídeo não são identificados e, mesmo tendo dado depoimentos sobre a participação dos atletas e companheiros refugiados, permanecem anônimos para público.

A seguir, o enunciador apresenta alguns dados sobre a migração de congoleses para o Brasil, destacando o auxílio que recebem de instituições de apoio humanitário parceiras do UNHCR, como é o caso da Cáritas Brasileira, organização vinculada à Rede Cáritas Internacional e, nacionalmente, organismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil; sua atuação é descrita por um de seus organizadores, Diogo Felix, e evidenciada no trecho a seguir:

Popole e sua compatriota Yolande Mabika, que havia lutado mais cedo, mas perdeu a luta, foram especialmente importantes para esse público. A maioria dos cerca de 1.000 refugiados congoleses no Rio de Janeiro passou por este centro de apoio, que é administrado pelo parceiro de implementação do UNHCR, a Cáritas.

‘Todos eles têm problemas de adaptação, linguagem e trauma e nós os ajudamos da melhor maneira possível. Apoiamos suas necessidades básicas e os ajudamos a se recuperar’, disse o organizador da Cáritas, Diogo Felix. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)²⁹.

A fala do representante da Cáritas nos apresenta os primeiros vestígios das dificuldades enfrentadas por migrantes nos locais de refúgio, tais como os problemas de adaptação, comunicação, além dos traumas. Nesse ponto, acreditamos importante ressaltar como os discursos até aqui apresentados silenciam as diversas questões que atravessam a migração, não apenas os traumas desses sujeitos, mas também fatos políticos, históricos, sociais, etc. Assim, podemos questionar em que situação os refugiados chegam aos dispositivos humanitários ou como lidam com essa experiência?

No caso de Popole e Yolande, que fugiram dos conflitos no Congo e, anos mais tarde, dos maus tratos do ex-treinador de judô, a chegada ao centro comunitário da Cáritas é descrita no texto como o instante a partir do qual eles recebem ajuda para, lentamente, reconstruírem suas vidas, afirmação comprovada através da fala de Charly Kongo, um homem de 35 anos, que foi o primeiro congolês a chegar ao centro, oito anos antes. Vejamos o que ele diz: ‘A vida tem sido dura, mas a Cáritas e o UNHCR me ajudaram a ficar de pé’ (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³⁰.

Nesta fala de Kongo, percebemos uma das relações possíveis que se estabelecem entre os refugiados e as organizações de assistência internacional. Como lembra Agier (2012), a presença de tais organizações representa apenas uma parte da vida dos refugiados, cuja classificação varia de “vítimas e beneficiários”, a “manipuladores e aproveitadores do sistema”, numa dinâmica descrita no trecho a seguir:

A injunção emergencial obriga os funcionários das ONGs internacionais a ter sempre algo de urgente a fazer; uma pressa que contrasta com a lentidão característica do ritmo dos refugiados no campo. Essa lentidão é a expressão visível de diversos sentimentos vivenciados pelos refugiados internados há muitos anos: sofrimento, tédio ou uma melancolia ligada à terra perdida e ao futuro incerto, criação de novos vínculos locais, transformação das moradias. Nesse presente suspenso que caracteriza a vida nos campos, convivem então agentes humanitários expatriados trabalhando numa urgência sem fim, e os refugiados tentando se orientar, se recompor e refazer uma vida nesses novos espaços de forma lenta. (AGIER, 2012, p. 15).

Matéria 12: As Games near end, Team Refugee looks to the future (18 de agosto de 2016)

Com a proximidade do final dos Jogos Olímpicos Rio 2016, os discursos produzidos pelo UNHCR passam a apresentar as projeções futuras dos refugiados que formaram o time inédito. Diferente do que foi mostrado nas primeiras matérias, onde tínhamos imagens dos atletas com olhares desafiadores, assemelhando-os à guerreiros que se preparam para uma batalha, a partir desta matéria, já os encontramos com uma fisionomia mais sorridente, relaxada.

O texto inicia abordando a expectativa dos atletas em “virar a página do passado” após os jogos, indicando a intenção destes de esquecer as adversidades que os fizeram ser refugiados. No entanto, antes do esquecimento, o enunciador reapresenta de forma breve a história de fuga de alguns dos esportistas, como é o caso de Yolande Mabika: “Yolande Mabika se lembra de ter corrido por sua vida quando os rebeldes atacaram sua casa em Bukavu, no leste do Congo, há mais de 20 anos. Ela tinha oito anos. Essa foi a última vez que

ela viu sua família. Eles se espalharam em outras direções.” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³¹.

No trecho destacado identificamos uma estratégia recorrente nos discursos produzidos pela organização, que é o de falar da migração, dando apenas o mínimo de informações possíveis ao leitor, que não tem, deste modo, condições de construir uma reflexão mais completa sobre o quadro. Tal estratégia característica da midiatização, dá a ver, mas não necessariamente fazer saber; constrói saberes de modo fragmentário que passam a serem tomados como suficientes.

Importante ressaltar que, diante dos argumentos apresentados pela própria organização para a criação do time de refugiados, quando afirmou que a equipe teria como função chamar a atenção do mundo para a magnitude da crise migratória e relacionando às informações sobre Yolande, podemos questionar: Quem eram aqueles rebeldes? Por que tais ataques aconteceram? Que mudanças ocorreram no país nesses 20 anos, desde a fuga de Yolande? Quais motivos levam os congolese a migrarem atualmente? Saber apenas que Yolande foge do ataque de rebeldes não é suficiente para que se possa compreender o contexto dos conflitos que ocorrem no Congo ou em qualquer outro país. Agier (2012, p. 18) argumenta que:

O maior símbolo e a principal condição da potência do dispositivo humanitário contemporâneo residem na estranha presença-ausência de seus “beneficiários”, simbolicamente onipresentes, mas intelectual e politicamente ausentes: é o mundo à parte das “vítimas” às quais se associa geralmente o nome de refugiados. As imagens são exibidas de forma excessiva e ambivalente: o noticiário mostra imagens de desespero, os outdoors de certas ONGs exibem em close os olhos suplicantes e o corpo esquelético de uma criança negra nua... Entretanto, estas pessoas não possuem qualquer lugar na concepção de mundo produzida pelo mundo Ocidental. O que podemos dizer sobre esses “beneficiários”, além da compaixão ou da condenação? Uma certa forma de ausência intelectual acompanha o isolamento das vítimas absolutas, ausência que em geral só aparece sob a forma revelada do “impensável”, do “intolerável ou do “indizível”. Essas muitas figuras extremas do exótico atual provocam consternação e confirmam assim, através de uma *mise en scène* sentimental, o caráter excepcional de sua incursão inesperada nas imagens mundiais. A exceção está, pois, fora daquilo que se apresenta como sendo a “realidade” e cuja construção exclui os sujeitos e a voz dessa alteridade invisível.

O enunciador ressalta uma fala de Yolande acerca do sentimento em relação ao seu país; após 20 anos vivendo, primeiro, como deslocada interna em um local para crianças abandonadas e órfãs localizado em Kinshasa, capital do Congo e depois como refugiada no Brasil, Yolande diz que a cada dia pensa menos em seu país de origem, que as memórias da família estão sumindo e a dor pela separação passando: “Eu aceitei que não vou vê-los [os

familiares] novamente”, ou seja, a partir do discurso midiaticizado, temos uma ideia de conformação do sujeito diante da impossibilidade de reunião com a família, já que após 20 anos de separação e falta de informações, o reencontro seria improvável, uma realidade semelhante para muitos migrantes refugiados e não é problematizada no discurso do UNHCR.

O texto ainda traz a fala da chefe de missão do time de refugiados, Tegla Loroupe, que afirma ser o time uma inspiração não apenas para os refugiados em todo o mundo, mas para todos aqueles sujeitos que se encontram à margem e que tem que lutar contra “grandes adversidades”. A fala introduz uma ação realizada por artistas de rua cariocas, não identificados no texto, que pintaram um mural em homenagem aos atletas; sobre o mural, o texto nos traz a seguinte informação:

O Rio de Janeiro demonstrou esse apoio esta semana ao revelar um mural, pintado por artistas de rua, de todos os 10 membros da equipe de refugiados. Ele abrange as paredes de um antigo armazém na área do antigo porto anteriormente negligenciada e que a Câmara Municipal pretende revitalizar como uma homenagem duradoura às Olimpíadas de 2016. O mural vai durar por muito tempo depois que os atletas, espectadores e a mídia tiverem ido embora. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³².

Neste ponto, observamos que, de todo modo, os refugiados permanecem marginais, seja nos campos de concentração, nos centros comunitários periféricos e mesmo no mural que os homenageia, localizado numa zona abandonada, pintado nas paredes de um antigo armazém, um local pouco frequentado e, portanto, tão invisível quanto os próprios migrantes.



Figura 23: Artistas de rua responsáveis pelo mural em homenagem aos atletas do Time Olímpico de Refugiados
Fonte: UNHCR, 2016.

Matéria 13: Historic Olympics come to an end in style for Team Refugees (22 de agosto de 2016)

A penúltima matéria produzida pelo UNHCR apresenta detalhes da cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos e somente nos últimos parágrafos traz a voz do refugiado. Com destaques para as falas do presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, e da alta comissária adjunta do UNHCR, Kelly T. Clements, o texto enfatiza as ideias de que o time deixa um importante legado para o mundo, ajudando a mudar a percepção da sociedade sobre os refugiados e deslocados de modo geral e de que, mesmo após o encerramento do evento, as duas organizações continuariam a dar apoio aos atletas.

O ponto que mais nos interessa nesse texto está na fala de Yonas Kinde, maratonista etíope refugiado em Luxemburgo e último atleta da equipe a competir nos jogos, já que, tradicionalmente, a maratona é a prova que encerra a competição. Yonas exalta sua participação nas Olimpíadas, mas destaca a necessidade de respeito aos refugiados quando diz: “Nós mostramos que todos os refugiados podem fazer algo, se tiverem uma chance”. Diferente dos discursos vistos anteriormente, onde se exaltava a ideia de mérito individual do atleta e do refugiado, colocando-o como único responsável pela melhoria das suas condições de vida, Yonas lembra que, na situação de vulnerabilidade em que se encontram os migrantes e, particularmente os refugiados, dependem de outros para poder alcançar alguma estabilidade ou sucesso.

Matéria 14: Team Refugees: looking to the future (29 de dezembro de 2016)

Quatro meses após o encerramento dos jogos, o UNHCR publica uma matéria com foco nos atletas, mostrando como estão após a participação nas Olimpíadas, como a experiência mudou suas vidas, bem como quais são seus planos para o futuro.

Tegla Loroupe, que atuou como chefe da delegação no Rio abre a sequência de informações e depoimentos; no final de 2016, ela foi nomeada personalidade do ano pelas Nações Unidas em função do trabalho realizado e do sucesso global alcançado pelo time. Além disso, também passou a ser chamada pelos atletas de “mãe dos que não tem mãe”, numa referência àqueles que perderam contato com suas famílias durante o processo de migração, como foi o caso dos congoleses e sul-sudaneses.

A primeira atleta apresentada é Yusra Martini, agora não mais uma refugiada anônima, mas uma atleta olímpica que conversou com líderes políticos mundiais e com o Papa. Em sua

fala, a atleta menciona apreensão pelos familiares que ainda permanecem na Síria e que, segundo ela, vivem em grande dificuldade, embora não especifique quais seriam. Desde o final dos jogos, Yusra divide seu tempo entre os treinos de natação e os encontros e palestras motivacionais para os quais é convidada e onde relata sua jornada de migração, repetindo assim o discurso de heroísmo a ela associado.

Uma importante informação sobre Yiech Pur Biel é mencionada de modo discreto e não explorada pelo enunciador: sua participação nos jogos possibilitou o reencontro com a família que ele não via e com a qual não tinha contato há 12 anos.

Para Yiech Pur Biel, as Olimpíadas fizeram mais do que permitir que ele mostrasse suas proezas esportivas no cenário mundial. Foi uma passagem para os livros de história e uma experiência incrível que o reconectou com sua família depois de quase 12 anos.

Ele havia se separado deles quando fugiu do Sudão do Sul em 2005. Através das mídias sociais, sua mãe descobriu que ele estava no Rio e, com a ajuda do UNHCR, conseguiu restabelecer contato.

‘Foi ótimo falar com minha mãe depois de 12 anos’, disse ele. (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³³.

Quase 12 anos de separação da família, vivendo como refugiado em um campo de concentração e a história do reencontro se resume a uma frase do atleta. Em quais circunstâncias a família de Pur Biel viveu durante esse período de separação? Também eram refugiados em outro país ou deslocados internos no próprio Sudão do Sul? Estes são alguns dos questionamentos que permanecem em aberto no texto. Assim como acontece com Yusra, Pur Biel também se dedica a dar palestras e contar sua história a fim de motivar outras pessoas, especialmente refugiados.

Dentre todos os refugiados que formaram o time, o sírio Rami Anis é mostrado como um dos principais modelos do que se espera do refugiado ideal. O jovem se dedica aos treinos de natação pensando em competir nos próximos jogos, em Tóquio/2020; vivendo com o pai e o irmão na Bélgica, ele afirma que o idioma é ainda uma grande dificuldade para eles. Rami completou ao final de 2016 um curso de integração ao novo país, aprendendo sobre a vida na Bélgica, a cultura e a “como se encaixar e encontrar emprego”, ou seja, como se tornar um refugiado útil.

Após os Jogos, Yonas Kinde se dedica a aprender luxemburguês e francês para melhor se adaptar ao novo país. Ele passou a trabalhar como treinador de um jovem eritreu de 23 anos identificado apenas como Abiel, além de ter conseguido um emprego de meio período em um clube local onde aplica os conhecimentos sobre massagem e fisioterapia adquiridos quando ainda estudava na Etiópia, antes da migração. Somente nessa última matéria o leitor

tem informações mais detalhadas sobre a vida de Yonas, que no texto de apresentação dos atletas havia se negado a comentar sobre a vida no país natal; aqui ele diz: “‘Minha situação é muito difícil. Minha família ainda está na Etiópia. Meu objetivo é ter um emprego com contrato [tempo integral]... Quero trazer minha esposa e minha filha para Luxemburgo’” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³⁴; a esposa e a filha permaneceram invisíveis antes e durante os jogos, não tendo sido, em nenhum momento, questionadas as causas de sua invisibilidade.

Angelina Nadai é descrita como uma atleta que realizou sonhos através dos jogos; agora viajando e visitando diferentes países como Uganda e Canadá, a jovem cumpre uma agenda diplomática, compartilhando sua história com jovens líderes em reuniões globais que tem por objetivo discutir as principais questões do mundo contemporâneo e encontrar ainda soluções para o desenvolvimento global. Sua mensagem, para o enunciador, é clara: se outras pessoas podem quebrar recordes, qualquer refugiado também pode, já que tudo para ela “é uma questão de ignorar o *status* de refugiada e apenas se concentrar na sua vida”.

Essa ideia é também compartilhada por Rose Nathike e James Nyang. Para a primeira, ser refugiada é “apenas um *status*”, que não deve impedi-la de conquistar as mesmas coisas que quaisquer outros cidadãos. James ressalta a mesma ideia a partir dos conselhos recebidos de outra pessoa, o jogador de futebol da Seleção Brasileira, Neymar, a quem conheceu durante as Olimpíadas: “‘Ele nos disse para esquecer a vida que você passou antes e nos concentrarmos no que você vai ser no futuro’, lembrou o refugiado sul-sudanês. ‘Trabalhe duro e respeite os outros’” (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)³⁵. Tais discursos reforçam, mais uma vez, a ideia de mérito entre os refugiados, uma vez que cada um poderia alcançar o que quisesse graças a seus esforços individuais.

Paulo Amotum e Popole Misenga ressaltam o desejo de ajudar suas famílias. Paulo que também se tornou porta-voz do time, dando palestras em eventos sobre a contribuição do esporte nos serviços humanitários, concentra-se na preparação para correr a maratona nos jogos de Tóquio em 2020, mesmo não tendo certeza se haverá novamente uma equipe de refugiados. Popole, que durante os jogos demonstrou a esperança de reencontrar a família através da visibilidade que alcançou com o time, diz ter com foco reunir os irmãos, trazendo-os para o Brasil:

‘Eu estou vivo! Eu estou vivo!’ Ele gritou em seu celular quando recebeu uma ligação de um de seus irmãos.

‘Isso foi o mais importante para mim desde o final dos Jogos. Quero levar meus dois irmãos e uma irmã da República Democrática do Congo para o Rio’, disse ele. ‘Eles também merecem a chance de reconstruir suas vidas

em outro país’, disse Popole ao UNHCR. (UNHCR, 2016, s.p. tradução nossa)³⁶.

Yolande Manika relata que passou a ter uma vida social movimentada após os jogos, “a tristeza é parte da sua vida passada”, não desta nova, já que como uma atleta refugiada exemplar, ela supera/ignora as dificuldades, esforçando-se para se desvencilhar das lembranças e experiências que a ligam aos traumas da migração. Além de estudar português para melhor se adaptar ao Brasil, ela também passou a atuar como voluntária em atividades de suporte a populações vulneráveis no Rio de Janeiro, uma ideia de retribuição pela ajuda recebida no centro comunitário que a acolheu quando pediu asilo ao país.

4.2 Os refugiados nos Jogos Rio 2016 pelo COI

4.2.1 O Comitê Olímpico Internacional (COI)

Criado em 1892 pelo francês Pierre de Coubertin, o Comitê Olímpico Internacional é resultado de um projeto que visava à reorganização dos Jogos Olímpicos, suspensos desde 393 a.C. pelo imperador romano Teodósio. O projeto do Barão de Coubertin previa a nomeação de um Comitê responsável pela organização dos jogos e criação de um movimento internacional, o Movimento Olímpico, instituído através da Carta Olímpica e constituído pelo COI, que é a autoridade máxima do Movimento, além das Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais, como está descrito no site da organização: “O objetivo do Movimento Olímpico é contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor educando os jovens através do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo, em um espírito de amizade, solidariedade e *fair play*.” (COI, 2017, s. p., tradução nossa)³⁷.

Analisamos a página *Refugee Olympic Team* que integra o site do COI (www.olympic.org/); O site do Comitê olímpico reúne informações sobre todas as edições de Jogos Olímpicos de verão, inverno e da juventude já realizados na era moderna, além de notícias sobre as próximas sedes de competições (desde Atenas 1896 a Los Angeles 2028). O site apresenta ainda informações sobre esportes e atletas olímpicos, galerias de fotos, vídeos, ações e áreas de atuação do Comitê internacional e dos Comitês nacionais, notícias sobre campanhas, links para um museu e loja virtuais, além de sala de imprensa.

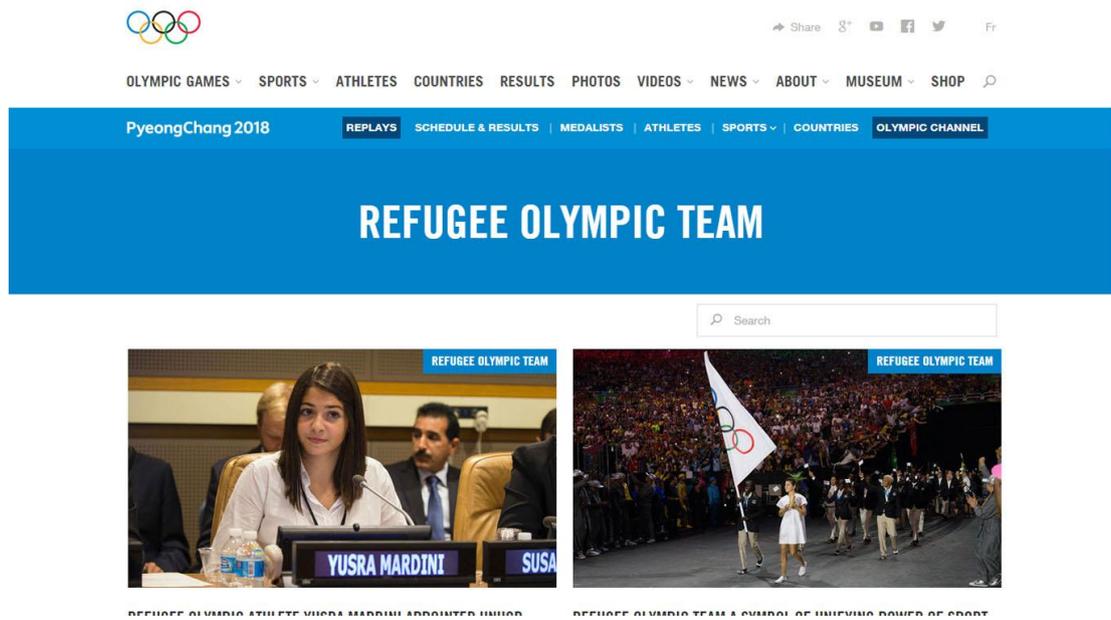


Figura 24: Tela principal da página *Refugee Olympic Team*, no site do COI
 Fonte: COI, 2017.

Vinculada ao submenu *News topics* (Tópicos de Notícias), que está, por sua vez, associado ao menu *News*, na página destinada ao Time Olímpico de Refugiados encontramos notícias relacionadas à equipe de refugiados, compostas por textos, fotos e vídeos.

4.2.2 A produção de sentidos na página *Refugee Olympic Team*

Matéria 01: UN General Assembly approves olympic truce for Olympic Games Rio de Janeiro 2016 (26 de outubro de 2015)

Em matéria publicada ainda em 2015, o Comitê Olímpico Internacional anuncia a participação de atletas refugiados nos jogos que se realizariam no ano seguinte. A fotografia de abertura registra o amistoso aperto de mão entre o Secretario Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon e o presidente do COI, Thomas Bach, indicando as estreitas relações estabelecidas entre as duas organizações, responsáveis pela concepção da equipe de refugiados. Este último, em seu discurso diante da Assembleia, faz um apelo às nações membro da ONU para que, por meio dos Comitês olímpicos nacionais, identifiquem atletas de alto nível esportivo que estivessem naquele momento na situação de refugiados.

O presidente explica em sua fala que, em virtude do *status* de refugiado, mesmo que estes esportistas tivessem alcançado índices que os qualificassem a participar dos jogos, estariam impedidos de competir por não terem um Comitê Olímpico Nacional que os

representasse. Aqui temos a declaração do presidente que será repetida em diversos outros momentos, na qual diz:

‘Não tendo um time nacional para pertencer, não tendo bandeira para marchar para trás, não tendo nenhum hino nacional a ser tocado, esses atletas refugiados serão recebidos nos Jogos Olímpicos com a bandeira olímpica e com o hino Olímpico. Eles terão uma casa junto com todos os outros 11 mil atletas de 206 Comitês Olímpicos Nacionais da Vila Olímpica. Este será um símbolo de esperança para todos os refugiados em nosso mundo e tornará o mundo melhor ciente da magnitude dessa crise’. (COI, 2015, s.p., tradução nossa)³⁸.

Logo nesta primeira fala o enunciador já destaca uma das motivações assumidas pelas organizações para a inclusão de atletas refugiados nos jogos do Rio de Janeiro: mostrar ao mundo a magnitude da crise de refugiados. Podemos identificar ainda algumas as perdas que, de acordo com a declaração de Bach, são infligidas ao migrante em situação de refúgio: não ter um time nacional, uma bandeira e um hino. No entanto, considerando as circunstâncias que possibilitam a classificação de um migrante como refugiado (impossibilidade de permanecer em seu território em decorrência de guerras, conflitos, violência generalizada, perseguições e violações aos direitos humanos) podemos perceber que discursivamente, este tipo específico de deslocado não deixa de ter o gentílico de seu país como marcador identitário, ao contrário do que ocorre com os apátridas, por exemplo. Essa percepção pode ser observada em discursos midiáticos em dispositivos variados que, ao se referirem a sujeitos refugiados complementam a identificação com a associação aos seus países de origem: refugiados sírios, congolezes, somalis, etc. Há entre tais sujeitos, como vimos nas análises da seção anterior (UNHCR), uma noção de pertença em relação à nação, seu povo e à comunidade que, em muitos momentos, é colocada inclusive, como substituto da família.

Assim, logo em sua fala de apresentação, o presidente do Comitê já inaugura uma concepção de isolamento e não pertencimento associada aos migrantes em situação de refúgio e que, mais tarde, formariam a equipe de atletas refugiados. Esse discurso traz ainda a dimensão de marginalização que atravessa a situação de refugiados e essa marginalização deve ser considerada para que se possam pensar políticas de inclusão para essas populações vulneráveis, e não somente a montagem de um time de refugiados para um evento esportivo.

Matéria 02: Refugee Athletes on the road to Rio (11 de dezembro de 2015)

A segunda matéria produzida sobre a equipe de refugiados ressaltou a importância da iniciativa do COI e as providências que estavam sendo tomadas para dar prosseguimento ao

projeto. O enunciador informa que três potenciais atletas já haviam sido identificados e estavam sendo avaliados pelas federações internacionais de suas modalidades, sem, no entanto, dar mais informações sobre esses migrantes que eram: uma nadadora síria refugiada na Alemanha, um judoca congolês refugiado no Brasil, uma lutadora de taekwondo refugiada na Bélgica, além de cerca de 20 migrantes refugiados no Quênia, cujas nacionalidades não são apontadas.

A fala presente no texto é do diretor geral adjunto do COI, Pere Miró afirmando que a organização estava fazendo todo o possível para dar suporte aos atletas em situação de refúgio. O encerramento da matéria destaca a longa parceria entre o UNHCR e o COI que utiliza o esporte como ferramenta para o desenvolvimento de jovens em campos de refugiados.

Matéria 03: Team of Refugee Olympic Athletes (ROA) created by the IOC (02 de março de 2016)

Seis meses após o discurso de Thomas Bach na Assembleia Geral da ONU e já no ano de realização dos Jogos Olímpicos do Rio, o Comitê anuncia a criação de uma equipe constituída por atletas refugiados para participação naquela edição dos jogos. A decisão é atribuída ao Conselho Executivo do COI que divulga ainda os aspectos operacionais a respeito da equipe, como nome, acomodação na Vila Olímpica, apoio técnico através da designação de um(a) chefe de missão e treinadores, materiais esportivos para treino e competição, entre outras providências.

De acordo com o texto, seriam identificados “potenciais atletas de elite afetados pela crise mundial de refugiados”, sendo que 43 candidaturas já haviam sido recebidas pelo Comitê. Novamente o enunciador traz a voz do presidente que declara: ““Ao receber a equipe de Atletas Olímpicos Refugiados nos Jogos Olímpicos Rio 2016, queremos enviar uma mensagem de esperança a todos os refugiados do mundo”” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)³⁹, indicando mais um objetivo a ser alcançado através do time que seria de inspirar e dar esperança a todos os refugiados do mundo. Podemos entender nesse discurso um primeiro indício de homogeneização dos migrantes refugiados em um grupo único, cujos sujeitos eleitos para a equipe teriam a capacidade de representar.

A matéria é encerrada destacando a longa parceria existente entre COI e UNHCR que, ao longo de mais de 20 anos, atuam juntas na assistência humanitária a migrantes refugiados em diversos locais do mundo, especialmente através da utilização do esporte como suporte para a “cura e desenvolvimento de jovens refugiados em muitos campos e assentamentos ao

redor do mundo”; aqui temos o uso do esporte com instrumento de controle e pacificação dos corpos refugiados contidos pelos dispositivos humanitários nos campos de concentração e assentamentos.

Matéria 04: The inspirational olympic journey of refugee swimmer Yusra Mardini (18 de março de 2016)

O enunciador abre a matéria apresentando uma imagem da jovem atleta Yusra Mardini saltando, sorridente, em frente ao Estádio Olímpico de Berlim. Definida logo no início como personagem de uma história inspiradora, Yusra, 18 anos, fugiu do conflito na Síria acompanhada da irmã, Sarah, e atualmente reside na Alemanha, de onde fala e expressa o desejo de representar e encorajar os refugiados fazendo parte do time olímpico.



Figura 25: Yusra Mardini, apresentada como candidata a uma vaga no Time Olímpico de Refugiados
Fonte: COI, 2016

O enunciador apresenta o relato da nadadora acerca das dificuldades enfrentadas para desenvolver-se como esportista, tendo em vista a guerra em curso em seu país de origem: “Yusra diz que desenvolver seu talento como nadadora foi um desafio na Síria. ‘A guerra foi dura; às vezes não conseguíamos treinar por causa da guerra. Ou às vezes você treinava, mas havia uma bomba na piscina’, disse ela.” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁰.

Após descrever como se daria a seleção dos atletas para o time, o enunciador retoma a fala de Yusra que aponta sua motivação para integrar a equipe:

Ela disse: ‘Eu acho que antes de tudo eu quero fazer isso para todas as pessoas; Eu quero inspirar todos. Quando você tem um problema em sua

vida, isso não significa que você tem que se sentar e chorar como bebês ou algo assim. O problema foi a razão pela qual estou aqui e por que sou mais forte e quero alcançar meus objetivos. Então eu quero inspirar a todos que [eles] podem faça o que eles acreditam em seus corações' (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴¹.

A fala da atleta remete a uma ideologia de responsabilização dos refugiados pela situação social e política em que se encontram, além de desqualificar as vivências desses sujeitos quando utiliza a analogia do choro e do sofrimento para indicar incapacidade e fragilidade. É ainda uma fala que exalta a resiliência da atleta que se mostra não apenas conformada com sua situação atual, mas até mesmo agradecida pelas circunstâncias que a fizeram chegar até aquele ponto, de estar prestes a participar de sua primeira Olimpíada, anulando assim as dificuldades pelas quais passou.

Algumas das dificuldades enfrentadas pela jovem são apresentadas pelo enunciador e incluíram várias semanas de caminhada pela Europa, uma viagem para o Líbano e, em seguida, para a Turquia a partir de onde, juntamente com vários membros de sua família, fez a travessia do Mar Mediterrâneo em direção à ilha grega de Lesbos. Essa travessia é descrita como “potencialmente ameaçadora”, sendo que as razões para tal classificação não são enumeradas e, somente após essa travessia ela “começou suas viagens através de numerosas fronteiras europeias e chegou à capital alemã”.

Interessante notar como ao mesmo tempo em que narra situações gerais vivenciadas por Yusra, o enunciador também silencia as particularidades do processo migratório da atleta, incorrendo ainda no apagamento dos outros migrantes que estavam com ela da cena narrativa, uma vez que não é contado ao leitor que circunstâncias marcaram cada um desses deslocamentos, como esse grupo foi recebido nos lugares por onde passou, como se deu a recepção na Alemanha ou se/como conseguiram o estatuto de refugiados, ou seja, informações que dariam subsídios para a construção de um quadro mais detalhado dessa experiência migratória.

Matéria 05: Syrian swimmer Ibrahim carried torch for the refugees of the world (27 de abril de 2016)

Ibrahim é apresentado como o migrante refugiado que carrega a tocha olímpica durante sua passagem pelo território grego, o que representa uma demonstração de solidariedade a todos os refugiados do mundo, segundo destaca o enunciador. Além de sua origem síria, o leitor tem poucas informações sobre a migração de Ibrahim até a Grécia, país onde vive como refugiado; o texto enfoca principalmente sua relação com a natação.

As referências à terra natal surgem a partir da experiência com o esporte e de como seu sonho de chegar a participar de uma Olimpíada foi interrompido pela guerra, já que Ibrahim teve parte da perna direita amputada após ser atingido por uma bomba:

Foi seu pai, um treinador de natação, que primeiro instilou o amor pela água em Ibrahim e em todos os seus 13 irmãos. A família vivia nas margens do Eufrates, e o icônico rio costumava ser a piscina local de Ibrahim, enquanto a famosa ponte suspensa de Deir ez-Zor era sua prancha de mergulho. ‘Eu costumava subir até o topo, mergulhar na água e nadar no rio’, lembra Ibrahim. Ele continuou nadando competitivamente até a idade adulta, enquanto trabalhava em tempo integral como eletricitista. Então, em 2011, veio a guerra. Um dia, Ibrahim correu para fora para ajudar um amigo que havia sido gravemente ferido, apenas para ser atingido por uma bomba. A maior parte de sua perna direita teve que ser amputada. No ano seguinte, ele fugiu para a Turquia, onde começou a aprender a andar novamente. (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴².

As circunstâncias nas quais se deu a fuga para a Turquia, como chegou à Grécia e o que foi necessário para ser reconhecido como refugiado são ignoradas no texto. Aqui temos um discurso que destaca o refugiado como vítima cujos sonhos foram interrompidos, não restando outra saída se não a migração. No entanto, não há problematização da situação desse refugiado ou do contexto de seu deslocamento, excluindo ainda os outros sujeitos da narrativa, neste caso os familiares de Ibrahim, que também seriam potenciais migrantes.

Matéria 06: Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis (03 de junho de 2016)

Esta é a matéria que apresenta os dez atletas escolhidos para formar o Time Olímpico de Refugiados que competiria dali a pouco mais de dois meses nos Jogos Rio 2016. Logo no início, o enunciador indica as funções da equipe que incluiriam dar visibilidade à crise mundial de refugiados, ser símbolo de esperança para todos os refugiados e trazer a atenção global para a magnitude da referida crise.

No primeiro vídeo os atletas são mostrados durante treinamentos sem, no entanto, serem dadas informações sobre quem são e onde vivem; o foco do vídeo é apresentar as modalidades nas quais eles competirão: atletismo, judô e natação. Os nomes, nacionalidades e países onde estão refugiados e modalidades são descritos ao longo do texto e em vídeos específicos, com duração média de 3 minutos cada, divididos na seguinte ordem: 1) Os corredores sul-sudaneses, 2) Rami Anis (sírio), 3) Yonas Kinde (etíope), 4) Yusra Mardini (síria) e 5) Os judocas congolezes.

O vídeo intitulado “*Fugindo do Sudão do Sul para correr no Rio 2016*” mostra os cinco corredores sul-sudaneses que vivem com refugiados no campo de Kakuma, no norte do Quênia: Angelina Lohalith, James Nyang, Paulo Lokoro, Rose Nathike e Yiech Pur Biel.

Na peça, os atletas relatam os motivos da migração, outros ressaltam as expectativas para os jogos. O primeiro a falar é Yiech Pur Biel que relata ter deixado seu país aos nove anos de idade em decorrência do conflito, não detalhando como foi a partida de casa ou a chegada ao Quênia.

James Nyang, o segundo refugiado mostrado do vídeo relata ter fugido para não ser recrutado como soldado na guerra, ele diz: “Os soldados estavam procurando pessoas e crianças. Mesmo se você tem 10 anos eles podem te recrutar para se juntar a eles. Então eu vi que não estava bem o suficiente para me juntar a eles e era melhor que eu procurasse outro lugar” (NYANG, 2016, s.p., tradução nossa)⁴³. Aqui temos algumas informações importantes sobre particularidades da situação no Sudão do Sul: o recrutamento de crianças para atuarem como soldados no conflito e o sentimento de James de não se considerar bom o suficiente para se juntar aos soldados. Essa afirmação do atleta deixa um questionamento: caso ele considerasse estar bem o suficiente para atuar ativamente na guerra, teria migrado?



Figura 26: James Nyang, sul-sudanês refugiado no Quênia
Fonte: COI, 2016.

Rose Nathike, uma das refugiadas que também integra a equipe relata: “O combate começou em nosso vilarejo e eles fugiram nos deixando ir para outra cidade. Foi quando nós pegamos um veículo e ele nos deixou no Quênia” (COI, 2016). A jovem não especifica

quando ocorreu a fuga, quem são as pessoas que fugiram e permitiram que ela deixasse o vilarejo, nem tampouco informa sobre como ocorreu a migração para o novo país e as adversidades enfrentadas nesse processo, dados ignorados nessa apresentação.

A partir desse ponto os atletas deixam de lado as experiências migratórias e passam a falar sobre os Jogos. Pur Biel e Angelina Lohalith ressaltam a oportunidade de contato com pessoas diferentes durante a experiência na Olimpíada para assim poderem contar aos refugiados do campo com essas pessoas vivem e o que fazem:

‘Vai ser muito bom para nós viver como uma família na Vila [Olimpica], porque quanto mais você vive lá e interage com as outras pessoas você vê como eles vivem, vê como eles estão vivendo com outras pessoas e então, quando você voltar para o seu país, para o Quênia, você conta para os outros [refugiados]: ‘lá eles estão vivendo assim’ e isso vai ser muito bom para essas pessoas’. (PUR BIEL, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁴.

O desejo desses atletas, expresso através da fala de Pur Biel, nos permite analisar como a vivência do refugiado que está nos campos de concentração é diferente da vivência daqueles que estão do lado de fora. Seu discurso aponta para a curiosidade acerca do que consideram ser a vida normal dos não refugiados: o que essas pessoas fazem? Como vivem esses sujeitos que não estão recolhidos em locais marginais com seu direito de ir e vir controlado por organizações que integram os dispositivos humanitários? Nesse relato identificamos a necessidade específica de contato do refugiado que está nos campos com a normalidade, uma experiência certamente distinta da que tem Yusra na Alemanha, por exemplo.

Na sequência temos o vídeo de apresentação de Rami Anis, nadador sírio, que deixou seu país em 2011 quando iniciaram os sequestros e bombardeios, como o próprio atleta relata. Na Bélgica, onde reside atualmente, Rami não dá informações sobre como ocorreu sua partida da Síria ou como chegou ao território belga; sua fala está centrada na vivência com outros nadadores e profissionais que atuam no clube onde treina e se prepara para os jogos:

‘Eles me tratam muito bem. Eu falo com eles em inglês. Meu inglês não é muito bom, mas nós conseguimos nos entender. Eles sempre me encorajam a treinar e me ajudam fora da piscina. Se eu precisar de qualquer coisa eles vão me ajudar’ (ANIS, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁵.

Nesta fala podemos perceber que o bom acolhimento que o refugiado teve no clube belga se sobrepõe à dificuldade de comunicação com os companheiros de treino; ressalte-se que ele não faz menção às relações e experiências na cidade ou com outros moradores do lugar.

Rami finaliza seu depoimento expressando o desejo de “transmitir uma boa imagem dos refugiados”, ou seja, reforça um discurso das organizações idealizadoras do time que visa transmitir ao mundo uma imagem socialmente agradável desses sujeitos, uma imagem de refugiados que não apresentam ameaça, pois são dóceis, úteis.

O vídeo sobre Yonas Kinde, maratonista etíope refugiado em Luxemburgo apresenta imagens do atleta durante os treinamentos e também em sua casa, realizando ações cotidianas. Yonas relata ter deixado a Etiópia em virtude de problemas políticos: “‘Havia muitas dificuldades, moralmente, economicamente; era muito difícil ser um atleta e você pode ficar louco algumas vezes se você está em um campo de refugiados’” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁶. Além de indícios sobre a situação em seu país, o atleta aponta para outro problema enfrentado pelos refugiados: a vida nos campos de concentração de refugiados.

Em sua fala, o atleta não dá informações sobre como ocorreu sua migração até Luxemburgo ou sobre sua experiência nos campos de refugiados, deixando incerta sua passagem por um deles. Com imagens do atleta em sua casa, preparando e servindo chá, além de *closes* em seus troféus e em uma fotografia antiga, emoldurada, onde ele aparece trajando terno e gravata, temos uma narrativa que remete à ideia de normatização de um sujeito que inspira confiança, sendo inofensivo, dócil e receptivo.



Figura 27: Cenas do cotidiano de Yonas Kinde, na Bélgica
Fonte: COI, 2016

No trecho seguinte, Yonas sinaliza para a dificuldade da vida de refugiado sem, no entanto, detalhar quais seriam, finalizando com otimismo por estar livre, dizendo: “No começo eu não havia entendido que a vida de refugiado era assim. É difícil. Por outro lado, se você for ver, somos livres aqui. Existem alguns problemas com a situação dos refugiados, mas eu lembro que tive uma grande mudança antes, então isso é muito bom” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁷.

A satisfação pela liberdade pode ser relacionada à fala anterior onde critica a situação de aprisionamento nos campos que podem, inclusive, levar os refugiados à loucura. Como forma de atrelar a experiência do refugiado com a vivência esportiva, Yonas destaca a capacidade de superação do atleta que, mesmo diante de situações muito difíceis pode ter bons resultados, uma fala que reforça a ideologia da meritocracia sugerida aos refugiados que poderiam superar as adversidades se esforçassem para tal.

O próximo vídeo traz a história da nadadora síria Yusra Mardini, refugiada na Alemanha. Durante os quase 4 minutos de filme temos falas da atleta e de seu treinador, Sven Spannekrebs, além de inserções de caracteres com informações sobre a jovem, não existindo nenhuma menção ao fato dela ser refugiada; em nenhum momento do vídeo Yusra se define como refugiada, sendo todo o foco da narrativa voltado para a atleta e não para a migrante.

O vídeo inicia informando que a jovem de 17 anos deixou a Síria e vai competir nos Jogos Olímpicos integrando o Time Olímpico de Refugiados, equipe descrita por ela como um time “para atletas que deixaram suas casas porque as perderam e que desejam continuar a serem atletas”, silenciando inclusive o discurso oficial do COI que atribui a criação da equipe à necessidade de chamar atenção para a crise migratória.

Yusra fala de modo descontraído e positivo sobre a conexão com outros jovens alemães e os desafios com o idioma, que são superados com bom humor; o treinador fala sobre o bom estado mental da atleta e sua técnica na piscina. Com grande destaque para a ideia de mérito/sucesso, a jovem diz que pode alcançar o que quiser, pois está “trabalhando duro” para isso. A única menção ao seu país de origem aparece quando ela afirma: “Aqui [na Alemanha] não é como o meu país, pois o meu país não pode oferecer tudo isso. Aqui eles estão oferecendo muitas coisas e podem ajudar você a seguir o caminho certo. E sim, eu posso fazer aquilo que eu quiser” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁸. Esta fala é particularmente interessante por apontar para a ausência do sentimento de pertencimento da jovem em relação à sua terra natal, bem como ao nível de adaptação ao novo país.



Figura 28: Yusra Mardini juntamente com outros adolescentes alemães, numa imagem que sugere a boa integração na jovem síria no país onde está refugiada.
Fonte: COI, 2016

Ao considerarmos a origem síria da jovem, percebemos que existe todo um contexto discursivo que é amplamente midiaticizado, seja através das mídias tradicionais, seja por meios alternativos, que associa os migrantes desse país ora a vítimas que merecem compaixão, ora a sujeitos que remetem ao perigo das ameaças terroristas e que, por isso, devem ser evitados a todo custo. Assim, entendemos que a fala de Yusra indica uma tentativa de distanciamento em relação ao passado, buscando se desvincular desse discurso previamente construído acerca dos migrantes do seu país, ignorando inclusive o estatuto de refugiada, centrando-se apenas na identidade de atleta, o que fica demonstrado na fala de encerramento do vídeo: “Você é um atleta; você não pensa se é sírio, se vem de Londres ou da Alemanha” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)⁴⁹.

O último vídeo traz a apresentação dos dois judocas congolezes: Popole Misenga e Yolande Mabika. Sem relatar o processo migratório dos dois refugiados que vivem no Brasil, temos aqui, de modo mais evidente, as falas de Geraldo Bernardes, treinador dos dois no Instituto Reação, clube de judô carioca onde se preparam para as Olimpíadas. É Geraldo quem fala *sobre* e *pelos* atletas, é sua voz que narra as dificuldades de socialização dos dois quando chegaram ao instituto:

“Quando Popole chegou ao Instituto Reação ele mostrava uma agressividade pouco controlada que resultou em um clima de hostilidade entre os demais atletas e ele. Eu fui obrigado, ao saber dessa história, a fazer uma reunião com meus atletas e falar para eles o porquê. Eles entenderam e essa

animosidade acabou. A Yolande também tinha certa agressividade no início” (BERNARDES, 2016, s.p.).

A relação entre a agressividade e a condição de refugiado fica apenas implícita da fala do treinador. As poucas vezes em que é dado espaço de fala aos atletas no vídeo, eles se restringem a comentários sobre aspectos esportivos, como, por exemplo, a qualidade técnica do judô praticado no Brasil e não fazem referência às suas experiências migratórias; por apresentarem, naquele momento, um perfil distante daquele do refugiado ideal, eles perdem o direito à voz e passam a ser falados por outros sujeitos.

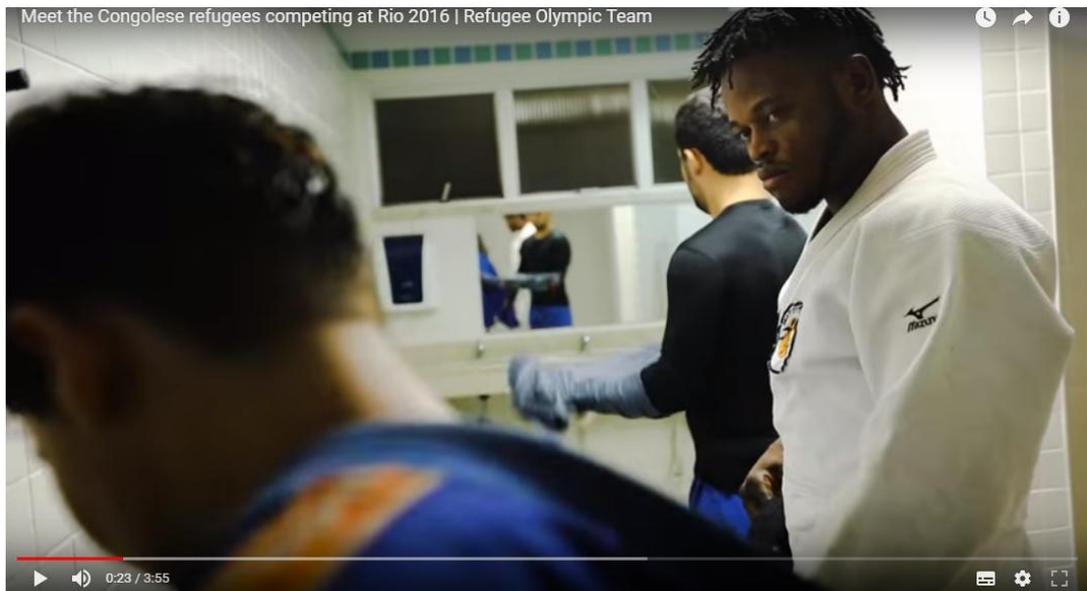


Figura 29: Popole Misenga, refugiado congolês, no vestiário do Instituto Reação (RJ) onde treina
Fonte: COI, 2016.

Os poucos momentos em que é permitido a ambos se manifestarem, seus discursos projetam expectativas em relação à competição e expressam mensagens “aos refugiados em todo o mundo”, com forte apelo motivacional evidenciado, por exemplo, por Popole quando diz: “Você não pode deixar as pessoas acharem isso, que só porque você é refugiado você tem que parar”, ou pela fala de Yolande: “Minha mensagem para os refugiados do mundo é para não perderem a esperança e continuarem acreditando, para terem fé em seus corações” (MABIKA, 2016, s.p.).

Nesse caso, temos o silenciamento direto tanto da história da migração, como das próprias vozes dos refugiados que apenas ilustram o vídeo através da execução de golpes e movimentos típicos do judô, tendo pouquíssimo espaço de fala na narrativa. Além disso, todo o discurso reforça o ideal de refugiado esforçado e resiliente, que deve ter fé e esperança de dias mais felizes.

Após os vídeos a matéria é encerrada com uma mensagem do Comitê Olímpico Internacional que diz: “Todos os lançamentos de notícias em vídeo na Sala de Imprensa do COI são oferecidos gratuitamente a todas as agências de notícias, emissoras e plataformas de notícias on-line” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁰. Esse trecho vem reforçar a ideia que defendemos neste trabalho que é a de midiatização institucional da migração promovida pela organização que atua aqui como um dispositivo técnico-institucional como descrito no capítulo dois.

Matéria 07: IOC president joins members of Refugee Olympic Team to see their rooms in the Olympic Village (16 de junho de 2016)

Thomas Bach, presidente do COI, é o personagem central da matéria. Embora ela tenha sido produzida na ocasião da visita de dois dos atletas refugiados à Vila Olímpica, com o pretexto de conhecer o lugar onde ficariam durante os jogos, é o presidente anfitrião o único a falar e ser repetidamente mostrado no vídeo que acompanha texto.

Popole e Yolande são figurantes durante a visita, aparecem apenas compondo o cenário, sorrindo e acenando. A referência à migração e aos refugiados é manifestada através da fala de Bach (2016, s.p., tradução nossa)⁵¹: “Dando as boas-vindas ao time de atletas olímpicos refugiados aos Jogos Olímpicos Rio 2016, queremos enviar uma mensagem de esperança a todos os refugiados em nosso mundo”. Essa fala sinaliza para a ideia repetidamente associada à equipe: a de símbolo de esperança.

Matéria 08: IOC stands with refugees on world refugee Day (20 de junho de 2016)

“Hoje - 20 de junho - é dia mundial do refugiado. O Comitê Olímpico Internacional (COI) comemora a força, a coragem e a perseverança de mais de 50 milhões de refugiados no mundo, e como o esporte pode contribuir para sua cura”. (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵².

Assim o COI inicia a matéria comemorativa ao Dia Mundial do Refugiado, exaltando a perseverança e força dos refugiados e apontando o esporte como um caminho para sua cura. As características apontadas logo nessa introdução indicam o comportamento esperado desses migrantes, que devem ter coragem para enfrentar adversidades, tendo no esporte não apenas um consolo, mas um instrumento que ajuda a superar a saudade da família, do lar, do país e dos vínculos lá construídos.

A fim de exemplificar o que afirma nessa introdução, o enunciador apresenta uma criança síria refugiada como personagem da narrativa: Solaf, uma menina de nove anos, que vive com os pais e o irmão mais velho no campo de refugiados de Azraq, na Jordânia, desde

que fugiram da cidade de Bosra, localizada ao sul da Síria, após terem a casa parcialmente destruída após um ataque com mísseis.

Apesar de tudo o que ela passou, Solaf é uma criança feliz e animada, que adora praticar esportes com seus amigos no acampamento. ‘Eu amo taekwondo, futebol, vôlei, basquete e pular’, diz a jovem. ‘Estou aprendendo taekwondo para poder me defender quando meu irmão não estiver por perto.’ (COI, 2016, s.p. tradução nossa)⁵³.

Sem dar detalhes sobre como Solaf e sua família chegaram à Jordânia, o enunciador concentra-se em apresentá-la como um sujeito feliz e satisfeito com as condições em que vive; além de provocar empatia e compaixão, já que utiliza uma criança como personagem, a organização evita o inconveniente das críticas que poderiam marcar a fala dos pais de Solaf que, por serem adultos, podem possuir um entendimento distinto sobre a experiência migratória e a vida no campo de refugiados.

Com destaque para as ações empreendidas em parceria com o UNHCR em campos de refugiados em todo o mundo, em especial as direcionadas a crianças, adolescentes e adultos jovens, o texto encerra mencionando o programa “*Giving is winning*” que, realizado desde 2004, consiste na oportunidade dada a atletas e oficiais que participam dos jogos de verão, de terem uma “experiência imersiva” sobre refúgio, visitando um estande dedicado ao programa instalado na Vila Olímpica. O objetivo do estande é estimular os visitantes a apoiarem os refugiados e dar-lhes voz.

Matéria 09: IOC president briefs Refugee Olympic Team officials ahead of Rio 2016 (29 de junho de 2016)

Esta é mais uma matéria cujo personagem central é o presidente do COI e na qual não temos a fala de nenhum refugiado, pois eles aparecem apenas como sujeitos sobre os quais se fala. Nela, são apresentados os profissionais que dariam suporte aos atletas durante os jogos: treinadores, equipe médica e responsáveis técnicos, sendo que dentre eles, a única a falar é a chefe de missão, Tegla Loroupe, que coordena um projeto social no Quênia, usando o esporte como instrumento para a integração de jovens refugiados em Nairobi. A fala de Thomas Bach reforça a ideia de esperança e utilidade dos refugiados para a sociedade mundial, discurso este que é acompanhado por Loroupe que ressalta:

‘Esta equipe olímpica de refugiados dará esperança a pessoas sem esperança. Esses atletas nos unem todos juntos - eles são um símbolo não apenas para o esporte, mas para o mundo todo. A questão dos refugiados não é nova, já

aconteceu antes, mas essa equipe nos dá uma idéia da nossa humanidade compartilhada’ (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁴.

Matéria 10: Syrian refugee Mardini swims for joy after swimming for her life (28 de julho de 2016)

O texto apresenta o drama da migração de Yusra recorrendo a um tom romanceado por meio do qual descreve como ela, assim como muitos sírios, foge do país em direção à Europa na esperança de reconstruir a vida, e como a viagem quase resultou em tragédia após problemas em sua embarcação.

A jovem representa o perfil do refugiado heróico por ter salvado os passageiros do barco, superando o desafio de levar o barco até a costa, enfrentando a água gelada. O heroísmo de Yusra se sobressai inclusive quando questionada acerca da experiência: “Isso era uma lembrança de pesadelo? ‘Nem um pouco. Eu lembro que sem nadar eu nunca estaria viva, talvez por causa da história desse barco. É uma lembrança positiva para mim’”. (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁵. Mais a frente, a jovem afirma que a participação na equipe dará a ela a oportunidade de mostrar ao mundo que “refugiado não é uma palavra ruim” e que o rótulo de heroína é incômodo, apesar de gostar da sensação de poder inspirar outras pessoas.

Nessa matéria, observamos como o discurso é construído no sentido de provocar empatia em relação à atleta, mostrando uma imagem de refugiado que pode ser admirada, pela qual se pode torcer, pois o sujeito por ela representado é perseverante, corajoso e também modesto.

Matéria 11: Refugee Olympic Athletes deliver a message of hope for displaced people (02 de agosto de 2016)

Poucos dias antes do início dos jogos, os dez atletas do TOR são apresentados aos membros do Comitê Olímpico Internacional. O texto traz falas de Yiech Pur Biel e Yusra Mardini que destacam o esforço da organização em desconstruir o estereótipo que associa os refugiados a potenciais ameaças, construindo, por outro lado, o estereótipo de sujeitos heróicos e confiáveis. É Pur Biel quem primeiro associa os refugiados a pessoas “não ruins”, no que é seguido por Yusra que afirma:

‘Nós ainda somos humanos. Nós não somos apenas refugiados. Somos como todos no mundo. Nós podemos fazer alguma coisa. Podemos conseguir alguma coisa’, disse ela. ‘Nós não escolhemos deixar nossa terra natal. Nós não escolhemos o nome de refugiados... Nós prometemos novamente que vamos fazer o que for preciso para inspirar a todos’ (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁶.

Os sentidos produzidos pelas falas de ambos os atletas remetem à ideia de que os refugiados podem ser úteis, não são perigosos, são humanos apesar de fazerem parte de uma categoria formada por pessoas que não podem viver em seus países. Isso é ainda especialmente relevante em função do momento em que tais falas foram proferidas, uma reunião oficial com autoridades que compõem o COI, para as quais os refugiados prometem se esforçar para serem bons exemplos, assumindo o compromisso de serem sujeitos capazes de inspirar pessoas em todo o mundo.

Após a exposição de dados acerca do número estimado de pessoas deslocadas no mundo (65 milhões em 2016), bem como dos nomes, nacionalidades e locais de refúgio dos atletas do time, a matéria é encerrada com informações seguidas de um dos vídeos do programa “*Giving is winning*”, onde são apresentados jovens refugiados falando sobre “três valores que são importantes tanto para os atletas quanto para os refugiados: esperança, coragem e perseverança.” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁷.

Os vídeos, aparentemente gravados com câmeras de celulares, dado o uso da imagem verticalizada, são intitulados: “*O que coragem?*”, “*O que é esperança?*” e “*O que é perseverança?*”. Neles aparecem refugiados colombianos, sul-sudaneses e sírios em depoimentos através dos quais exemplificam os três valores citados a partir de suas experiências migratórias pessoais, bem como sua relação com o esporte, por meio do qual buscam inspiração para “não desistir”. Para os jovens, coragem, esperança e perseverança são traduzidas pelo desejo de deixar de ser um deslocado ou um refugiado, deixar os assentamentos ou campos de refugiados e reconstruírem suas vidas longe dali.



Figura 30: Antonia Romana, sul-sudanesa refugiada desde 1995 no campo de Kakuma, no Quênia
Fonte: COI, 2016

Matéria 12: Refugee Olympic Team flagbearer announced (04 de agosto de 2016)

Neste texto, o Comitê anuncia a escolha de Rose Nathike como porta-bandeira da equipe durante a abertura dos jogos. A imagem que ilustra a matéria apresenta os atletas e a equipe técnica durante uma visita ao Cristo Redentor, um dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro. A matéria traz apenas a fala do presidente comentando o ensaio técnico realizado na véspera da cerimônia, recupera informações já divulgadas em textos anteriores e faz uma breve menção à jovem, restringindo-se a apresentá-la como refugiada que reside no campo de Kakuma desde 2002.

Matéria 13: Kakuma Refugee Camp tunes in to watch opening ceremony of the Olympic Games Rio 2016 (05 de agosto de 2016)

O texto, publicado na data da cerimônia de abertura dos jogos, não faz menção ao show ou à receptividade que os atletas refugiados tiveram; apresenta sim, uma iniciativa do Comitê olímpico de organizar e montar, em parceria com a ONG FilmAid, uma estrutura que permitisse a transmissão dos jogos no maior campo de refugiados no mundo, em 2016, o campo de Kakuma; o enunciador destaca que será dada “oportunidade para que cerca de 200 mil refugiados se juntem ao resto do mundo para assistir aos Jogos Olímpicos e compartilhar a emoção dos 10.500 atletas que competirão no Rio nos próximos 16 dias.” (COI, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁸.

Por meio de uma matéria curta, a ação é ilustrada por imagens de homens erguendo a estrutura do telão e das antenas que captariam o sinal do satélite, produzindo o sentido de aproximação, inclusão da população refugiada, expresso anteriormente em falas do presidente do COI quando explicitava os objetivos para constituição da equipe. Essa inclusão, no entanto, se dá de modo parcial e controlado, pois ocorre para atender a uma demanda que é pontual criada pela própria organização e justificada apenas pela participação de refugiados do campo na competição.

Matéria 14: Refugee Olympic Team swimmer Anis fulfils his dream (11 de agosto de 2016)

Rami Anis, nadador sírio refugiado na Bélgica, realiza o sonho de competir numa olimpíada, é o que narra a matéria; o atleta, que nadou a prova dos 100 metros estilo livre, alcançou sua melhor marca na carreira, realizando a prova em 54.25 segundos, ficando na 56ª colocação entre os 59 competidores.

O resultado esportivo é usado como ponto de partida para construção de um discurso que se firma nos ideais de superação pessoal, persistência e mérito. No texto são recuperados fatos acerca de sua migração, sendo acrescentados, mesmo que superficialmente, dados não mencionados anteriormente como sua jornada por seis países europeus, o refúgio em companhia do pai e do irmão e a expectativa de reencontrar a mãe, que ainda permanecia na Síria, e levá-la para a Europa.

O enunciador ressalta que, juntamente com os outros nove refugiados, Rami ajuda a compartilhar um “forte sentido de sua nova identidade coletiva”, identidade esta que é explicada pelo atleta ao dizer:

‘É incrível estar neste time porque estamos representando pessoas que perderam sua terra natal, que tiveram suas casas queimadas, que foram mortas e agora as estamos representando de um jeito bom. É uma sensação incrível.’ [...] ‘Eu quero mostrar a melhor imagem possível dos refugiados ou das pessoas sírias, ou de qualquer pessoa que tenha sofrido injustiça no mundo, e dizer a eles para não perderem a esperança - nunca perderem a esperança.’ (ANIS, 2016, s.p., tradução nossa)⁵⁹.

A ideia de identidade construída nesse discurso remete à homogeneização dos refugiados em uma categoria universal de vítimas, sendo que a percepção em torno dessa classificação será variável de acordo com o lugar de fala do enunciador: os refugiados são vítimas que merecem compaixão ou sujeitos que provocam o incômodo e a aversão, motivos pelos quais é necessário e urgente “representá-los de um jeito bom” e “mostrar a melhor imagem possível” desses sujeitos que devem, acima de tudo, serem perseverantes.

Matéria 15: Kakuma Refugee Camp proud of their athletes’ exploits in Rio (19 de agosto de 2016)

Em virtude da montagem de uma estrutura de comunicação que permitiu a transmissão dos jogos para o campo de Kakuma, apresentada em matéria publicada dia 05 de agosto, as pessoas refugiadas naquele lugar puderam acompanhar as competições; o enunciador convida o leitor para que “veja por si mesmo” o orgulho dos moradores do campo demonstrado através de um vídeo. Nele, aparecem o engenheiro responsável pela montagem da estrutura de captação do sinal de satélite (uma parceria entre a FilmAid, *Olympic Broadcasting Service*, UNHCR e Anistia Internacional), o produtor/cinegrafista da FilmAid, além de parentes dos atletas refugiados.

Abdul Patient, cinegrafista da FilmAid, também refugiado em Kakuma, expressa sua percepção em relação ao time do seguinte modo: ‘Eu me sinto orgulhoso disso porque eles

nos representam e nós somos reconhecidos por todo o mundo. É uma chance para o mundo inteiro saber que os refugiados têm talentos, que eles podem fazer algo maior até do que as pessoas que não são refugiadas.’ (PATIENT, 2016, s.p., tradução nossa)⁶⁰. Todo o discurso de Abdul e dos demais refugiados que aparecem no vídeo seguem a mesma ideologia de exaltação aos atletas, agradecimento por os estarem representando diante do mundo e orgulho por conhecerem cada um deles.



Figura 31: Telão montado no Campo de Kakuma para que os refugiados que lá residem acompanhassem as provas do Time Olímpico de Refugiados
Fonte: COI, 2016

A estrutura montada para a exibição das provas no campo incluía um telão e lonas, de modo a criar um cinema a céu aberto. No vídeo, são enfocados os rostos dos expectadores, em especial os olhares curiosos e concentrados das crianças enquanto acompanhavam uma das provas de atletismo:

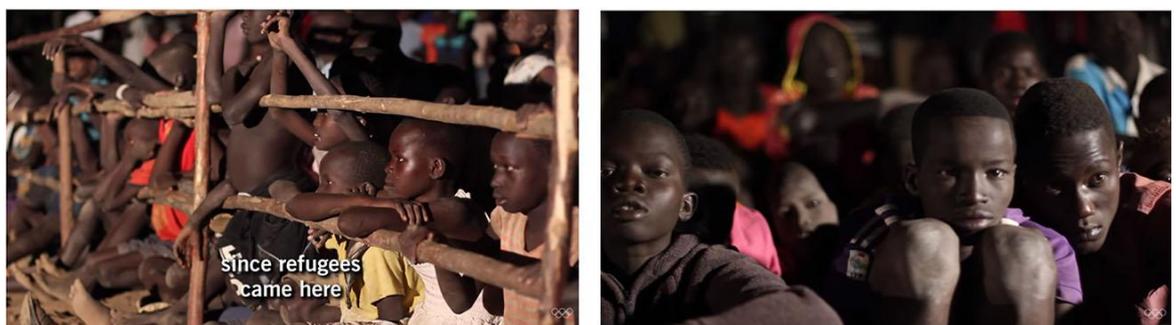


Figura 32: Crianças refugiadas atentas à exibição dos Jogos no telão montado no Campo de Kakuma
Fonte: COI, 2016

Conforme argumenta Agier (2006), os campos de refugiados representam uma variação das sociedades de controle, tendo em seu isolamento um dos elementos constitutivos dos dispositivos humanitários. Vejamos o que diz o autor:

[...] os sítios humanitários situam-se nas margens, afastados dos locais de vida comuns, nos limiares da vida social e da vida, simplesmente. [...] Encerrados no exterior, são espaços de exceção. O olhar dirigido a eles enraíza-se numa relação egocêntrica do tipo centro-periferia: ele só se interessa pelos detalhes da vida interna da periferia na medida em que esses detalhes põem em causa o próprio centro. (AGIER, 2006, p. 199)

Ao fazermos um paralelo entre a transmissão realizada em Kakuma e o pensamento do autor, percebemos que o campo ou seus moradores não são o foco nem da ação de transmissão, nem da matéria, mas é o próprio “centro” representado ali pela organização e pela competição por ela promovida que são os pontos de interesse do enunciador. As falas dos refugiados durante o vídeo apenas ratificam o esforço empreendido pela organização no sentido de promover uma imagem ideal do refugiado que fica mais evidente quando observado o seu oposto representado pelos moradores do campo.

Matéria 16: UN Secretary-general praises International Olympic Committee for Refugee Olympic Team (20 de setembro de 2016)

Esta é a primeira matéria publicada após Jogos Rio 2016 e é também mais uma onde não se encontra a voz dos refugiados, mas apenas daqueles autorizados a falar em seu nome. O Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon agradece ao COI pela iniciativa da reunião de refugiados em um time olímpico, ressaltando que eles conseguiram transmitir ao mundo uma mensagem de solidariedade e esperança, especialmente para as populações refugiadas; aqui temos, novamente, o reforço do discurso que se constrói em torno da ideia de prover esperança àqueles que não mais a têm, os migrantes refugiados.

Além do agradecimento do representante máximo das Nações Unidas, o presidente do COI, Thomas Bach afirma que o Comitê continuará a apoiar os atletas do time, dando-lhes condições de se desenvolverem. De modo a reforçar o discurso do esporte como ferramenta para promoção do desenvolvimento social e da paz, é anunciada a criação de “safe places”, lugares seguros para a prática esportiva de crianças e adolescentes que vivem em cidades onde existam populações de refugiados e também em campos e assentamentos para essas pessoas, não sendo, no entanto, explicitado de que modo tal projeto seria implantado.

Matéria 17: Refugee Olympic Team athlete introduces president of the United States at the Leader's Summit on Refugees in New York (21 de setembro de 2016)

O enunciador destaca a participação de Yusra Mardini na Cúpula de Líderes sobre Refugiados, que reuniu chefes de estados e foi realizada pelas Nações Unidas. A partir de um

convite do presidente norte-americano Barack Obama, Yusra proferiu o discurso de apresentação do mesmo, registrado em vídeo inserido na matéria.

Em sua fala, a jovem refugiada afirma estar orgulhosa de ter competido no Rio, o que representou a realização de um sonho de infância. Inicialmente, ela conta de forma resumida sua história de migração para, em seguida, recuperar também a participação da equipe nas Olimpíadas; nesse ponto, destacamos como Yusra reproduz exatamente os mesmos textos que encontramos nas matérias anteriores produzidas pela organização, repetindo precisamente o discurso desta última.

A atleta relata a dificuldade de se reconstruir a vida em um novo país, mas não detalha quais seriam essas dificuldades; ela afirma ainda que encontrou, no esporte, seu refúgio quando diz: “Praticar esporte tem sido o meu refúgio, me dá forças para lutar e me ajuda na integração ao novo país, aos novos amigos e à nova vida” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)⁶¹.



Figura 33: Yusra Mardini durante discurso na Cúpula de Líderes sobre Refugiados, em Nova York
Fonte: COI, 2016

No encerramento de seu discurso, ela aponta para o fato de estar falando do mesmo lugar onde, um ano antes, o presidente do COI anunciou a criação do time de refugiados e reproduz sua fala na ocasião. Ela encerra sua fala dizendo:

Essa experiência também me deu voz e a oportunidade de estar aqui. Para mim, quero ajudar a mudar a percepção das pessoas sobre o que é um refugiado, para que todos entendam que não é uma escolha fugir de sua casa e que os refugiados são pessoas normais, que podem conquistar grandes coisas se tiverem oportunidades. (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)⁶².

Durante todo o discurso de Yusra, é possível perceber não a sua voz, mas a voz das organizações que ela representa naquele momento: o COI e o UNHCR; toda a sua fala reforça os discursos oficiais proferidos pelas duas organizações antes e durante as Olimpíadas, o que fica demonstrado inclusive pelo fato dela recuperar o discurso do presidente do COI quando no anúncio da criação do time, relendo suas exatas palavras. Naquele momento, ela não falava pelos refugiados, mas pelas organizações.

Matéria 18: President Bach and members of Refugee Olympic Team take part in UM Human Rights event (28 de setembro de 2016)

Personagem central da matéria, Thomas Bach recupera em sua fala o objetivo do time e o fato deste ter proporcionado ao mundo a oportunidade para que a sociedade tivesse uma percepção diferente acerca dos refugiados, vendo-os como pessoas que podem ser úteis para a sociedade. Rose Nathike e Tegla Loroupe, que também participaram do evento, têm falas pontuais ao longo do texto; a primeira recorda a realização do sonho de ter participado das Olimpíadas, enquanto Tegla é apresentada como a fundadora de uma organização que presta assistência humanitária a comunidades pobres no norte do Quênia, a Fundação Tegla Loroupe.

A migração de crianças e jovens é destacada pelo presidente honorário do COI, Jaques Rogge, que afirma que estas representam mais de 50% dos refugiados em todo o mundo, exaltando ainda as práticas assistenciais empreendidas pelo UNHCR em favor desses grupos específicos e que atravessam a questão dos Direitos Humanos:

‘Saúdo aqui o trabalho do UNHCR e de muitas outras organizações que reconhecem a importância do desporto como uma ferramenta eficaz para engajar os jovens. Isso nos permite abordar uma série de questões fundamentais que vão desde proteção, violência baseada em gênero e empoderamento de meninas, educação, saúde, recuperação de traumas e construção da paz.’ (ROGGE, 2016, s.p., tradução nossa)⁶³.

Matéria 19: Tegla Loroupe, Refugee Olympic Team chef de mission in Rio, honoured by the UN (03 de novembro de 2016)

Homenageada pelas Nações Unidas como Pessoa do Ano de 2016 no Quênia, Tegla Loroupe é a personagem central da matéria que destaca seu trabalho humanitário em favor da promoção da paz através do esporte. A ex-corredora fala sobre a importância do time de refugiados e de como ele serviu para dar esperança àqueles que passam pela experiência do

exílio ou dos campos de refugiados, recuperando ainda a ideia de que os refugiados são tão humanos quanto qualquer outro cidadão: “A questão dos refugiados não é nova, já aconteceu antes, mas esse time nos dá uma ideia da nossa humanidade compartilhada” (LOROUPE, 2016, s.p., tradução nossa)⁶⁴.

Através da Fundação Tegla Loroupe, ela realiza ações no campo de Kakuma, promovendo atividades esportivas com jovens refugiados; foi através da fundação que os cinco corredores sul-sudaneses foram selecionados para integrar o time olímpico, entre eles Pur Biel, cuja fala presente no texto remete tanto à carência de laços afetivos, quanto ao apagamento das experiências passadas e à importância do reconhecimento do outro, sentindo-se parte integrante da sociedade, uma parte que tem direito a ter esperanças como todos os outros não-refugiados:

‘Tegla é nossa mãe, não apenas nossa líder. A maioria de nós corre por causa da guerra. Madame Tegla nos dá uma chance para outras pessoas conhecerem a história de nossas vidas. E podemos esquecer o que aconteceu antes. Nós podemos celebrar. Podemos ter esperança, como todo mundo’ (PUR BIEL, 2016, s.p., tradução nossa)⁶⁵.

Matéria 20: The Cyprus Olympic Committee organises a day of sport for child refugees (08 de novembro de 2016)

O texto narra como a promoção de ações esportivas para refugiados cresceu desde a participação do TOR nos jogos do Rio, dando como exemplo a iniciativa do Comitê Olímpico do Chipre que organizou um dia de atividades esportivas para cem crianças e adolescentes refugiados.

No texto não há falas de refugiados, mas apenas do presidente do Comitê nacional do Chipre, Dinos Michaelides, afirmando que a ação tem como objetivo “encorajar as crianças a não desistirem dos seus sonhos”. Os jovens refugiados aparecem em fotos saltando barreiras e jogando futebol, mas não são dadas informações sobre eles, onde estão refugiados, se em campos, assentamentos, centros comunitários, nem tampouco de onde são originários. Suas presenças cumprem a função de ilustrar a ação da organização, que se torna ali mais importante que a questão para a qual afirma que pretende dar visibilidade, que seria a assistência aos refugiados.



Figura 34: Jovens refugiadas durante atividades esportivas organizadas pelo Comitê Olímpico do Chipre Fonte: COI, 2016.

Matéria 21: First-ever Refugee Olympic Team sends message of hope (23 de dezembro de 2016)

Esperança e inclusão são, mais uma vez, os termos evocados pelo enunciador para se referir ao time de refugiados. Em um vídeo são mostrados três personagens, sendo o deslocado colombiano, a refugiada sul-sudanesa e o refugiado sírio que já haviam ilustrado os vídeos sobre os valores olímpicos do projeto “*Givin is winning*”, sobre o qual comentamos na matéria 11. Os migrantes aparecem caminhando pelos campos de concentração onde vivem na Colômbia, Quênia e Jordânia, enquanto a narradora fala sobre a crise de refugiados, definida como “a tragédia humana do século XXI”.

O enunciador faz uma retrospectiva desde o anúncio da criação do TOR até a participação dos atletas nos jogos, ressaltando o que isso simbolizou para as populações refugiadas em todo o mundo. Com a justificativa de que os 10 atletas realizaram o sonho de serem olímpicos, alcançando triunfos pessoais, superando adversidades, sendo acompanhados e aplaudidos pelo mundo, o enunciador aponta para o exemplo de conquistas por mérito dado pela equipe, exemplo este que deveria ser copiado por todos os outros refugiados.

Matéria 22: The Refugee Olympic Team, a symbol of hope (05 de abril de 2017)

Este é um texto do fotógrafo oficial do Comitê Olímpico Internacional, David Burnett, que acompanhou os atletas do time de refugiados durante os jogos do Rio. Já tendo visitado

acampamentos e campos de refugiados na África e Ásia nas décadas de 1970 e 1980, David narra suas impressões sobre a equipe e sobre o projeto do time, conforme o trecho a seguir:

Deixar a casa é provavelmente a decisão mais difícil que alguém pode tomar. Muito poucos campos de refugiados fornecem mais do que alojamento básico e subsistência.

É um verdadeiro teste para os refugiados em muitos níveis. A educação para as crianças é quase sempre uma vítima da situação de poucos recursos para muitas pessoas. No entanto, eu descobri que há quase sempre uma resiliência entre os refugiados que desmente suas circunstâncias, e muitas vezes aqueles nas situações mais difíceis revelam uma força que supera, em muito, o que se poderia esperar. (BURNETT, 2017, s.p., tradução nossa)⁶⁶.

Podemos considerar que o depoimento de Burnett é o que, inicialmente, mais detalhes fornece acerca da situação dos refugiados que sobrevivem em campos, remetendo à falta de estrutura e recursos para atender a todos. No entanto, essa situação é narrada apenas a partir da fala do fotógrafo, já que não é dada voz a nenhum refugiado no texto e Burnett apenas destaca o espírito olímpico dos atletas do TOR, sua perseverança, força e comprometimento. Ou seja, as condições de vida dos refugiados, bem como as experiências dos atletas são discutidas e apresentadas a partir do olhar do outro, do olhar da organização e não a partir de suas próprias vozes, novamente silenciadas.

Matéria 23: Refugee Olympic Team a symbol of unifying power of sport on International Day of Sport for Development and Peace (06 de abril de 2017)

No Dia Internacional do Esporte para o Desenvolvimento e a Paz, o COI celebra o Time Olímpico de Refugiados e como ele contribuiu para a união de milhares de pessoas em todo o mundo através de seus atletas que se tornaram “verdadeiros embaixadores dos valores do esporte”, conforme afirma o enunciador, que ainda destaca serem eles símbolos de paz e esperança para milhões de refugiados, quando suas histórias passaram a serem conhecidas por bilhões de pessoas que acompanharam os jogos, chamando atenção do mundo para a crise humanitária. Mais uma vez reforçando a ideologia da meritocracia, o presidente do COI ressalta que os atletas do TOR “demonstraram o que há de melhor no ser humano: determinação; eles demonstraram que você pode vencer se você quiser” (BACH, 2017, s.p.)⁶⁷.

Matéria 24: Refugee olympic athlete Yusra Mardini appointed UNHCR goodwill ambassador (28 de abril de 2017)

Yusra Mardini se tornou a mais jovem Embaixadora da Boa vontade das Nações Unidas em 2017. O texto traz as falas do alto comissário para refugiados, além da própria Yusra, reproduzidas a seguir:

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados Filippo Grandi disse: ‘Yusra é uma jovem profundamente inspiradora. Através de sua poderosa história, Yusra representa as esperanças, os medos e o incrível potencial de mais de 10 milhões de jovens refugiados ao redor do mundo’. Um exemplo notável da resiliência e determinação das pessoas deslocadas à força para reconstruir suas vidas e contribuir para suas comunidades anfitriãs, a atleta olímpica refugiada, que recebeu asilo na Alemanha, quer ‘continuar espalhando a mensagem de que os refugiados são apenas pessoas normais vivendo através de circunstâncias traumáticas e devastadoras, que são capazes de coisas extraordinárias se apenas dada a chance’. (COI, 2017, s.p. tradução nossa)⁶⁸.



Figura 35: Yusra Mardini, atleta do Time Olímpico de Refugiados, Embaixadora da Boa vontade da ONU
Fonte: COI, 2017

Descrita pelo enunciador como uma “extraordinária e inspiradora voz para os refugiados em todo o mundo”, a atleta personifica o modelo de refugiado normativo buscado pelo COI, ao defender o discurso do mérito, da perseverança e representar a imagem heróica e resiliente do bom refugiado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos a analisar a midiaticização da questão dos refugiados nos Jogos Olímpicos 2016 através do Time Olímpico de Refugiados, nos deparamos com um contexto que nos permitiu pensar a questão a partir de um lugar diferente e interessante.

Nossa pesquisa é desenvolvida tendo em vista a ambiência complexa da midiaticização em curso, o que nos possibilitou observar nosso objeto em um cenário em transformação, onde os atores sociais e a mídia constroem sentidos acerca dos fenômenos sociais a partir de dinâmicas de atravessamentos. Desse modo, as migrações e todo o conjunto de problemáticas e desafios que elas trazem aparecem como temática importante e que precisa ser pensada. Apresentamos aqui uma síntese do que alcançamos a partir das reflexões realizadas acerca dos discursos produzidos pelo *United Nations High Commissioner for Refugees* e pelo Comitê Olímpico Internacional.

Consideramos que abordar a questão migratória no contexto de realização dos Jogos Olímpicos é interessante exatamente pelo contraste que a situação apresenta. Se de um lado temos uma temática densa, conflituosa, que tem gerado debates em diversos campos sociais, do outro temos o cenário onde essa questão é explorada, um megaevento esportivo o qual, tradicionalmente, é associado à ideia de confraternização, boa convivência entre os diferentes, um espaço que inspira leveza e diversão, mas também superações pessoais e conquistas por mérito. E é nesse contexto que os discursos sobre os refugiados se desenham a partir do olhar das duas organizações citadas.

Conforme nos diz Fausto Neto (2017), tendo em vista o acelerado processo de midiaticização em curso, não é possível ignorar as interpenetrações discursivas entre diversos sistemas, uma vez que as “práticas sociais estão entrelaçadas pelas discursividades sociais”. Dentre os aspectos que buscamos elucidar por meio deste trabalho estão a construção discursiva dos refugiados do TOR, com especial atenção aos silenciamentos operados pelas organizações, bem como a normatização desses refugiados por meio do seu enquadramento em um modelo ideal pretendido.

Tal silenciamento decorre da fragmentação da narrativa migratória dos sujeitos, cujo contexto é apresentado de modo parcial. Assim, as organizações apenas sinalizam a existência de conflitos e situações que produzem deslocamentos de populações de refugiados, ocultando as particularidades de cada processo, de cada região onde esses deslocamentos ocorrem, sendo que é justamente nelas que devemos encontrar as causas desse fenômeno.

Não nos parece possível pensar a questão dos refugiados dissociada dos aspectos histórico, político, social, econômico, cultural, etc., que a permeiam e que são o que a tornam

tão complexa. No entanto, o que percebemos a partir dos discursos produzidos e postos em circulação pelas duas organizações é justamente esse movimento de silenciamento de tais questões que são especialmente incômodas para as nações economicamente mais desenvolvidas do ocidente.

Agier (2011, p. 4, tradução nossa)⁶⁹ afirma que as atuais políticas migratórias têm como objetivo consolidar uma divisão da humanidade em duas categorias: “de um lado, um mundo limpo, saudável e visível; de outro, o mundo dos ‘remanescentes’ residuais, sombrio, doente e invisível”. Acreditamos que tal dinâmica pode ser observada nos discursos aqui analisados: nas matérias produzidas e divulgadas pelas organizações identificamos um esforço enunciativo que visa eleger perfis viáveis de refugiados.

No atual cenário migratório, como vimos com Wenden (2016), o reconhecimento dos refugiados segue a dupla tendência humanitária e securitária. Os perfis construídos a partir das narrativas apresentadas nas duas páginas apontam para a mediação de um sujeito que é herói, na medida em que é capaz de vencer as situações mais adversas, como vimos com os relatos sobre a nadadora síria Yusra Mardini. O refugiado dos discursos é um sujeito útil, pois tem disposição para mudar, ajustar-se ao novo lugar, é resiliente e, por isso, se esforça para adaptar-se à nova vida, como aconteceu com Rami e Yonas.

São ainda sujeitos gratos aos dispositivos humanitários, aqui representados pelo UNHCR e pelo COI, os quais são responsáveis por prestar auxílio, mesmo que tal auxílio se restrinja a viabilizar apenas condições mínimas de sobrevivência nos campos de concentração de refugiados espalhados por regiões marginais do planeta. Isso fica especialmente demonstrado nas falas dos corredores sul-sudaneses, como Pur Biel, por exemplo.

Nos discursos mediados há uma lacuna que separa o momento em que esses sujeitos deixam de ser refugiados e tornam-se atletas, um movimento que se faz a partir do silenciamento das facilidades ou dificuldades com as quais se deparam em sua acolhida nos países de refúgio, pois não é apresentado o contexto em que esses sujeitos são recepcionados.

Vimos frequentemente nos discursos dos atletas a necessidade em afirmar-se como ser humano, reivindicando o direito básico de ter sua humanidade reconhecida. Em acordo com Bauman (2017, p. 84), a desumanização que produz esses refugiados abre caminho para sua exclusão da categoria de “seres humanos legítimos, portadores de direitos, e leva, com nefastas consequências, à passagem do tema da migração da esfera da ética para a das ameaças à segurança, prevenção e punição do crime, criminalidade, defesa da ordem [...]”.

O risco da mediação de tais modelos pretendidos de refugiados está na desqualificação de outras experiências que eles sugerem. Ao evidenciar um sujeito que é

senhor de seu destino, capaz de sozinho, resolver suas questões e que não lamenta suas mazelas, as organizações desqualificam as vivências distintas de outros refugiados por meio de discursos que deslegitimam seus sofrimentos quando os colocam em contraste com os exemplos bem-sucedidos dos refugiados olímpicos.

Assim, UNHCR e COI, a partir da midiaticização do time incorrem em operações de controle sobre as narrativas dos refugiados na medida em que silenciam as particularidades de suas vivências migratórias, por meio do esforço de homogeneização desses sujeitos. Deste modo, entendemos que a midiaticização da questão dos refugiados a partir do olhar das duas organizações concorre não somente para a sensibilização do público em relação à situação desses sujeitos, mas para a normatização dos refugiados que, se quiserem ser aceitos, deverão se esforçar para se encaixar no perfil ideal midiaticizado.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. Refugiados diante da nova ordem mundial. In: **Tempo Social** / Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov 2006. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12521/14298> Acesso em 23 abr. 2017.

_____. **On the margins of the world: the refugee experience today.** Polity, 2008.

_____. **Managing the undesirables: refugee camps and humanitarian government.** Polity, 2011.

_____. Uma exceção redobrada. Espaços, tempo e atores do governo humanitário. In: **Desigualdade & Diversidade** / Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 11, ago/dez, 2012, pp. 11-22. Silvia Naidin (Trad.). Disponível em <<http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/2artigo11.pdf> > Acesso em 30 de mar. 2018.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Atajar la crisis global de refugiados: de eludir a repartir la responsabilidad.** Disponível em <<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2016/10/POL4049052016SPANISH.pdf>>. Acesso em 22 abr. de 2017.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004. Disponível em <https://docs.google.com/file/d/0B4UG_F2QeFUId2RRWGFkQ2kzb28/edit> Acesso em 23 jun. 2017.

BRAGA, J. L. Sobre "mediatização como processo interacional de referência". In: **Animus** / Revista Interamericana de Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, v. V, n. 2, p. 9-35, jul/dez 2006. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050#page=9>> Acesso em 25 maio 2017.

_____. A constituição do campo da comunicação. In: **Verso e Reverso**, XXV(58):62-77, janeiro-abril 2011, Unisinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924/147>> Acesso em: 14 abr. 2016.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Mediatização.** Org. Jeder Janotti Junior; Maria Ângela Mattos; Nilda Jacks. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

_____. Lógicas da mídia, lógicas da mediatização? In: **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones.** (Org.) Antônio Fausto Neto, [et.al.], Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2015. Disponível em <<http://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/4965> > Acesso em: 14 jan. 2018.

COGO, D. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília: CSEM, 2006.

COI. **UN General Assembly includes sport in Post-2015 Sustainable Development goals**. COI, 2015. Disponível em <<https://www.olympic.org/news/un-general-assembly-includes-sport-in-post-2015-sustainable-development-goals>> Acesso em 28 jun. 2017.

_____. **The International Olympic Committee: the organisation**. 2017. Disponível em <<https://www.olympic.org/about-ioc-institution>> Acesso em 31 maio 2017.

_____. **The International Olympic Committee: promote olympism in society**. 2017. Disponível em <<https://www.olympic.org/the-ioc/promote-olympism>> Acesso em 26 jun. 2017.

_____. **UN General Assembly approves Olympic Truce for Olympic Games Rio de Janeiro 2016**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/un-general-assembly-approves-olympic-truce-for-olympic-games-rio-de-janeiro-2016> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee athletes on the road to Rio**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-athletes-on-the-road-to-rio> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Team of Refugee Olympic Athletes (ROA) created by the IOC**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/team-of-refugee-olympic-athletes-roa-created-by-the-ioc> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **The inspirational olympic journey of refugee swimmer Yusra Mardini**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/the-inspirational-olympic-journey-of-refugee-swimmer-yusra-mardini> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Syrian swimmer Ibrahim carried torch for the refugees of the world**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/syrian-swimmer-ibrahim-carried-torch-for-the-refugees-of-the-world> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-to-shine-spotlight-on-worldwide-refugee-crisis> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **IOC president joins members of Refugee Olympic Team to see their rooms in the Olympic Village**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/ioc-president-joins-members-of-refugee-olympic-team-to-see-their-rooms-in-the-olympic-village> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **IOC stands with refugees on World Refugee Day**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/ioc-stands-with-refugees-on-world-refugee-day> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **IOC president briefs Refugee Olympic Team officials ahead of Rio 2016**. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/ioc-president-briefs-refugee-olympic-team-officials-ahead-of-rio-2016> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Syrian refugee Mardini swims for joy after swimming for her life.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/syrian-refugee-mardini-rot-swims-for-joy-after-swimming-for-her-life> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee Olympic Athletes deliver message of hope for displaced people.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-athletes-deliver-message-of-hope-for-displaced-people> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee Olympic Team flagbearer announced.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-flagbearer> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Kakuma refugee camp tunes in to watch opening ceremony of the Olympic Games Rio 2016.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/kakuma-refugee-camp-tunes-in-to-watch-opening-ceremony-of-the-olympic-games-rio-2016> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee Olympic Team swimmer anis fulfils his dream.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/rot-swimmer-anis-fulfils-his-olympic-dream> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Kakuma refugee camp proud of their athletes' exploits in Rio.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/kakuma-refugee-camp-proud-of-their-athletes-exploits-in-rio> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **UN Secretary-General praises International Olympic Committee for Refugee Olympic Team.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/un-secretary-general-praises-international-olympic-committee-for-refugee-olympic-team> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee olympic team athlete introduces president of the United States at the Leaders' Summit on Refugees in New York.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-athlete-introduces-president-of-the-united-states-at-the-leaders-summit-on-refugees-in-new-york> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **President Bach and members of Refugee Olympic Team take part in un human rights event.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/president-bach-and-members-of-refugee-olympic-team-take-part-in-un-human-rights-event> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Tegla Loroupe, Refugee Olympic Team chef de mission in Rio, honoured by the UN.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/tegla-loroupe-refugee-olympic-team-chef-de-mission-in-rio-honoured-by-the-un> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **The Cyprus Olympic Committee organises a day of sport for child refugees.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/the-cyprus-olympic-committee-organises-a-day-of-sport-for-child-refugees> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **First-ever Refugee Olympic Team sends message of hope.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/first-ever-refugee-olympic-team-sends-message-of-hope> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **The Refugee Olympic Team, a symbol of hope.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/the-refugee-olympic-team-a-symbol-of-hope> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee Olympic Team a symbol of unifying power of sport on international day of sport for development and peace.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-a-symbol-of-unifying-power-of-sport-on-international-day-of-sport-for-development-and-peace> > Acesso em 06 abr. 2018.

_____. **Refugee olympic athlete Yusra Mardini appointed UNHCR Goodwill Ambassador.** Disponível em < <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-athlete-yusra-mardini-appointed-unhcr-goodwill-ambassador> > Acesso em 06 abr. 2018.

COSTA, A. L. M. C. **Refugiados: o êxodo do século XXI.** Carta Capital, 2015. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/871/o-exodo-do-seculo-xxi-3395.html>> Acesso em 7 jun. 2017.

Drubscky, L. **Entenda o que é hashtag (#) para que elas servem e como utilizá-las.** Marketing de Conteúdo, 2017. Disponível em < <https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-hashtag/> > Acesso em 28 mar. 2018.

FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social, prática de sentido. In: 15º Encontro Anual da **COMPÓS** - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 2006. Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf> Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. In: **Matrizes** / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>> Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. **Epistemologia do zigue zague.** In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2009. v.cd. p.s/n.

_____. Miatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: **Mediação e Miatização.** Org. Maria Ângela Mattos [et. al]. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

_____. **Metodologia nas sociedades em midiatização.** (Informação oral). Conferência de encerramento do II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

_____. Revés na midiatização. In: **Comunicação, Identidade e Subjetividades.** Org. Gustavo Said; Monalisa Xavier. Teresina: EDUFPI, 2017.

FISCHER, R. M. B. Foucault. In: **Estudos do discurso: perspectivas teóricas.** Org. Luciano Amaral Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FREITAS, R. F.; LINS, F.; SANTOS, M. H. C. **Megaevento: uma lógica de transformação social.** In: **Megaeventos, comunicação e cidade.** Org. Ricardo Ferreira Freitas [et. al.]. Curitiba: CRV, 2016.

GASTALDO, E. **Uma Arquibancada Eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil.** 2005. Disponível em <<http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/uma-arquibancada-eletronica-reflexoes-sobre-futebol-midia-e-sociabilidade-no-brasil.pdf>> Acesso em 26 abr. de 2016.

GOMES, P. G. **A Filosofia e a ética da comunicação na midiaticização da sociedade.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

GURGEL, A. A imagem do esporte-espetáculo: breve estudo sobre os jogos imagéticos na campanha pró-Olimpíada Rio 2016. In: **Comunicação e Esporte: reflexões.** Org. Anderson Gurgel [et. al.]. São Paulo: Intercom, 2012.

_____. **A economia das imagens do esporte: produção, reprodução e valoração de bens imagéticos nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos.** São Paulo: PUC, 2014. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4606>> Acesso em 14 mar. de 2017.

MACIEL, E. **Chegada de refugiados faz xenofobia crescer mais de 600% no Brasil, mas nem 1% dos casos chega à Justiça.** HuffPost Brasil, 20 jun. 2016. Disponível em <http://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/chegada-de-refugiados-faz-xenofobia-crescer-mais-de-600-no-bras_a_21688171/> Acesso em 30 maio 2017.

MARINUCCI, R. Breve panorama das migrações internacionais entre 1980 e 2005. **CSEM / Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios,** 2007. Disponível em: <http://www.csem.org.br/2008/roberto_marinucci_migracoes_contemporaneas_de_1980_a_2005.pdf> Acesso em: 12 out. 2017.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Migrantes no norte da África são vendidos em mercados de escravos na Líbia, denuncia ONU.** 2017. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/migrantes-no-norte-da-africa-sao-vendidos-em-mercados-de-escravos-na-libia-denuncia-onu/>> Acesso em 05 jul. 2017.

O GLOBO. **Finlandeses nacionalistas jogam pedras em ônibus de refugiados.** 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/finlandeses-nacionalistas-jogam-pedras-em-onibus-de-refugiados-17609435>> Acesso em 07 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** ONU, 2015. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>> Acesso em 28 jun. 2017.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

ROCHE, M. **Mega-events and modernity: perspectives and themes.** In: **Mega-Events and Modernity: Olympics and expos in the growth of global culture.** Londres: Routledge, 2000, p. 1-30. Disponível em <www.caledonianblogs.net/mefi/files/2011/01/Roche-Chapter.pdf> Acesso em 28 jun. 2017.

SASSEN, S. Três migrações emergentes: uma mudança histórica. In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**. Dossiê SUR sobre Migrações e Direitos Humanos, v.13, n.23, 29-42, 2016. Disponível em <<http://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/2-sur-23-portugues-saskia-sassen.pdf>> Acesso em 21 set. 2017.

SILVA, J. O. da. Charaudeau. In: **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. Org. Luciano Amaral Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

UNHCR. **History of UNHCR**. 2017. Disponível em <<http://www.unhcr.org/history-of-unhcr.html>> Acesso em 31 maio 2017.

_____. **Global Trends: Forced displacement in 2016**. 2017. Disponível em <<http://www.unhcr.org/5943e8a34>> Acesso em 10 jul. 2017.

_____. **Syrian refugee eyes Rio Olympics**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/stories/2016/3/573c45ae4/syrian-refugee-eyes-rio-olympics.html>>. Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **An Olympic dream, shattered**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/stories/2016/4/573af4634/an-olympic-dream-shattered.html>> Acesso em 31 mar. de 2018.

_____. **Bearing the Olympic torch**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/stories/2016/4/5735f6de4/bearing-the-olympic-torch.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **These 10 refugees will compete at the 2016 Olympics in Rio**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/575154624/10-refugees-compete-2016-olympics-rio.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Refugee athletes set out for Rio Olympics, and history**. 2016. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/7/5799ece74/refugee-athletes-set-rio-olympics-history.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Refugee team takes centre stage ahead of Opening Ceremony**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57a0c07d4/refugee-team-takes-centre-stage-ahead-opening-ceremony.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Rogge praises young refugees, hails sport**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57a3c6a24/rogge-praises-young-refugees-hails-sport.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Countdown to Rio 2016: Refugee Olympic Team prepares for historic debut**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/578e20187/countdown-rio-2016-refugee-olympic-team-prepares-historic-debut.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Team Refugees: Champions against all odds.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/videos/2016/8/57a36f194/team-refugees-champions-against-odds.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Refugee Olympic Team makes history at Rio Games.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57a4accd4/refugee-olympic-team-makes-history-rio-games.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Popole makes history – twice – at Rio Games.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57acfb444/popole-makes-history-twice-rio-games.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **As Games near end, Team Refugees looks to the future.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57b51e674/games-near-end-team-refugees-looks-future.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Historic Olympics come to an end in style for Team Refugees.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/8/57ba85674/historic-olympics-end-style-team-refugees.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

_____. **Team Refugees: Looking to the future.** Disponível em <
<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/12/585bdbbc4/team-refugees-looking-to-the-future.html> > Acesso em 31 mar. 2018.

UNRWA. **UNRWA: United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees.** Disponível em <http://unrwa.org.br/sobre_a_unrwa/> Acesso em 10 jul. 2017.

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos**, 1997, pp.9-16. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01488522/document>> Acesso em: 25 maio 2017.

_____. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

WENDEN, C. W. As novas migrações. In: **Revista Internacional de Direitos Humanos.** Dossiê SUR sobre Migrações e Direitos Humanos, v.13, n.23, 17-28, 2016. Disponível em <<http://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/1-sur-23-portugues-catherine-wihtol-de-wenden.pdf>> Acesso em 21 set. 2017.

XAVIER, M. P. **A consulta transformada:** experimentações de dispositivos interacionais "psi" na sociedade em midiatização. São Leopoldo: Unisinos, 2014. Disponível em <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4774/monalisaXavier.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 30 jun. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXOS

NOTAS DE CITAÇÕES

1 “[...] muchos de los Estados más ricos del mundo son los que menos refugiados acogen, tanto en números absolutos como em relación com su tamaño y riqueza. Por ejemplo, Reino Unido ha admitido a unos 8.000 sirios desde 2011, mientras que Jordania – con una población casi 10 veces menor que Reino Unido y solo el 1,2 % de su PIB– acoge a cerca de 656.000 refugiados de Siria. Al final de 2015, la población total de personas refugiadas y solicitantes de asilo em la rica Australia es de 58.000, frente a las 740.000 de Etiopía. Esta situación es intrínsecamente injusta y menoscaba los derechos humanos de las personas refugiadas.” (AMNESTY INTERNATIONAL, 2016, p. 3).

2 “Their participation in the Olympics is a tribute to the courage and perseverance of all refugees in overcoming adversity and building a better future for themselves and their families” (UNHCR, 2016, s. p.).

3 TEAM OF REFUGEE OLYMPIC ATHLETES (ROA) CREATED BY THE IOC

The Executive Board (EB) of the International Olympic Committee (IOC) today created a team of Refugee Olympic Athletes for the Olympic Games Rio 2016. It will be treated at the Olympic Games like all the other teams of the 206 National Olympic Committees (NOCs). [...] As part of the IOC’s pledge to aid potential elite athletes affected by the worldwide refugee crisis, the NOCs were asked to identify any refugee athlete with the potential to qualify for the Olympic Games Rio 2016. Such candidates could then receive funding from Olympic Solidarity to assist with their preparations and qualification efforts. (COI, 2016, s. p.).

4 Forty-three promising candidates have been identified, whom the IOC is now assisting. In view of the complexity of the process and in order to allow sufficient time to finalise and consolidate all the necessary information about these candidates, the EB decided today to close the call for new candidatures. Only under exceptional circumstances requiring the approval of the IOC President will new candidates be considered. (COI, 2016, s. p.).

5 “sporting level, official refugee status verified by the United Nations, and personal situation and background” (COI, 2016, s. p.).

6 They also contribute to understandings and experiences of 'one world' through their capacity to carry universalistic meanings and ideals. These include those associated with the benefits of peaceful cultural exchange between nations, ethnic and ideological communities (expos and Olympics), scientific and technological 'progress' (expos), human 'progress' and the value of personal and national achievement and recognition through rule-governed competition (Olympics and sport). (ROCHE, 2000, p. 26).

7 Three-and-a-half hours later, the sisters and two other passengers, who had joined them in the water and copied their actions, were still swimming, kicking the dinghy slowly towards the shore of Europe. They were frozen and exhausted, but took strength from their determination not to let anyone die. (UNHCR, 2016, s. p.).

8 Her eyes shine as she recalled the heroic act she and her sister carried out.

“It would have been shameful if the people on our boat had drowned,” she told UNHCR, the UN Refugee Agency. “There were people who didn’t know how to swim. I wasn’t going to sit

there and complain that I would drown. If was going to drown, at least I'd drown proud of myself and my sister.” (UNHCR, 2016, s. p.).

9 *“I’m going to make them proud,” Yusra said. “I want to represent all the refugees because I want to show everyone that, after the pain, after the storm, comes calm days. I want to inspire them to do something good in their lives.”*

“I want everyone not to give up on their dreams and do what they feel in their hearts,” she added. “Even if it’s impossible, even if they don’t have the right conditions, you never know what will happen, just keep trying. Maybe you’ll get a chance like I did. Or maybe you’ll make your own chance.” [...] IOC President Thomas Bach told the UN General Assembly last October: “We help [high-level refugee athletes] to make their dream of sporting excellence come true, even when they have to flee from violence and hunger...”

He added: “This will be a symbol of hope for all the refugees in our world, and will make the world better aware of the magnitude of this crisis.” (UNHCR, 2016, s. p.).

10 *“Of course I miss Syria,” she said. “I think after the war stops I will go back with experiences, with everything, and I will teach everyone what I had here in Germany.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

11 *It is a story of ambition and drive, and the refusal to accept that poverty, repression, threats and violence cannot be overcome. (UNHCR, 2016, s. p.).*

12 *Somalia was no place for a young woman from a poor background with sporting ambitions. Wracked by fighting between government forces, clan warlords and Islamist rebels, the country had no proper sports facilities. The capital’s main stadium lay in ruins and Samia suffered harassment from militants. [...] “Her family was targeted because of her role as an athlete. The national team were seen as connected to the government.” Hardline rebels are opposed to women wearing shorts, which they deem immodest. (UNHCR, 2016, s. p.).*

13 *“Sometimes refugees are on this trip for years. It’s not like they go by bus and are dropped at the beach. No, these are horrible stories, going back and forth, sent back, kidnapped.” [...] “I tried to be as close as possible to what could have happened. I filled the gaps, but I didn’t just want to make them up so I used the experience of other refugees to make it more truthful.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

14 *Speaking of the war, his accident and recovery is difficult. In his small apartment in central Athens, which he rents by himself, Ibrahim keeps no photos or mementos from Syria. The memories are too painful. Nor does he speak of his family members back home; he has lost contact with many of them. “My eyes only look forward,” Ibrahim says. “I can’t think of the past. If I remember all those things behind me, it will slow me down.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

15 *The initiative comes at a time when more people than ever – 59.5 million at last count – are being forced to flee their homes to escape conflict and persecution. The squad representing them in Rio hopes to give the world a glimpse of their resilience and untapped talent. (UNHCR, 2016, s. p.).*

16 *“Judo never gave me money, but it gave me a strong heart,” she says. “I got separated from my family and used to cry a lot. I started with judo to have a better life.” (MABIKA, 2016, s. p.).*

17 *“I am so happy,” he says. “I know I am racing on behalf of refugees. I was one of those refugees there in the camp, and now I have reached somewhere special. I will meet so many people. My people will see me on the television, on Facebook.” Still, his aim is simple: “If I perform well, I will use that to help support my family, and my people.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

18 *“I focused on my country, South Sudan, because we young people are the people who can change it,” he says. “And secondly, I focused on my parents. I need to change the life they are living.” [...] “I can show to my fellow refugees that they have a chance and a hope in life. Through education, but also in running, you can change the world.” (BIEL, 2016, s. p.).*

19 *“In my country, I didn’t have a home, a family or children. The war there caused too much death and confusion, and I thought I could stay in Brazil to improve my life.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

20 *Now she wants to run well in Rio de Janeiro, and then earn places at major international races with significant prize money. “If you have money, then your life can change and you will not remain the way you have been,” Anjelina says. The first thing she would do with a big win? “Build my father a better house.” (UNHCR, 2016, s. p.).*

21 *“It gives me hope to continue to train and to work hard and then to be a champion one day, and one time to represent my country, because I will not be a refugee for ever and I know that,” (UNHCR, 2016, s. p.).*

22 *“We will show that even though we are refugees, we are still human beings” (UNHCR, 2016, s. p.).*

23 *“Sports cannot do everything in the world. But sports can definitely create an atmosphere of peace, and mutual respect,” he added. “So people coming from different ethnic groups, different regions, languages and cultures live peacefully and friendly together.” [...] “With UNHCR,” Rogge said, “I will continue visiting camps and making assessments of the possibilities in terms of sports and together with UNHCR, to make sure we make the necessary investments on sports... There is a very strong relationship between IOC and UNHCR. (UNHCR, 2016, s. p.).*

24 *“I was so nervous, waiting for them and I was really, how can I say, full of expectation, how the crowd, the huge crowd of the Maracana stadium would react and I must say I wasn’t disappointed because when the refugee team was announced by the speaker in three languages, everybody stood up and clapped. And it says a lot about the strength of solidarity not just in this country but worldwide,” he said. (UNHCR, 2016, s. p.).*

25 *Rose, who from the age of eight, grew up in Kakuma refugee camp in Kenya’s inhospitable far north, says life there has been tough. But with the help of others, she has overcome many challenges and become an example to other refugees worldwide of what can be achieved.*

“Although we are facing challenges, really we are happy because UNHCR are the ones giving us facilities, basic needs, shelter, food. We are really happy. Same with education, they provide that to refugees,” she said. (UNHCR, 2016, s. p.).

26 Yusra, who this time last year swam for her life when the inflatable dinghy she boarded to cross from Turkey to Greece started sinking, said: “Thank you (IOC) for being here today, for the decision you made... (to) allow us to be here in this peace event that is the Olympics. Thank you to everyone who gave us the chance to be here to follow our dreams again.” [...] Pur Biel, a runner from South Sudan who has been a refugee for half of his life, said he considered the IOC and UNHCR to be like the parents he barely knew.

“People think we do nothing in a refugee camp, but we do. We can never forget what IOC and UNHCR made for us, being like a mother and a father. We feel belonging to the community, as human beings. This is the beginning of life and will change our life forever. Thank you all and God bless you.” (UNHCR, 2016, s. p.).

27 “We do not speak the same language (and) we are from different countries, but the Olympic flag unites all of us together and now we are representing some 60 million people around the world. We are really happy together, as a team. We want to do our best to show everyone that we can do everything we can for being good athletes and good people,” she told UNHCR in a recent interview. (UNHCR, 2016, s. p.).

28 The crowd went wild. Children danced, women wept and ululated, men banged drums and hugged each other. (UNHCR, 2016, s. p.).

29 Popole and his compatriot Yolande Mabika, who had fought earlier but lost her bout, were especially important to this crowd. Most of the 1,000 or so Congolese refugees in Rio de Janeiro have passed through this support centre, which is run by UNHCR’s implementing partner, Caritas.

“They all have problems of adjustment, language and trauma, and we help them as best we can. We support their basic needs and help them get back on their feet,” said Caritas organizer Diogo Felix. (UNHCR, 2016, s. p.).

30 “Life has been tough, but Caritas and UNHCR have helped me get back on my feet.” (UNHCR, 2016, s. p.).

31 Yolande Mabika remembers running for her life when rebels attacked her home in Bukavu, in eastern Congo, more than 20 years ago. She was eight. That was the last time she saw her family. They had scattered in other directions. (UNHCR, 2016, s. p.).

32 Rio de Janeiro demonstrated this support this week by unveiling a mural, painted by street artists, of all 10 members of the refugee team. It covers the walls of an old warehouse in the previously neglected old port area, which the City Council intends to rejuvenate as an enduring tribute to the 2016 Olympics. It will last long after the athletes, spectators and media have gone. (UNHCR, 2016, s. p.).

33 For Yiech Pur Biel, the Olympics did more than allow him to showcase his sporting prowess on a world stage. It was a passage into the history books and an incredible experience that reconnected him with his family after almost 12 years.

He had been separated from them when he fled South Sudan in 2005. Through social media his mother found out that he was in Rio and, with UNHCR's help, managed to re-establish contact.

"It was a great thing to speak to my mother after 12 years," he said. (UNHCR, 2016, s. p.).

34 *"My situation is very difficult. My family is in Ethiopia still. My goal is to have a job with [a full-time] contract... I want to bring my wife and my daughter to Luxembourg. (UNHCR, 2016, s. p.).*

35 *"He told us to forget the life that you passed through before and focus on what you are going to be in future," the South Sudanese refugee recalled. "Work hard and respect others." (UNHCR, 2016, s. p.).*

36 *"I'm alive! I'm alive!" he shouted into his mobile when he received a call from one of his brothers.*

"This was the most important thing for me since the end of the Games. I want to take my two brothers and one sister from DRC to Rio," he said. "They also deserve the chance to rebuild their lives in another country," Popole told UNHCR. (UNHCR, 2016, s. p.).

37 *The goal of the Olympic Movement is to contribute to building a peaceful and better world by educating youth through sport practiced without discrimination of any kind and in the Olympic spirit, which requires mutual understanding with a spirit of friendship, solidarity and fair play. (COI, 2017, s. p.).*

38 *"having no national team to belong to, having no flag to march behind, having no national anthem to be played, these refugee athletes will be welcomed to the Olympic Games with the Olympic flag and with the Olympic anthem. They will have a home together with all the other 11,000 athletes from 206 National Olympic Committees in the Olympic Village. This will be a symbol of hope for all the refugees in our world, and will make the world better aware of the magnitude of this crisis." (COI, 2015, s. p.).*

39 *"By welcoming the team of Refugee Olympic Athletes to the Olympic Games Rio 2016, we want to send a message of hope for all refugees in our world" (COI, 2016, s. p.).*

40 *Yusra says that developing her talent as a swimmer was challenging in Syria. "The war was hard; sometimes we couldn't train because of the war. Or sometimes you had training but there was a bomb in the swimming pool," she said. (COI, 2016, s. p.).*

41 *She said: "I think first of all I want to do it for all the people; I want to inspire everyone. When you have a problem in your life, it doesn't mean you have to sit around and cry like babies or something. The problem was the reason I am here, and why I am stronger and want to reach my goals. So I want to inspire everyone that [they] can do what they believe in their hearts." (COI, 2016, s. p.).*

42 *It was his father, a swimming coach, who first instilled a love of the water in Ibrahim and all of his 13 siblings. The family lived on the banks of the Euphrates, and the iconic river often served as Ibrahim's local pool, while the famous Deir ez-Zor suspension bridge was his diving board.*

"I used to climb to the top, dive into the water and swim in the river," recalls Ibrahim. He kept swimming competitively into adulthood, while working full-time as an electrician. Then

in 2011 came the war. One day, Ibrahim rushed outside to help a friend who had been severely injured, only to be hit by a bomb. Most of his right leg had to be amputated. The following year he fled to Turkey, where he set about teaching himself to walk again. (COI, 2016, s. p.).

43 The soldiers are looking for people and children. Even if you are 10 years old they can recruit you to join them. So I saw that I was not well enough to join them, so it was better that I look for somewhere else (NYANG, 2016, s. p.).

44 It will be very good for us to live as a family in that village, because the more you live in that village the more you interact with other people you see, to see how they are living to see how they are living with other people, then you come back to your country, to Kenya, you tell other people they are living like this, then this becomes a great thing to other people (PUR BIEL, 2016, s. p.).

45 The team I am swimming with have very ethics, they treat me very well. I speak to them in English. My English isn't very good but we can understand each other. They always encourage me to train and they help me outside swimming. If I need anything, they will help with it (ANIS, 2016, s. p.).

46 There are many difficulties, morally, economically; and it's very difficult to be an athlete, and you can be crazy sometimes if you are in a refugee camp (KINDE, 2016, s. p.).

47 At the beginning, I didn't realise that the refugee life was like this. It was difficult for the moment. The other side, if you see, is we are free here. There are some problems with the refugee situation; but I remember I have a big change than before, and it's very good (KINDE, 2016, s. p.).

48 Here is not like my country, because my country can't offer all of that, but here they are offering a lot of things and they can support you the right way. And yeah, I think I could do whatever I want to (MARDINI, 2016, s. p.).

49 You're an athlete; you don't think if you're Syrian or from London or from Germany (MARDINI, 2016, s. p.).

50 All Video News Releases on the IOC Newsroom are offered free of charge to all news agencies, broadcasters and online news platforms (COI, 2016, s. p.).

51 "By welcoming the team of Refugee Olympic Athletes to the Olympic Games Rio 2016, we want to send a message of hope to all refugees in our world" (BACH, 2016, s. p.).

52 Today – 20 June – is world refugee day. The International Olympic Committee (IOC) commemorates the strength, courage and perseverance of the over 50 million refugees across the world, and how sport can contribute to their healing. (COI, 2016, s. p.).

53 Despite everything she has been through, Solaf is a happy and lively child, who loves playing sports with her friends in the camp. "I love taekwondo, football, volleyball, basketball and skipping," says the young girl. "I'm learning taekwondo so that I can defend myself when my brother is not around." (COI, 2016, s. p.).

54 *"This Refugee Olympic Team will give hope to hope-less people. These athletes unite us all together – they are a symbol not just for sport but for the whole world. The refugee issue is not a new one, it has happened before but this team gives us all an idea of our shared humanity."* (COI, 2016, s. p.).

55 *"Was that a nightmarish memory? 'Not at all. I remember that without swimming I would never be alive maybe because of the story of this boat. It's a positive memory for me.'"* (COI, 2016, s. p.).

56 *"We still are humans. We are not only refugees. We are like everyone in the world. We can do something. We can achieve something,"* she said. *"We didn't choose to leave our homelands. We didn't choose the name of refugees... We promise again that we are going to do what it takes to inspire everyone."* (COI, 2016, s. p.).

57 *"[...] three values that are important to athletes as well as refugees: hope, courage and perseverance"* (COI, 2016, s. p.).

58 *"[...] opportunity to some 200'000 people to join the rest of the world in watching the Olympic Games and share the emotions of the 10'500 athletes who will compete in Rio over the next 16 days."* (COI, 2016, s. p.).

59 *"It's amazing to be in this team because we are representing people who have lost their homeland, who've had their homes burned, who were killed, and now we are representing them in a good way. It's an amazing feeling."* [...] *"I want to show the best possible image of refugees or Syrian people, or anyone who has suffered injustice in the world, and tell them to not lose hope -- never lose hope."* (ANIS, 2016, s. p.).

60 *I'm feeling proud about that, and because they represent us and we've been recognised by the whole world. It's a chance for the world to know that refugees they have talent, they can do something bigger even than the people that are not refugees.* (PATIENT, 2016, s. p.).

61 *Practice sport has been my refuge, it has given me the strength to fight and help my integration in to a new country, new friends and a new life* (MARDINI, 2016, s. p.).

62 *This experience also gave me a voice and the opportunity to be here. For me, I want to help change people's perceptions of what a refugee is, so everyone understands that it is not a choice to flee from your home and that refugees are normal people, who can achieve great things if they have opportunities.* (MARDINI, 2016, s. p.).

63 *"I salute here the work of UNHCR and many other organisations that recognise the importance of sport as an effective tool to engage youth. It enables us to tackle a number of key issues ranging from protection, gender-based violence, and the empowerment of girls, to education, health, trauma recovery and peace-building."* (ROGGE, 2016, s. p.).

64 *"The refugee issue is not a new one, it has happened before but this team gives us all an idea of our shared humanity."* (LOROUPE, 2016, s. p.).

65 *"Tegla is our mother, not only our leader. Most of us run because of war. Madam Tegla gives us a chance for other people to know the history of our lives. And we can forget what*

happened before. We can celebrate. We can have hope, like everyone else.” (PUR BIEL, 2016, s. p.).

66 Leaving one’s home is probably the single most difficult decision one can make. Very few refugee camps provide anything more than basic lodging and subsistence.

It is a true test for the refugees on many levels. Education for children is almost always a casualty of the situation of too few resources for too many people. Yet, I have found there is almost always a resilience among refugees that belies their circumstances, and often those in the toughest situations reveal a fortitude that far surpasses what one might expect. (BURNETT, 2017, s. p.).

67 “They were stars in a way that they demonstrated the best of human beings; they demonstrated determination; they demonstrated what you can achieve if you want to” (BACH, 2017, s. p.).

68 UN High Commission for Refugees Filippo Grandi said: “Yusra is a deeply inspiring young woman. Through her powerful story, Yusra represents the hopes, the fears and the incredible potential of the more than 10 million young refugees around the globe.”

A remarkable example of the resilience and determination of forcibly displaced people to rebuild their lives and contribute to their host communities, the refugee Olympic athlete, who has been granted asylum in Germany, wants to "continue spreading the message that refugees are just normal people living through traumatic and devastating circumstances who are capable of extraordinary things if only given the chance". (COI, 2017, s. p.).

69 “on the one hand, a clean, healthy and visible world; on the other, the world’s residual ‘remnants’, dark, diseased and invisible” (AGIER, 2011, p. 4).